

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

THAÍS GUMA PAGEL

**O ARTESANATO COMO PROCESSO POLÍTICO DO TRABALHO:
RECONSTRUINDO OS CAMINHOS DA ATIVIDADE CRIADORA PELO
VIÉS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA**

Rio Grande

2014

THAÍS GUMA PAGEL

**O ARTESANATO COMO PROCESSO POLÍTICO DO TRABALHO:
RECONSTRUINDO OS CAMINHOS DA ATIVIDADE CRIADORA PELO
VIÉS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL TRANSFORMADORA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Quintanilha Veras Neto

Rio Grande

2014

P133a Pagel, Thaís Guma

O artesanato como processo político do trabalho: reconstruindo os caminhos da atividade criadora pelo viés da educação ambiental transformadora / Thaís Guma Pagel. - 2014.

177 f.

Tese (doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Rio Grande / RS, 2014.

Orientador: Dr. Francisco Quintanilha Veras Neto

.

1. Atividade criadora 2. Trabalho alienado 3. Educação Ambiental 4. Repercussões socioambientais I. Veras Neto, Francisco Quintanilha II. Título.

CDU 504:37

Catálogo na fonte: Bel. Me. Cibele Vasconcelos Dziekaniak CRB10/1385.

Para minha mãe Daisy, pelo exemplo construído e vivido, a partir de sua atividade especialmente criadora, e por sempre estar presente, mesmo estando ausente. E para meu irmão, meu pai e minha avó pelo carinho e atenção nos momentos mais importantes da minha vida.

Para Peter, com quem aprendo, a cada dia, o especial significado da alteridade.

AGRADECIMENTOS

Um especial agradecimento ao meu orientador Francisco Quintanilha Veras Neto, por todo apoio e dedicação com o meu trabalho.

Ao meu amor, Peter Leite, pelo fundamental apoio durante todo o processo de construção deste trabalho, bem como desde muito antes disso, inclusive por me acompanhar em todas as etapas da pesquisa de campo, iluminando não só os caminhos por ele construídos, mas, também, os caminhos por onde eu ando. E, além de tudo, pelo especial e imprescindível amparo no período de finalização da tese, sempre com muito amor e, ainda, com um especial pedido de casamento.

Ao meu amigo de sempre Ricardo Gautério Cruz, pelo inicial incentivo no começo de todo esse processo, e muito mais presente, ainda, no final dele. Por ter sempre acreditado, e me ajudado a acreditar, meus nos meus sonhos. Por toda ajuda que uma pessoa pode doar à outra, sem nunca querer nada em troca.

À banca examinadora, Mirela Ribeiro Meira, Márcia Alves da Silva, Éder Dion de Paula Costa e Vanise dos Santos Gomes, pela significativa contribuição no processo de qualificação, e à banca de defesa, Márcia Alves da Silva, Aline Lemos da Cunha, Vilmar Alves Pereira, Éder Dion de Paula Costa, pelo especial carinho com meu trabalho, e principalmente pelas últimas contribuições para a finalização da tese. Agradeço muito pelos elogios em seus pareceres que fizeram meus olhos encher de lágrimas em alguns momentos durante a defesa.

Aos momentos incríveis vividos no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, desde os colegas e os maravilhosos diálogos construídos nas aulas até o momento em que as lágrimas nos cantos dos olhos inundam a alma dos

pesquisadores enquanto acontece a mais significativa construção coletiva do conhecimento.

Agradeço a CAPES, pela concessão da bolsa de estudos pelo período de dois anos, e pela constante valorização dos educandos dedicados à pesquisa.

Enfim, a todos que andaram comigo nesse caminho da Educação Ambiental e que insistem em acreditar na transformação das relações sociais e ambientais; em novas formas de ser e estar com o mundo.

RESUMO

O presente trabalho apresenta-se através da importância da atividade criadora tensionada ao trabalho alienado, seja nas relações sociais ou nas relações com o meio ambiente. Nele, busquei focar a questão da atividade criadora como contribuição ao processo político do trabalho atrelada aos princípios de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória ao visar a superação da alienação proposta pela sociedade do capital. Seu objetivo principal é a investigação de recortes de realidades simbolicamente construídos pelos artesãos do “Brique na Estação”, especialmente relacionados às transformações sociais e ambientais que priorizem a emancipação dos sujeitos e de suas gerações futuras no que se refere ao cuidado ambiental. Trago, como proposta teórica e metodológica, uma pesquisa participativa e qualitativa a partir da análise de conteúdo, através de categorias analíticas e empíricas, de acordo com Maria Cecília Minayo, de entrevistas com sujeitos artesãos da cidade de Montenegro/RS – a chamada “Cidade das Artes”. A fundamentação teórica que contribui para a compreensão do tema e do objeto de pesquisa apresenta-se, principalmente, a partir da atividade criadora em Fayga Ostrower e da Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória em Carlos Loureiro, por meio de sua busca pela superação da alienação numa sociedade que valoriza formas de reprodução do conhecimento e da conservação da realidade. A pesquisa possibilitou focar a problemática da alienação na contemporaneidade do pensamento de István Mészáros e Ricardo Antunes, como forma de suprir a necessidade da problematização da realidade historicamente construída. Marx, em seu tempo, reflete muito dos problemas da nossa atualidade e, com o auxílio de Mészáros, é possível desvelar a realidade a partir de sua historicidade. Busquei pesquisar, nas entrevistas com os sujeitos artesãos, a relação entre atividade criadora e trabalho alienado, bem como suas repercussões socioambientais, como forma de Educação Ambiental não formal, na expectativa de que tal processo não pode existir sem sujeitos pensantes e na complexidade de suas relações dialógicas com outros sujeitos e com o mundo. Assim, as tensões que encontrei satisfazem a pesquisa enquanto possibilidade de Educação Ambiental não formal na medida em que contribuem com a criticidade e a problematização da realidade. Portanto, considero que esta tensão esteve sempre presente nas entrevistas, e possibilitou o desvelamento da realidade a partir de sua problematização, principalmente através dos diversos problemas vividos pelos protagonistas das entrevistas, seja na busca por maior divulgação de seu trabalho criativo, seja na busca por transformações socioambientais.

Palavras-chave: Atividade criadora. Trabalho alienado. Educação Ambiental. Repercussões socioambientais.

ABSTRACT

This work is presented through the importance of creative activity tensioned to alienated labor, either in social relations or relations with the environment. In it, I tried to focus on the issue of creative activity as a contribution to the political process tied to the principles of a critical, transformative and emancipatory Environmental Education work to aim at overcoming alienation of capital proposed by the company. Its main objective is the investigation of clippings realities symbolically constructed by craftsmen "on Brique Station", especially related to social and environmental changes that prioritize the emancipation of individuals and their future generations in relation to environmental care. Bring, as a theoretical and methodological approach, participatory and qualitative research from the content analysis through analytical and empirical categories, according to Maria Cecilia Minayo, interviews with subject artisans from the city of Montenegro / RS - called "City the Arts." The theoretical framework that contributes to the understanding of the subject and the object of research is presented mainly from the creative activity in Fayga Ostrower and Environmental Education critical, transformative and emancipatory in Carlos Loureiro, through its quest for overcoming alienation in a society that values forms of reproduction of knowledge and conservation of reality. The research focus has enabled the problem of alienation in contemporary thought István Mészáros and Ricardo Antunes, as a way to meet the need of questioning the reality historically constructed. Marx, in his time, reflects many of the problems of our times and, with the aid of Mészáros, it is possible to unveil the reality from its historicity. Sought research, interviews with the subjects artisans, the relationship between creative activity and alienated labor, as well as their social and environmental impact, as a form of non-formal environmental education, with the expectation that such a process can not exist without thinking subjects and the complexity of their dialogical relations with other subjects and with the world. Thus, the stresses satisfy the research found that while the possibility of non-formal environmental education in that it contributes to the criticality and the questioning of reality. So consider that this tension was always present in interviews and allowed the unveiling of reality from his problematic, mainly through the various problems faced by the protagonists of the interviews, is the search for greater disclosure of your creative work, be it in the search for social and environmental transformations.

Keywords: Creative activity. Alienated labor. Environmental Education. Environmental repercussions.

RESUMEN

Esta obra se presenta a través de la importancia de la actividad creativa tensada al trabajo alienado, ya sea en las relaciones sociales o las relaciones con el medio ambiente. En él, traté de concentrarme en el tema de la actividad creativa como una contribución al proceso político ligado a los principios de un trabajo de educación ambiental crítica, transformadora y emancipadora para apuntar a la superación de la alienación de capital propuesta por la empresa. Su principal objetivo es la investigación de los recortes de la realidad simbólicamente construidos por artesanos "en la estación de Brique", especialmente relacionados a los cambios sociales y ambientales que dan prioridad a la emancipación de los individuos y sus generaciones futuras en relación con el cuidado del medio ambiente. Trae, como una aproximación teórica y metodológica, participativa y la investigación cualitativa desde el análisis de contenido a través de categorías analíticas y empíricas, según María Cecilia Minayo, entrevistas con artesanos sujetos de la ciudad de Montenegro / RS - llamado "City las Artes ". El marco teórico que contribuye a la comprensión del sujeto y el objeto de la investigación se presenta principalmente de la actividad creativa en Fayga Ostrower y Educación Ambiental crítica, transformadora y emancipadora en Carlos Loureiro, a través de su búsqueda de la superación alienación en una sociedad que valora las formas de reproducción del conocimiento y la conservación de la realidad. El enfoque de la investigación ha permitido que el problema de la alienación en el pensamiento contemporáneo István Mészáros y Ricardo Antunes, como una forma de satisfacer la necesidad de cuestionar la realidad históricamente construida. Marx, en su tiempo, refleja muchos de los problemas de nuestro tiempo y, con la ayuda de Mészáros, es posible dar a conocer la realidad de su historicidad. Investigación de mucha demanda, entrevistas con los artesanos de los sujetos, la relación entre la actividad creativa y el trabajo enajenado, así como su impacto social y ambiental, como una forma de educación ambiental no formal, con la expectativa de que un proceso de este tipo no puede existir sin sujetos pensantes y la complejidad de su relaciones dialógicas con otros sujetos y con el mundo. Por lo tanto, las tensiones satisfacen la investigación encontró que, si bien la posibilidad de la educación ambiental no formal, ya que contribuye a la criticidad y el cuestionamiento de la realidad. Así que considera que esta tensión siempre estuvo presente en las entrevistas y permitió la presentación de la realidad de su problemática, principalmente a través de los diversos problemas que enfrentan los protagonistas de las entrevistas, es la búsqueda de una mayor divulgación de su trabajo creativo, ya sea en la búsqueda de transformaciones sociales y ambientales..

Palabras claves: La actividad creativa. Trabajo alienado. Educación Ambiental. Repercusiones ambientales.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|-----|
| Figura 1 – Pesquisadora e grupo de artesãos do “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS..... | 22 |
| Figura 2 – Local de exposições do “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS..... | 39 |
| Figura 3 – Reunião do grupo de artesãos do “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS..... | 50 |
| Figura 4 – Presença dos artesãos do “Brique na Estação”, na festa de aniversário da cidade de Montenegro, no Parque Centenário em Montenegro/RS..... | 61 |
| Figura 5 – Artesão e sua obra feita de materiais reutilizados..... | 76 |
| Figura 6: Artesã M. E. expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS..... | 89 |
| Figura 7: Artesã M. F. expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS..... | 101 |
| Figura 8: Artesã R. R. expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS..... | 115 |
| Figura 9: Artesão N. A. expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS..... | 127 |

| | |
|--|-----|
| Figura 10: Artesã M. D, à direita e ao lado da artesã R. R., expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS..... | 137 |
| Figura 11: A pesquisadora, junto aos artesãos do “Brique na Estação”, participando do desfile em comemoração ao Aniversário da cidade, em Montenegro/RS..... | 155 |
| Figura 12: Artesãos na Festa de Aniversário da cidade de Montenegro, no Parque Centenário de Montenegro/RS..... | 156 |
| Figura 13: Artesãos na Festa dos Comerciantes da cidade de Montenegro, no Parque Centenário em Montenegro/RS..... | 157 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO..... | 14 |
| 1. ABORDAGEM DE PESQUISA SOBRE A REALIDADE PROBLEMATIZADA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS..... | 23 |
| 1.1. CONSTRUINDO OS CAMINHOS METODOLÓGICOS..... | 29 |
| 1.2. O “BRIQUE NA ESTAÇÃO” E A CONSTRUÇÃO DA SUA CAMINHADA POLÍTICA..... | 35 |
| 2. O CONTEXTO HISTÓRICO COMO IMPORTANTE CENÁRIO DA REALIDADE CONSTRUÍDA..... | 40 |
| 3. O TRABALHO COMO ALIENAÇÃO E ESTRANHAMENTO DO PRÓPRIO SUJEITO..... | 51 |
| 4. A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PROCESSO POLÍTICO DA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DA ATIVIDADE CRIADORA..... | 62 |
| 4.1. O ARTESANATO E SUAS CONCEPÇÕES POLÍTICAS SOBRE O PROCESSO DE TRABALHO..... | 71 |
| 5. O TRABALHO CRIATIVO COMO CAMINHO POSSÍVEL PARA A SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO..... | 77 |
| 5.1. PARA ALÉM DAS REFLEXÕES: AS ANÁLISES CATEGORIAIS..... | 87 |

| | |
|----------------------------------|------------|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 158 |
| REFERÊNCIAS..... | 163 |
| ANEXOS..... | 168 |

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa continuada, e pauta-se sobre a importância da atividade criadora tencionada frente a determinadas condições do trabalho alienado (Marx, 2006a, Mészáros, 2006, Antunes, 2011) e sua repercussão na questão ambiental. Assim, a pesquisa visa problematizar a atividade criadora a partir dos sujeitos artesãos e do artesanato, ao visar a constituição de cidadãos críticos e participativos capazes de transformação individual e coletiva. Desta forma, entendo que a atividade criadora contribui de modo significativo para os sujeitos, por tratar-se das potencialidades próprias de cada um, atrelado às suas relações sociais e às suas relações com o meio ambiente.

O tema desta pesquisa surge através da importância que atribuo à problemática da atividade criadora¹, pois somos seres criativos de forma ontológica, e desde crianças, nós somos e gostamos de ser criativos. Desta forma, minha maior busca apresenta-se através da expectativa em tentar manter e expandir cada vez mais esta característica peculiar dos sujeitos de raciocinar, sentir e agir de forma construtiva.

Por eu sempre questionar os padrões mercantis da sociedade, os quais tendem à alienação, através de fatores culturais, educacionais, políticos,

¹ Neste trabalho, opero com o conceito de atividade criadora, atualizando para a contemporaneidade da educação estética (MEIRA, 2003). Historicamente, a palavra de ordem criatividade era assim definida: Capacidade inerente a todo indivíduo de criar, inventar coisas novas. Para alguns significa também a capacidade das pessoas de divergirem dos padrões consagrados com vistas à criação do novo ou de novas formas de pensar (ANTUNES, Celso. Glossário para Educadores(as). Petrópolis, RJ: Vozes, 2001).

econômicos e socioambientais, penso serem estes padrões frutos de representações feitas por nós, sujeitos que constituem tal sociedade, ou seja, do mesmo modo no qual surgem esses padrões, há a possibilidade de revertê-los para além de uma lógica do capital (MÉSZÁROS, 2009b), pois essa busca por padrões mercantis apenas gera concorrência, degradação e desvalorização dos indivíduos e do ambiente ao refletir diretamente nas potencialidades próprias de cada sujeito e nas suas relações com o outro, afetando, ainda, de forma intolerável, o meio ambiente através de sua exploração em prol de um padrão, principalmente, consumista.

Desta forma, este trabalho visa problematizar a realidade dos sujeitos artesãos da cidade de Montenegro/RS – a chamada “Cidade das Artes” – com o intuito de provocar transformações sociais e ambientais a partir da atividade criadora como contribuição a uma Educação Ambiental não formal. O artesanato² como atividade criadora e não alienada pode apresentar-se através de um comprometimento político com a realidade problematizada na mesma medida em que permite ao sujeito a contemplação das próprias possibilidades e, conseqüentemente, a construção de sua autonomia.

Acredito que o indivíduo possa, a partir dele mesmo e para além dessa lógica do capital, melhor compreender as relações sociais e as relações com o meio ambiente e, intrinsecamente, construir sua autonomia (FREIRE, 1996) e sua criticidade sobre a realidade que o cerca, buscando, assim, a transformação dessa realidade (LOUREIRO, 2004). Assim, este estudo sobre a atividade criadora pauta-se, ainda, por explorar as possíveis relações socioambientais que os sujeitos estabelecem através da problematização do próprio trabalho e de sua realidade.

Ressalto que a história desta construção apresenta-se através da concepção que atribuo à atividade criadora e o que isto implica nas minhas experiências. Como artesã comprometida hoje com a arte das palavras, e num passado não tão distante através de produtos artesanais fabricados e expostos por mim na praia do Cassino, em Rio Grande/RS, entre os anos de 1998 e 2001. Entendo por criatividade a capacidade do homem de se desenvolver e se transformar a partir de si próprio,

² Neste estudo, trabalho com o conceito de artesanato voltado para o trabalho manual dos próprios artesãos.

sempre na intrínseca interação com seu meio, e assim transformar a realidade visando uma melhor qualidade nas suas relações.

Assim, acredito que todos somos criativos de formas diferentes, da forma que escolhemos (e)ou necessitamos ser. Sinto-me, então, pertencente ao conceito inacabado de ato criador, ou seja, adoro pertencer a tudo que permeia a atividade criadora, como os escritores, os artesãos, os músicos e todas as pessoas que se aceitem como são, criativas.

Assim, esta história apresenta-se de forma concreta a partir dos meus 15 anos, quando assumi minha condição de ser artesã (condição que entendo como a capacidade de criar e transformar a realidade não somente através das mãos, mas com as palavras, as atitudes, os comportamentos, os caminhos que percorremos, etc.). Nesta época, inseri-me em uma outra realidade, diferente da minha, que era a dos artesãos que apresentavam seus trabalhos na Avenida Rio Grande, localizada na praia do Cassino. Artesãos que viviam e sobreviviam daquilo que eles mesmos produziam de forma consciente. Viviam a arte e pela arte que gostam de criar, e sobreviviam ao sistema capitalista através dela pela necessidade de romper com tais concepções. Então, por quatro verões convivi e compartilhei ideias da realidade deles, a qual por muitos momentos também se tornou a minha, a do meu primeiro namorado, a da minha melhor amiga de infância e do namorado dela, que me acompanharam e participaram deste novo processo de constituição e construção.

Todo este processo teve como cenário, como foi dito anteriormente, a avenida principal do Cassino, onde eu e meus amigos produzíamos, sentados na grama, embaixo de uma mesma árvore, todos os finais de tarde e boa parte das noites, durante os quatro verões. Tal cenário era representado através das casas, dos prédios, do comércio, dos restaurantes e de todo um contexto estrutural que ainda se ergue no período do verão na praia do Cassino, inclusive o aumento no número de pessoas que passeiam e apreciam as especificidades do lugar.

Minha primeira aprendizagem neste período foi a fabricação dos próprios expositores, o expositor chamado por nós de pano do chão e o expositor dos brincos (uma das nossas especificidades) que era feito de pano, com costuras para cada par de brinco, e toda uma estrutura de cano de pvc por trás que criamos para que

ficasse erguido. Nosso trabalho artesanal apresentava-se através, principalmente, de brincos feitos com um arame chamado “alpaca” e pulseiras de macramê, entre outros trabalhos.

Desta forma, todos aqueles dias eram de uma forma ou de outra um novo dia, que se apresentava através de novas pessoas, pessoas que víamos todos os dias, mas que cada vez conhecíamos mais, amigos que muitas vezes ali paravam e permaneciam, os ventos fortes de algumas noites de verão da praia, o reconhecimento dos apreciadores do artesanato, as vendas e as não vendas da noite, e muitas outras situações que só aconteceriam e aconteceram naquele espaço de tempo, inclusive situações engraçadíssimas que se tornaram inesquecíveis. Ressalto, então, que foi uma das melhores experiências que vivi e convivi, e que muitas vezes ainda sinto saudade e vontade de fazer tudo de novo, pois esta escolha permitiu-me muitas construções conscientes tanto pessoais quanto em relação aos outros e ao meio no qual vivemos.

Assim, procuro, a partir deste trabalho, valorizar as formas contemporâneas de trabalho criativo e autônomo, tão necessárias para a nossa atual sociedade do capital, onde, através das mais diversas formas sutis de repressão, as singularidades são desvalorizadas. Entendo por atividade criadora a habilidade que temos de transformar a realidade, sempre na intrínseca interação com nosso meio, buscando uma melhor qualidade nessas relações. Assim, acredito que somos todos criativos de formas diferentes, da forma que escolhemos ou necessitamos ser.

Desta forma, abordo o artesanato, neste estudo, como processo político do trabalho enquanto esse apresenta-se como uma alternativa a partir da atividade criadora na busca por melhores relações sociais e com o ambiente, pois possibilita uma visão de mundo para além de uma lógica do capital (MÉSZÁROS, 2009b), uma visão mais sensível (DUARTE JR., 2010). Assim, o trabalho artesanal a partir da atividade criadora como Educação Ambiental não formal traz, em sua constituição, a capacidade de o sujeito, além de construir sua autonomia, transformar sua realidade a partir da problematização da mesma, e não através da reprodução de uma mesma lógica societal.

Contudo, contribuo, ainda, para meu trabalho, com uma visão própria de pertencimento que, segundo Sá (2005), apresenta-se através dos saberes teórico-práticos que fortalecem as relações entre indivíduo e meio ambiente. Assim, o sentimento de pertencimento surge como forma de ser peculiar ou característico de um grupo, de uma comunidade, de uma pessoa, etc., pois acredito que, ao construir relações de pertencimento, construo também o sujeito que sou, na medida em que, dialeticamente, me constituo nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente.

Assim, este estudo sobre a atividade criadora apresenta-se, ainda, por explorar as possíveis relações sociais e ambientais que os sujeitos estabelecem através da problematização do próprio processo de trabalho e da realidade na busca por uma melhora nessas relações socioambientais. E, como forma de pesquisa participativa, inseri-me no grupo dos artesãos do “Brique na Estação” como artesã comprometida com a valorização do artesanato, enquanto busco, também, novas formas de ser e agir no mundo (neste caso, através da exposição do meu trabalho artesanal com madeira e tecido, com o objetivo de tentar trazer a beleza ao cotidiano das pessoas, além da singularidade nos processos de produção, a valorização de peças artesanais pela sociedade e a compreensão da realidade a partir de relações sociais mais saudáveis, tanto para os sujeitos quanto para o ambiente.

No primeiro capítulo, apresentei o caminho percorrido na construção desta pesquisa qualitativa como melhor forma de contemplar os objetivos da mesma. Através da pesquisa participativa, durante a coleta dos dados, contei com o apoio do processo de “diagnóstico para solução de problemas” enquanto meio de melhor compreender a realidade dos artesãos do “Brique na Estação”. Para a interpretação dos fenômenos investigados, utilizei entrevistas semiestruturadas e optei pela análise categorial através de categorias analíticas, bem como as chamadas categorias empíricas, que surgem no decorrer do trabalho.

Também, neste capítulo, apresentei o “Brique na Estação”, através de sua relevância e constituição na cidade de Montenegro/RS, que considero como um movimento contrário a essa lógica dominante, na busca por transformações socioambientais a partir da constituição de cidadãos críticos e participativos e através do trabalho artesanal como comprometimento político do trabalho, ou seja, a

partir da atividade criadora desses artesãos, como forma de uma Educação Ambiental não formal.

No segundo capítulo, apresentei um resumo das relações socioambientais a partir de um contexto social, político educacional e cultural para uma melhor compreensão da realidade vivida e construída historicamente. Problematizei, então, a questão da existência de uma sociedade de consumidores e o processo de mercantilização de produtos e pessoas como principal construção degradante para os próprios sujeitos e o ambiente.

No terceiro capítulo, busquei abordar as relações socioambientais estabelecidas, a partir do processo de trabalho alienado. Ao relacionar, ressaltai o estranhamento vivido pelo próprio sujeito e a exploração do mesmo pelo sistema de produção vigente. Assim, a fundamentação teórica que contribuiu para a construção deste capítulo teve como base a reflexão contemporânea de Mészáros (2005; 2006) sobre a sociedade em transição e suas repercussões socioambientais, com base, ainda, nos escritos de Marx (2006a) sobre a construção histórica da alienação.

No quarto capítulo, abordei a Educação Ambiental atrelada à atividade criadora como forma de transformação da realidade. Nele, e através de todo o trabalho, tratei de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória (LOUREIRO, 2004), com o objetivo de posicionar o leitor através da problematização da realidade. Assim, seus fundamentos e concepções bem como sua finalidade foram problematizados e relacionados com a atividade criadora para uma melhor compreensão do caráter transformador da mesma. Contudo, apresentei a atividade criadora a partir de Ostrower (2008; 2013), como forma de relação intrínseca e não alienada entre sujeito e ambiente e como possibilidade de transformação socioambiental.

Ainda ressaltai, neste capítulo, o artesanato como comprometimento político através de suas concepções sobre o trabalho, enquanto esse se reflete diretamente nas relações socioambientais dos sujeitos. Da mesma forma, abordei a relação entre trabalho artesanal e atividade criadora como forma de compreensão e transformação da realidade para além de uma lógica de mercado.

No quinto capítulo, busquei valorizar o trabalho criativo, ou atividade criadora, como tentativa de superação da alienação proposta pela sociedade do capital, frente a uma realidade histórica repleta de repercussões socioambientais relacionadas com a problemática do trabalho alienado, na medida em que, através da compreensão e do comprometimento político em relação ao seu processo criador, o sujeito vai desconstituindo as concepções dominantes da realidade, e passa a ser capaz de transformá-la para além de uma lógica do capital.

Também busquei construir uma possibilidade de diálogo entre a Educação Ambiental não formal e o desvelamento da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado a partir da análise categorial de entrevistas com 5 dos artesãos do “Brique na Estação”, comprometidos com sua atividade criadora, que nos permite uma visão sensível da realidade por representar os processos de trabalho a partir das próprias potencialidades. Assim, construí as análises categoriais através das seguintes categorias analíticas: *atividade criadora*, *trabalho alienado* e *repercussões socioambientais*. Também criei novas categorias consideradas empíricas, pois surgiram a partir da própria pesquisa (MINAYO, 2006). Também contei com apoio, como meio de contribuição para a coleta de dados, com a visão transdisciplinar do processo de “diagnóstico para a solução de problemas”, baseado em Carvalho (1998), com o objetivo de contribuir significativamente para o grupo de artesãos do “Brique na Estação”, na busca por transformações em suas relações sociais e ambientais.

Na conclusão deste trabalho, busquei ressaltar o papel do artesanato como processo político do trabalho e como forma de Educação Ambiental não formal, na busca por transformações sociais e ambientais emancipatórias. Assim trouxe, além do resultado das análises categoriais, o meu entendimento sobre a questão norteadora desta pesquisa.

Desta forma, os capítulos abordam, respectivamente, o caminho percorrido para a construção da pesquisa, o contexto histórico da realidade vigente, o trabalho alienado, a Educação Ambiental como meio possível de transformação da realidade a partir da atividade criadora do sujeito comprometido politicamente através do seu trabalho, e o trabalho criativo, bem como o artesanato, como forma de superação da

alienação. O trabalho pauta-se, assim, numa pesquisa participativa com os artesãos do grupo “Brique na Estação”, da cidade de Montenegro/RS, anteriormente citados.

**ABORDAGEM DE PESQUISA SOBRE A REALIDADE PROBLEMATIZADA:
APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS**



Figura 1 – Pesquisadora e grupo de artesãos do “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

“Para uma melhor valorização das artes, poderia se investir no turismo de Montenegro, divulgação, projetos com a prefeitura. Acredito que um evento anual às artes poderia ser um trabalho positivo. Um turismo especialmente ligado ao rio poderia ser desenvolvido.”
(artesã do “Brique na Estação”)

1 ABORDAGEM DE PESQUISA SOBRE A REALIDADE PROBLEMATIZADA: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

“A poesia e a arte continuam a desvendar lógicas profundas e insuspeitadas do inconsciente coletivo, da vida cotidiana e do destino humano. A ciência é apenas uma forma de expressão dessa busca, não exclusiva, não conclusiva, não definitiva.”

Maria Cecília de Souza Minayo

Este estudo pauta-se através de uma pesquisa social, participativa e qualitativa; assim “seu foco é, principalmente, a exploração do conjunto de opiniões e representações sociais sobre o tema que pretende investigar” (MINAYO, 2010, p. 79). Segundo Minayo (2006), “ao se desenvolver uma proposta de investigação e no desenrolar das etapas de uma pesquisa, o investigador trabalha com o reconhecimento, a conveniência e a utilidade dos métodos disponíveis, em face do tipo de informações necessárias para se cumprirem os objetivos do trabalho” (p. 54). Segundo Minayo (2010),

[...] é preciso afirmar que o objeto das Ciências Sociais é *essencialmente qualitativa*. A realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. Essa mesma realidade é mais rica que qualquer teoria, qualquer pensamento e qualquer discurso que possamos elaborar sobre ela. Portanto, os códigos das ciências que por sua natureza são sempre referidos e recortados são incapazes de conter a totalidade da vida social. As Ciências Sociais, no entanto, possuem instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da suntuosidade da existência dos seres humanos em sociedade, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Para isso, elas abordam o conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nas representações sociais, nas expressões da subjetividade, nos símbolos e significados (p. 14).

A presente pesquisa está referenciada através do conceito do materialismo histórico, por ser uma perspectiva epistemológica que nos permite compreender as transformações realizadas pelos homens e mulheres através de uma realidade problematizada. Assim, entendo que, historicamente, os sujeitos atrelados ao seu processo de trabalho são capazes de produzir transformações em sua realidade ou simplesmente reproduzi-la, mas que de forma histórica é possível melhor compreender essa relação entre indivíduo, seu trabalho e o ambiente. Desta forma, entendo a pesquisa social como uma pesquisa histórica na medida em que “toda investigação social precisa registrar a historicidade humana, respeitando a especificidade da cultura que traz em si e, de forma complexa, os traços dos acontecimentos” (MINAYO, 2006, p. 39).

A concepção do materialismo histórico e dialético possibilita a compreensão do presente a partir de sua história através de um constante desvelar da existência da realidade vigente, na busca pela totalidade e a complexidade das relações sociais e ambientais. Contudo, “é esse caráter de abrangência, que tenta, de uma perspectiva histórica, cercar o objeto de conhecimento por meio da compreensão de todas as suas mediações e correlações, constituindo a riqueza, a novidade e a propriedade da dialética marxista” (MINAYO, 2006, p. 107). Ressalto, ainda, a partir de Vygotsky (2004), que a dialética apresenta-se como processo fundamental na medida em que se apresenta como um método capaz de reproduzir a realidade concreta através de contínuas abstrações.

O materialismo histórico apresenta-se como uma perspectiva teórica que contribui para o desvelamento da realidade na medida em que busca compreender o real a partir de suas contradições, bem como as relações entre as singularidades e o todo. Essa perspectiva volta-se para a análise do real a partir de sua construção histórica, captando categorias consideradas mediadoras que possibilitam sua compreensão numa totalidade (LUKÁCS, 2003). Assim, penso que tal perspectiva constitui-se num referencial consistente para a análise da realidade problematizada.

A perspectiva marxista parte de uma abordagem ontológica do conhecimento sobre a realidade. Assim, a fundamentação ontológica adequada para a construção do nosso olhar sobre o mundo supõe o conhecimento de cada sujeito, bem como de suas interações com outros seres e o ambiente. Na vida cotidiana, o ser manifesta-

se de forma distorcida na medida em que não revela o que verdadeiramente é fundamental no aspecto ontológico. Entretanto, é necessário partir dessa manifestação imediata do seu sujeito em seu cotidiano com o objetivo de compreender sua autenticidade (LUKÁCS, 2010).

Segundo Lukács (2010), “o ser só pode ser abordado como ser se for objetivamente determinado em todos os sentidos. Um ser privado de determinações é apenas produto do pensamento: uma abstração de todas as determinações” (p. 171). É possível afirmar, então, que a realidade existe independentemente da consciência dos homens. Assim, na concepção marxista, as categorias são formas do ser na medida em que são determinações da existência, por isso, a prioridade ontológica coloca-se como fundamento frente à gnosiologia e a lógica (LUKÁCS, 2010).

Desta forma, a fundamentação teórica que contribuiu para a compreensão do tema e do objeto de pesquisa apresentou-se a partir de alguns dos muitos conceitos existentes sobre a atividade criadora que podem ser satisfatoriamente relacionados com a teoria crítica, onde, segundo Loureiro (2012), “não há consenso universal ou verdade prévia, salvacionismo ou sociedade perfeita. Há disputas por hegemonia entre projetos de sociedade portados por sujeitos, construindo a realidade social e a verdade histórica em seu dinamismo” (p. 15), e com a Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, abordadas, principalmente, também por Loureiro (2004, 2012). Assim, segundo o mesmo autor,

Em consonância com a tradição crítica, a constituição do ambiente como bem comum, a produção de condições dignas para todas as pessoas sem destruir a base natural e o respeito à diversidade cultural, pressupostos para uma sociedade sustentável, se dão por meio de movimentos sociais e ações coletivas e cotidianas, pelos quais formamos nossas individualidades, que objetivam rupturas com os padrões atuais de sociabilidade. E é nesse processo, em sua unidade complexa, que se pode apreender a relevância sim, mas não somente, da ética, da ciência da tecnologia e do comportamento individual (LOUREIRO, 2012, p. 15).

As pesquisas críticas permitem “a compreensão crítica e global da sociedade contemporânea” (LOUREIRO, 2004, p. 323) em “busca de uma visão integradora de ciência e filosofia e de uma atuação transformadora das relações sociais” (LOUREIRO, 2004, p. 323). Da mesma forma complemento, ainda segundo Minayo

(2006), que “o *materialismo histórico* representa o caminho teórico que aponta a dinâmica do real na efervescência de uma sociedade” (pp. 107-108).

Os conceitos sobre atividade criadora foram trabalhadas a partir de pesquisas atuais sobre o tema, principalmente da autora Fayga Ostrower (2008; 2013), ampliados à educação estética – do olhar sensível – de Marly Meira e João Francisco Duarte Jr. Trabalhei, a partir de Mészáros (2002; 2006), bem como Hardt e Negri (2005), os conceitos sobre trabalho, sociedade e alienação, cujo papel, nesta pesquisa, como já foi mencionado anteriormente, é atualizar o marxismo a partir de uma releitura, numa perspectiva contemporânea, da obra máxima de Marx, *O capital*. Assim, a pesquisa segue linhas de pensamento como a teoria crítica, contemplando a dialética de Marx, principalmente através da contemporaneidade de Mészáros, que permite uma compreensão da realidade, onde os contrários se complementam. Da mesma forma, em prol da validação da teoria crítica reconstruída por Loureiro (2004), é possível pensar que “nada é mais dialético, dialógico e crítico do que a constante capacidade de reflexão e reformulação de teorias em função dos contextos históricos em que nos inserimos e das necessidades vitais de transformações” (pp. 110-111). Complemento, assim, que:

A teoria é construída para explicar ou para compreender um fenômeno, um processo ou um *conjunto* de fenômenos e processos. Este conjunto constitui o *domínio empírico* da teoria (ou seja, a dinâmica da prática que ela explica ou interpreta). A teoria propriamente dita sempre será um conjunto de proposições, um discurso abstrato sobre a realidade. Há grandes teorias – por alguns chamadas de *macroteorias* – que são verdadeiras narrativas ou discursos escritos por cientistas sociais muito importantes, autores de referência, para interpretar a realidade (MINAYO, 2010, p. 17).

Também ressalto, ainda segundo Minayo (2010), que:

Nenhuma teoria, por mais bem elaborada que seja, dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos. Por vários motivos. Primeiro porque a realidade não é transparente e é sempre mais rica e mais complexa do que nosso limitado olhar e nosso limitado saber. Segundo, porque a eficácia da prática científica se estabelece, não por perguntar sobre tudo, e, sim, quando recorta determinado aspecto significativo da realidade, o observa, e, a partir dele, busca suas interconexões sistemáticas com o contexto e a realidade (p. 17).

Assim, busquei, a partir dos autores acima citados e como pano de fundo da pesquisa, melhor compreender a relação intrínseca entre a autonomia e a atividade criadora nos sujeitos que visam transformações em suas relações sociais e ambientais e, portanto, para uma melhor compreensão da nossa realidade. Ressalto, então, a relação intrínseca entre atividade criadora e autonomia enquanto estas se complementam de forma satisfatória para o sujeito contemporâneo que necessita transformar a realidade constantemente, pois, segundo Alencar e Fleith (2003), “o produto criativo não é resultado, exclusivo, de fatores intrapessoais, mas emerge da interação do indivíduo com o ambiente” (p. 37).

De acordo com os referenciais acima expostos, analisei o material de consulta a partir das seguintes categorias analíticas: *trabalho alienado*, *atividade criadora* e *repercussões socioambientais*. No entanto, no decorrer da pesquisa, criei novas categorias chamadas empíricas. As categorias analíticas são “as que retêm, historicamente, as relações sociais fundamentais, servindo como guias teóricos e balizas para o conhecimento de um objeto nos seus aspectos gerais” (MINAYO, 2006, p. 178), e as categorias empíricas “são construídas a *posteriori*, a partir da compreensão do ponto de vista dos atores sociais, possibilitando desvendar relações específicas do grupo em questão. [...] Portanto, emanam da realidade” (MINAYO, 2006, p. 179).

O procedimento de coleta e análise de dados apresentou-se durante o ano de 2013, através da análise de conteúdo (análise categorial), pela imersão na pesquisa participativa, anteriormente citada, ou seja, na imersão na realidade dos artesãos do “Brique na Estação”. Por este viés, é possível pensar que “na investigação social, a relação entre o pesquisador e seu campo de estudos se estabelece definitivamente. A visão de mundo de ambos está implicada em todo processo de conhecimento, desde a concepção do objeto aos resultados do trabalho e à sua aplicação” (MINAYO, 2010, pp. 13-14).

Assim, o objeto da pesquisa apresenta-se através do enfoque na atividade criadora do sujeito. Busquei investigar as diversas formas que a atividade criadora existe para os sujeitos, e se esta está relacionada com o processo de trabalho, a partir das concepções de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Ainda, busquei investigar de que forma esta Educação Ambiental

transformadora relaciona-se dialeticamente à atividade criadora, através da busca pela criação do novo em uma sociedade com urgência de transformações para além de uma lógica de mercado, em direção a uma melhor qualidade nas relações sociais e ambientais, ou seja, relações sustentáveis tanto para os seres humanos como para o ambiente. Assim, minha aposta de pesquisa apresentou-se na atividade criadora como mediadora de possíveis relações emancipatórias na relação entre seres humanos e seu ambiente, bem como sua importância para a Educação Ambiental.

Ressalto que foi questão norteadora desta pesquisa *o desvelamento da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado, a partir do artesanato como processo político de transformação da realidade, para além de uma lógica do capital, como forma de contribuição para uma Educação Ambiental não formal*. Foram objetivos da pesquisa verificar, no processo de trabalho através do artesanato, que considero transformador, as possíveis relações entre a atividade criadora e o trabalho alienado que podem ser destrutivos tanto para os sujeitos quanto para o ambiente. Da mesma forma, procurei investigar o papel da atividade criadora em prol da ressignificação dessas relações. Ressalto, a partir de Minayo (2010), que:

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, *nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática*. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos (p. 16).

Assim, a contribuição do método materialista histórico e dialético a partir das relações entre a singularidade e a universalidade permite um acesso fundamental à empiria, pois a aparência, manifestação ou fenômeno, são apenas um aspecto da realidade. A análise de uma determinada realidade é sempre um recorte, uma singularidade que ganha significado na particularidade do momento histórico em que é concebida e pelas determinações mais universais que advêm do sistema orgânico do capital com suas contradições através dos mais diversos campos, como o econômico, cultural, educacional e político, etc. A contribuição fundamental desta concepção, portanto, é a compreensão da natureza das determinações sócio-

ontológicas para delimitar os desafios sociais e, nesse caso, na busca pela superação da reprodução de uma sociedade do capital.

Contudo, minha hipótese inicial de pesquisa apresentou-se a partir da representação de que o trabalho alienado, quando dominante, poderia vir a aniquilar a atividade criadora do sujeito comprometido com o ambiente e degradar suas relações com o mesmo.

1.1 Construindo os caminhos metodológicos

A pesquisa teve como intenção principal a investigação, de forma constante e dialética, de recortes de realidades simbolicamente construídos pelos artesãos do “Brique na Estação”, especialmente relacionados às transformações sociais e ambientais que priorizem a emancipação dos sujeitos e de suas gerações futuras no que se refere ao cuidado ambiental. Assim, este trabalho também buscou desmitificar situações concretas da realidade a partir da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado. Através de minhas análises, procurei mostrar algumas das muitas tensões socioambientais que são capazes de responder metodologicamente às inquietações desta pesquisa. Por este viés, complemento que:

A pesquisa científica busca ultrapassar o senso comum (que por si é uma reconstrução da realidade) através do método científico. [...] o método científico permite que a realidade social seja reconstruída enquanto objeto do conhecimento, através de um processo de categorização (possuidor de características específicas) que une dialeticamente o teórico e o empírico (DESLANDES, 2010, p. 34).

Acredito que metodologia é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade” (MINAYO, 2010, p. 14). Assim, ela “inclui simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência, sua capacidade pessoal e sua sensibilidade” (MINAYO, 2010, p. 14). Destaco, ainda, a partir de Minayo (2010), que:

Enquanto abrangência de concepções teóricas de abordagem, a teoria e a metodologia caminham juntas, intrincavelmente inseparáveis. Enquanto conjunto de técnicas, a metodologia deve dispor de um instrumento claro, coerente, elaborado, capaz de encaminhar os impasses teóricos para o desafio da prática (p. 15).

Assim, é possível pensar que, “ao analisarmos e interpretarmos informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de um mesmo meio social” (MINAYO, 2010, p. 80). Compreendo que:

[...] ao se desenvolver uma proposta de investigação e no desenrolar das etapas de uma pesquisa, o investigador trabalha com o reconhecimento, a conveniência e a utilidade dos métodos disponíveis, em face do tipo de informações necessárias para se cumprirem os objetivos do trabalho (MINAYO, 2006, p. 54).

Contudo, acredito que a análise e a interpretação em uma perspectiva de pesquisa social qualitativa não têm “como finalidade contar opiniões ou pessoas” (MINAYO, 2010, p. 79). Portanto, utilizei a análise de conteúdo como método no qual “podemos caminhar na descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (MINAYO, 2010, p. 84). Complemento, assim, segundo Minayo (2006), que:

Os pesquisadores que buscam a compreensão dos significados no contexto da fala, em geral, negam e criticam a análise de frequências das falas e palavras como critério de objetividade e cientificidade e tentam ultrapassar o alcance meramente descritivo da mensagem, para atingir, mediante inferência, uma interpretação mais profunda (p. 307).

É através desta perspectiva que procedi à análise de conteúdo nesta pesquisa qualitativa. Assim, nas análises das entrevistas com os artesãos do “Brique na Estação”, que apresentarei no final deste trabalho, percorri o seguinte caminho: (a) fiz uma decomposição do material analisado em partes (a partir da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado, bem como suas repercussões socioambientais); (b) distribuí as partes em categorias; (c) fiz uma descrição do resultado da categorização (com a exposição dos achados encontrados na análise);

(d) fiz inferências a partir dos resultados; (e) interpretei os resultados obtidos através da fundamentação teórica adotada (MINAYO, 2010).

Optei pela entrevista gravada e pela transcrição das informações coletadas. Foram realizadas um total de 9 entrevistas, sendo seis artesãos do “Brique na Estação”, a fundadora da Associação de Amigos do Serviço de Patrimônio Histórico e Cultural – AASEPAHC, Maria Beatriz Rodrigues, a ex presidente da AASEPAHC, Shirley Becker, e a atual presidente da AASEPAHC e também artesã do “Brique na Estação”, Izabel Vargas da Silva. Utilizei, como critério para a escolha dos entrevistados, a disponibilidade para participar da entrevista, bem como a vontade de responder às questões propostas. A opção por revelar a identidade dos entrevistados foi uma enorme satisfação para mim e muito bem aceita por eles.

Busquei colocar as falas dos entrevistados ao longo dos capítulos, com o objetivo de melhor contextualizar as falas e exemplificar situações concretas da realidade, através da procura por romper com a forma conservadora das pesquisas que restringem para apenas o último capítulo da pesquisa esta finalidade. As falas foram destacadas através do formato itálico durante os textos.

Através de entrevistas semiestruturadas, os artesãos puderam dialogar com a pesquisadora mais abertamente, pois mesmo com temáticas direcionadas foi possível que os entrevistados(as) dialogassem livremente a respeito do assunto, sem determinação de tempo de duração de suas expressões. Esta proposta permitiu a dialogicidade através de um discurso livre entre entrevistados(as) e a pesquisadora, possibilitando a emergência de outras questões que se atrelam aos temas propostos na entrevista, além da construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, o diálogo torna-se fundamental na medida em que possibilita o alcance de muitos outros conhecimentos necessários para compreender a realidade vivida e construída pelos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa contou, ainda, como meio de contribuição para a coleta de dados, com o apoio de uma visão transdisciplinar da realidade através do diagnóstico socioambiental dos problemas enfrentados pelos sujeitos artesãos do “Brique na Estação”. Segundo Carvalho (1998), “esse tipo de diagnóstico está voltado para a *resolução de problemas*” (p. 32), e resume-se a partir das seguintes etapas:

identificar os problemas socioambientais; analisar os problemas identificados, contemplando suas múltiplas ramificações; construir soluções possíveis; escolher a solução que mais se adapta ao problema; implementar um plano de ação; avaliar o resultado obtido.

O “diagnóstico para soluções de problemas” é um processo que contempla a realidade local, tendo como base os conhecimentos dos participantes sobre a realidade na qual estão inseridos. Nesse processo de diagnóstico, os sujeitos participantes são incentivados a refletir e expor suas opiniões e hipóteses sobre os problemas locais e, conseqüentemente, são levados a pesquisar e apresentar possíveis soluções (CARVALHO, 1998).

Assim, tal processo permite que os participantes, além de contribuírem com suas próprias visões de mundo e da realidade local, possam atuar concretamente no processo de investigação socioambiental de problemas locais, sendo incentivados, simultaneamente, à compreensão do global. O grupo também é instigado a buscar novas informações através de livros, documentos históricos da cidade, entrevistas com moradores do município, especialistas nos assuntos abordados pelo grupo, autoridades, etc.

Desta forma, o processo de diagnóstico dos problemas e as soluções encontradas pelo grupo são partes constitutivas de um importante processo de construção coletiva do conhecimento, pois o método possibilita que, através do diálogo, os sujeitos engajados na busca pela transformação de sua realidade problematizada, possam pensar juntos sobre alternativas sociais e ambientais que gerem novas relações socioambientais, ou seja, relações mais saudáveis tanto para os sujeitos quanto para o ambiente.

Com apoio e adaptação a partir de Isabel Carvalho, o processo passo a passo de diagnóstico pode ser apresentado através de 13 etapas (CARVALHO, 1998):

1º Planejamento feito pelo pesquisador com a participação de todos interessados.

2º Diagnóstico inicial da capacidade de compreensão dos participantes sobre problemas e soluções.

3º Conscientização dos participantes sobre os problemas locais.

4º Apresentação dos problemas encontrados, assim como suas inter-relações.

5º Delimitação dos critérios de seleção da problemática a ser resolvida.

6º Reconhecimento da problemática.

7º Busca por informações sobre a situação-problema através de pesquisas documentais, entrevistas, observações, etc.

8º Problematização da situação analisada.

9º Continuação da pesquisa com o problema abordado de forma mais clara.

10º Análise das possíveis soluções.

11º Construção dos critérios de escolha das soluções a serem adotadas.

12º Elaboração de um plano de ação e sua implementação.

13º Avaliação do processo de realização das ações e dos resultados obtidos.

A pesquisa de campo, com o apoio do processo de “diagnóstico para a solução de problemas”, apresentou-se através do seguinte caminho:

- A primeira visita à Estação da Cultura de Montenegro/RS realizou-se em janeiro de 2012 com o objetivo de estabelecer um primeiro contato com os artesãos do “Brique na Estação”.

- Durante o ano de 2012, realizei algumas visitas às exposições dos trabalhos do grupo de artesãos do “Brique na Estação”, na Estação da Cultura da cidade, que aconteceram nos 1º e 3º domingos de cada mês com o objetivo de prestigiar seus trabalhos junto à comunidade.
- Em janeiro de 2013, depois de passar por uma entrevista com a presidente atual do Brique e por uma análise da qualidade do material do meu artesanato, comecei a expor meu trabalho artesanal no “Brique na Estação” durante todos os domingos de exposição do grupo em 2013, ou seja, nos 1º e 3º domingos de cada mês. Meu artesanato apresentou-se através de madeira, cola e tecido, em forma de porta-objetos artesanais singulares e exclusivos, com o objetivo de promover uma melhor valorização do trabalho artesanal numa sociedade de consumidores de produtos massificados.
- Também, durante o ano de 2013, incentivei reuniões e participei de 5 do grupo de artesãos do Brique e dos membros da AASEPAHC, com o objetivo de melhor dialogar sobre problemas, soluções e novas ideias para uma melhor valorização do “Brique na Estação” na cidade.
- Em novembro de 2013, realizei as 9 entrevistas semiestruturadas, citadas anteriormente.

Contudo, como citado anteriormente, o procedimento de coleta e análise de dados apresentou-se durante o ano de 2013 através da análise de conteúdo (análise a partir de categorias analíticas), inicialmente pela imersão na pesquisa bibliográfica, anteriormente citada, e então foi ampliada para a pesquisa de campo que, segundo Minayo (2010), “o trabalho de campo é, portanto, uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente” (p. 76). Da mesma forma,

a autora ressalta-nos que o trabalho de campo é uma caminhada fundamental para a pesquisa, pois apresenta a relação dialética da teoria social (MINAYO, 2010). Assim, as categorias analíticas escolhidas para este trabalho são: *atividade criadora*, *trabalho alienado* e *repercussões socioambientais*. Entretanto, surgiram novas categorias, denominadas empíricas, ou seja, categorias que emanaram da realidade para melhor compreendê-la.

Assim, a seguir, contarei um pouco da história do surgimento do “Brique na Estação”, bem como o surgimento da AASEPAHC que deu origem ao trabalho de exposições juntamente com os artesãos da cidade de Montenegro e de cidades vizinhas.

1.2 O “Brique na Estação” e a construção da sua caminhada política

Há cerca de 15 anos, um grupo de pessoas com ideias de preservação do patrimônio público e histórico, da cultura e das artes de Montenegro/RS, cruzaram seus caminhos a partir de um mesmo objetivo. Cada um com sua história de vida e atuando em diferentes áreas de trabalho, uniram-se em prol de vários objetivos, e de forma organizada, conquistaram um a um. Hoje a luta continua; objetivos e necessidades surgem a cada dia; mas com a lembrança animadora de que tempos piores já passaram e que muito ainda há de ser construído e preservado. Segundo entrevistas com os fundadores, alguns ainda membros atuantes, e apoiadores da AASEPAHC foi quase que uma necessidade o surgimento de um grupo civil em defesa do que era público.

Tudo ocorreu em Montenegro, hoje uma cidade com cerca de 60.000 habitantes, localizada a 54 km de Porto Alegre e cortada pelo Rio Caí. Este mesmo rio, que eventualmente invade grandes áreas da cidade, foi o responsável por tornar a cidade uma das primeiras terras a serem desbravadas pelos portugueses e espanhóis após o descobrimento do Brasil. Antes terras dos índios Ibiraiaras, passou a ser chamada de “Porto das Laranjeiras” e somente em 1867 recebeu o nome de freguesia de São João do Monte Negro. Em 1873 ocorreu a

municipalização de 33 vilas da cidade, tão grande era sua área de extensão. Deu-se oficialmente a Vila de São João do Monte Negro. Em 1909 com a instalação de uma rede ferroviária federal que passava pela área, foi alavancado o crescimento econômico da região. Em 1913 foi elevada à condição de cidade. Em 1938 ocorreu nova grande separação política distrital, que deu início a mais 11 cidades e à denominação ao Município de Montenegro. Recebeu o título de "Cidade das Artes" e abriga um complexo de artes cênicas e visuais da UERGS (Universidade Estadual do Rio Grande do Sul), conveniado com a FUNDARTE (Fundação Municipal de Artes de Montenegro).

Voltando aos primórdios da fundação da AASEPAHC, em Montenegro, numa época em que podíamos enxergar um cenário de abandono político aos cuidados do patrimônio histórico e cultural na cidade, moradores assistiam com pesar a destruição de prédios históricos, em particular a antiga Estação Ferroviária da cidade. Prédio imponente, rico em história e com sinais de depredação e falta de conservação. O prédio vinha de um histórico de tamanho abandono, que foi inevitável a invasão por famílias de desabrigados. Após a retomada de posse pelo poder público e uma recuperação parcial da infraestrutura, a manutenção e melhorias faziam-se imprescindíveis, mas não aos olhos de alguns políticos. Promessas de apoio político municipal a um grupo de moradores organizados duraram todo um mandato de quatro anos.

Ao final desse período e há cerca de 10 anos, sem mais esperar por decisões burocráticas com interesses políticos partidários, Beatriz Rodrigues, Shirley Becker e outros amigos uniram-se para dar vida à AASEPAHC. No início era apenas o número mínimo de integrantes para ser considerada uma instituição legal, uma legítima sociedade civil beneficente. Segundo Beatriz, a primeira presidente: “O principal era ter voz ativa, receber o reconhecimento público e político em defesa do patrimônio histórico e cultural.” Após apoio financeiro através de doações e participação ativa de alguns membros e apoiadores, a AASEPAHC instala-se legalmente no antigo prédio da Estação Ferroviária, denominado hoje como Estação da Cultura da cidade.

Além dos cuidados físicos, a revitalização do local passou a contar com a exposição e o comércio de artesanato, feito por um grupo denominado “Brique

Cultural”, independente, formado por 4 artesãos que faziam exposição junto ao prédio da Estação da Cultura e apoiado pela então AASEPAHC. Shirley também atuou como presidente e ainda como vice-presidente e tesoureira. Durante o seu mandato como presidente surgiu, por volta de 4 anos atrás, o grupo organizado “Brique na Estação”, como uma ramificação da AASEPAHC. A ideia seguiu os moldes do “Brique Cultural” já existente, mas agora com uma grande mudança: a inserção de todos os interessados em expor alguma forma de arte, sem precisar de documentação comprovando o registro de artesão, carteira emitida pela FGTAS (Fundação Gaúcha de Trabalho e Ação Social), através do Programa Gaúcho de Artesanato – PGA.

No final de 2012, com o afastamento de Shirley, antes do término de seu mandato e a pedido próprio, assume Izabel Vargas da Silva, a atual presidente da associação, com reeleição de mais um mandato. Assume de forma ativa em pleno surgimento do “Brique na Estação”. Defensora maior da liberdade de expressão artística, não apenas organiza e coordena as exposições, mas também expõe seus trabalhos de artesanato com vidro e outras formas de arte. Estimula a poesia, o teatro, a música e a dança, além dos diversos tipos de artesanato: *“Acho que o nosso trabalho contribui para a sociedade, porque nós estamos fazendo a tradicional ocupação de um sítio histórico importante da cidade de maneira mais popular, tradição de ocupação não só pelos briqueiros. Estamos promovendo a presença de populares, pelo Brique e pelo movimento, por socialização. Acho importante também, a questão de ser ali a sede do Museu de Arte de Montenegro. Isso aproxima o público das artes, da pintura, da história. Alguns enxergam o Brique como forma de vender sua produção artística, mas minha posição é de luta para resguardar patrimônio, principalmente o patrimônio humano da nossa cidade. As pessoas, quem são e o que produzem. Os saberes dos briqueiros são patrimônios imateriais de maior importância. Acho ainda, que devemos nos envolver em assuntos que vão além da estação da cultura, além daquele local. Os briqueiros poderiam se tornar guardiões de outros patrimônios. Por exemplo, fizemos abaixo-assinado para que a prefeitura não vendesse o pátio e o prédio do antigo conservatório de música junto à prefeitura, evitamos a derrubada de uma palmeira em um bairro da cidade. Vamos lutar pelas árvores localizadas na estação da cultura também”* (presidente e artesã do “Brique na Estação”).

Agora, para participar das exposições, o interessado apenas precisa demonstrar algum trabalho artístico de qualidade e realizar uma entrevista. Após cadastro aprovado, assume sua mesa (padronizada e alugada a preço quase simbólico), onde pode apresentar seus trabalhos de forma livre, sem controle de hora ou data. Os encontros dão-se no primeiro e no terceiro domingo de cada mês, com eventuais exceções em datas especiais, como, por exemplo, natal e festas comemorativas da cidade, quando dias extraordinários de feira podem ocorrer: *“Acho que o Brique representa uma possibilidade de valorização do artesanato e tudo que é bonito encanta, mas a valorização real do artesanato ainda está por vir aqui em Montenegro. É preciso muita persistência, perseverança, insistência da nossa parte. Alguns artesanatos são valorizados mais do que outros. As universidades deveriam se envolver mais em prol da valorização da arte local, do artesanato local”* (artesã do “Brique na Estação”).

Assim, enquanto o Brique completa, em 2014, seus 4 anos, a AASEPAHC, ao completar seus 10 anos, prevê a criação de um informativo bimestral e uma maior união com o grupo dos “briqueiros” apelido aos participantes do “Brique na Estação”, ganhando mais voz junto à administração pública e ao público de forma geral, sempre em prol da cultura e em defesa da arte: *“É preciso conversar seriamente e de maneira consciente com as pessoas a respeito do artesanato, tratar com respeito a AASEPAHC e o movimento do Brique. Trata-se de uma associação. Não permitir que o governo menospreze esse espaço e essa organização”* (presidente e artesã do “Brique na Estação”).

No próximo capítulo, busquei apresentar um breve contexto socioambiental e político para uma melhor compreensão da realidade vivida e historicamente construída. Problematizei, assim, a questão da existência de uma sociedade de consumidores e o processo de mercantilização de produtos e pessoas como principal meio de degradação tanto para o ambiente quanto para os sujeitos.

O CONTEXTO HISTÓRICO COMO IMPORTANTE CENÁRIO DA REALIDADE CONSTRUÍDA



Figura 2: Local de exposições do “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

***“Estou satisfeita com o custo/benefício em relação ao artesanato porque minha aposta nisso é em questão de uma luta cultural, em que cada um tem o seu valor de cultura. Não viso o lucro financeiro.”
(presidente e artesã do Brique na Estação)”***

2 O CONTEXTO HISTÓRICO COMO IMPORTANTE CENÁRIO DA REALIDADE CONSTRUÍDA

“Para a sociedade de consumo, os caminhos de busca da sensibilidade são totalmente dispensáveis. Nem sequer fazem parte da realidade. A mercadoria, o mercado, estes, sim, são fatos reais.”

Fayga Ostrower

Entender que os problemas sociais vividos não são resultado de um erro de toda uma humanidade é fundamental. É necessário compreender que a sociedade construída é consequência de infinitas e específicas relações sociais baseadas na degradação e exploração da natureza e do ser humano, principalmente através do trabalho, bem como da busca por uma padronização criada para sua própria manutenção desse modelo societal, um modelo que valoriza o “ter” sobre o “ser”, a acumulação de riquezas ao invés da constituição dos sujeitos como atores sociais. Assim, complemento, a partir de Loureiro (2012), que,

Do ponto de vista histórico, é inaceitável culpar o humano como algo homogêneo, já que o que qualifica a ação predatória não é a ação humana abstratamente, mas modos específicos de relações sociais que determinam formas de uso e apropriação da natureza, pautadas na exploração intensiva do trabalho e dos recursos vitais disponibilizados pela natureza. Portanto, não faz sentido afirmar que a transformação da natureza é um problema, mas faz sentido sim afirmar que modos específicos de produção, territorialmente determinados, levam a transformações insustentáveis sob o prisma social e ecológico (pp. 24-25).

A partir de Duarte Jr. (2010), ressalto que a atual situação em que nos encontramos mostra-se “delicada e perigosa” (p.69), pois agrega múltiplos fatores

como sintomas que diariamente nos rodeiam como, por exemplo, poluição, desequilíbrios ambientais, violência, fome, etc. No entanto, através de uma visão crítica, podemos pensar esses problemas como oportunidades de transformação da realidade vivida e em busca de alternativas de superação desse estado de coisas. Assim, segundo o mesmo autor,

A crise que ora acomete o nosso estilo moderno de viver precisa ser vista como diretamente vinculada a uma maneira de se compreender o mundo e de sobre ele agir, maneira que se veio identificando como tributária dessa forma específica de atuação da razão humana: a forma instrumental, calculante, tecnicista, de se pensar o real. Se há uma crise, esta deve ser primordialmente debitada àquele modelo de conhecimento que, originário das esferas científicas (nas quais, deixe-se claro, ele cumpre o seu papel), com rapidez se espalhou por todos os interstícios de nossa vida diária, respaldando a economia, a produção industrial e mesmo a educação e a maioria de nossos atos cotidianos. Tal conhecimento, tendo (epistemologicamente) negado desde os seus primórdios o acesso sensível do ser humano ao mundo, veio, num crescendo, desumanizando o nosso planeta e as nossas relações sociais ao generalizar-se de modo indiscriminado (DUARTE JR., 2010, p. 69-70).

Esse modelo de racionalidade constituiu-se a partir da revolução científica do século XVI, com o domínio das ciências naturais, abrangendo as ciências sociais apenas no século XIX. A partir do século XVIII, surge, então, um modelo global de racionalidade científica (SANTOS, 2009a), totalitário e que não valoriza os conhecimentos construídos por nós sujeitos em sociedade ao mesmo tempo em que, assim, “somos todos protagonistas e produtos dessa nova ordem, testemunhos vivos das transformações que ela produziu” (SANTOS, 2009b, p. 17). Assim, segundo Santos (2009b), “é esta a ambiguidade e a complexidade da situação do tempo presente, um tempo de transição, síncrone com muita que está além ou aquém dele, mas descompassado em relação a tudo o que o habita” (p. 15). Através dessa ordem científica emergente, os sujeitos, individuais ou coletivos, são levados a acreditar que os conhecimentos produzidos por eles são irrelevantes e falsos, não tendo qualquer valor frente aos conhecimentos científicos que se pautam a partir de verdades ditas absolutas, ou seja, “uma e só uma forma de conhecimento verdadeiro” (SANTOS, 2009b, p. 22).

Essa é sua característica fundamental e a que melhor justifica uma ruptura de paradigma “na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas

suas regras metodológicas” (SANTOS, 2009a, p. 61). Ressalto, então, a partir de Guimarães (2011), que,

Os paradigmas da sociedade moderna, chamados por Morin de paradigmas da disjunção por simplificar e reduzir a compreensão da realidade, limita o entendimento de meio ambiente em sua complexidade. Essa compreensão de mundo não vem dando conta para estabelecer uma relação equilibrada entre essa sociedade e a natureza, o que se manifesta pela crise ambiental (p. 22).

Da mesma forma, complemento, ainda segundo Guimarães (2011), que,

se os paradigmas informam inconscientemente nossa compreensão e ação, individual e coletiva, no mundo, eles tendem a nos apontar para uma concepção de realidade que influencia a estruturação dessa realidade assim compreendida e, reciprocamente, influencia a compreensão dessa realidade assim estruturada. Essa dinâmica nos apresenta os processos sociais como um caminho único a seguir, baseada na racionalidade construída e consolidada por esses paradigmas, criando uma dinâmica que se autoperpetua e é reprodutora de uma realidade já estabelecida (p. 22).

Sendo assim, entendo que se torna necessário um método específico para as ciências sociais, um método que valorize as diferentes formas de saber e objetivando o respeito à diversidade cultural sem que exista uma ordem hierárquica entre as culturas, na busca por transformações socioambientais. Segundo Guimarães (2011),

[...] as origens causadoras dos problemas ambientais, essas nem tão claramente desveladas no processo educativo que prevalece, é um primeiro passo para percebemos que esses problemas não são frutos de uma evolução natural da dinâmica do meio ambiente, mas conseqüências de uma intervenção antrópica sobre o meio, e que essa intervenção vem rompendo a capacidade de suporte desse ambiente se autoequilibrar através de sua dinâmica natural. No entanto, essa intervenção antrópica que degrada o meio não é uma condição inata dos seres humanos, mas o resultado das relações sociais constituídas e constituintes de um meio de produção, promotor de um modelo de desenvolvimento, que imprime uma forma de relação entre sociedade e natureza. Relação essa construída tendo como base uma visão de mundo disjunta, fragmentando olhar e a compreensão sobre a realidade; visão que separa as partes do todo focando na parte, numa perspectiva individualista e privatista e que cultiva uma postura desintegrativa e dicotômica que simplifica e reduz a complexidade da realidade. Diante dessa visão de mundo tão desintegradora, constrói-se e banaliza-se a separação entre seres humanos e natureza estabelecendo uma relação de dominação de um sobre o outro, ou seja, dos seres humanos em sociedade sobre a natureza. Mas isso significa que seres humanos em sociedade são sempre degradadores da natureza? Não, esta relação se estabeleceu a partir de uma visão social de

mundo historicamente construída, fruto da sociedade moderna com seus paradigmas (p.16).

Assim, é possível pensar como alguns dos problemas centrais da atual sociedade, segundo Mészáros (2009b), o processo de mercantilização e a centralização do poder sobre o sujeito que, ao não refletir sobre suas relações sociais e sobre suas relações com o meio ambiente, afasta-se da natureza como um todo. O sistema, considerado pelo autor como em transição³, valoriza formas de compreensão da realidade a partir do reducionismo e da fragmentação dos fenômenos. E, segundo Santos (2009b), sua função social é promover o consumo através, principalmente, da criação de novos desejos fomentados pelos meios de comunicação como modo de manipulação. Segundo Mészáros (2009b),

Em uma escala historicamente relevante, uma *era de transição* se inicia no momento em que as forças dominantes da velha ordem *são forçadas* por uma *crise aguda* a adotar remédios que seriam totalmente inaceitáveis a elas sem aquela crise, introduzindo, desse modo, um corpo estranho na estrutura original, com conseqüências *em última análise* destrutivas, não importa o quanto sejam benéficos os resultados imediatos (p. 557).

Com referência à forma de organização da sociedade, o sistema em transição caracteriza-se pela propriedade privada dos meios de produção e pela liberdade de iniciativa dos próprios cidadãos, ou seja, “uma complexa transição histórica de uma formação social” (Mészáros, 2009b, p. 1016). Assim, esse sistema está voltado para a fabricação de produtos denominados mercadorias, com o objetivo de obter o lucro: “*O capitalismo visa o lucro sempre. O artesão não; pode levar um ano ou mais para vender uma peça. O artesão não visa o lucro com tanta importância e rapidez. O sistema capitalista em geral enxerga na produção acelerada de lucro a sua principal meta, atingir o maior número de vendas em um menor tempo é o objetivo. No artesanato, as coisas são menos relacionadas ao tempo, à produção, são peças únicas.*” (artesão do “Brique na Estação”). Deste modo, é possível pensar que a valorização das mais diversas formas de consumo acaba gerando a degradação contínua da natureza e do indivíduo na medida em que o ter é mais importante que o ser: “*O artesanato fez com que eu enxergasse o*

³ Sociedade em transição na medida em que o modelo societal atual não está conseguindo manter sua hegemonia necessitando, assim, transformações (Mészáros, 2002).

mundo sem muita ambição capitalista. Produzir qualidade, não quantidade.” (artesanão do “Brique na Estação”).

Historicamente, o ser humano sente-se afastado do meio ambiente e não o compreende como um bem comum, pois percebe seu ambiente como suporte para seu desenvolvimento a partir da exploração, da dominação totalitária da natureza, potencializando uma desnaturalização dos seres humanos (GUIMARÃES, 2000). Segundo Guimarães (2000), para esse modelo de sociedade, o meio ambiente e o ser humano são concebidos de forma dicotômica, e esse distanciamento vivido pelos seres humanos em relação à natureza produz a degradação tanto dos sujeitos quanto do ambiente. Contudo, ressalto, a partir de Loureiro (2012), que,

Em consonância com a tradição crítica, a constituição do ambiente como bem comum, a produção de condições dignas para todas as pessoas sem destruir a base natural e o respeito à diversidade cultural, pressupostos para uma cidade sustentável, se dão por meio de movimentos sociais e ações coletivas e cotidianas, pelos quais formamos nossas individualidades, que objetivam rupturas com os padrões atuais de sociabilidade. E é nesse processo, em sua unidade complexa, que se pode apreender a relevância, sim, mas não somente, da ética, da ciência, da tecnologia e do comportamento individual (p. 15).

Portanto, o modo de produção pós-capitalista apresenta-se como um fator determinante para a sociedade, que firma como prioridade a acumulação do capital e não o desenvolvimento das potencialidades próprias de cada sujeito em comunhão à satisfação necessária para a manutenção de sua vida (LOUREIRO, 2012).

Da mesma forma, o trabalho no sistema em transição atua em forma de alienação para homens e mulheres enquanto esse apenas reproduz a sociedade vigente. A alienação apresenta-se por estabelecer uma relação de estranhamento entre o sujeito e seu produto. Ao reproduzir a sociedade, o homem reproduz valores e formas pós-capitalistas de compreensão da realidade, não sendo capaz de enxergar para além disso e, ainda menos, de transformá-los. Segundo Guimarães (2011),

Essa racionalidade vela o conflito para produzir um consenso que reproduz e reforça a lógica hegemônica [...] manifestada por uma visão ingênua da realidade e uma prática conservadora. Visão ingênua por ser reduzida, não percebendo os conflitos e as relações de poder que engendram a realidade socioambiental, e simplista por estabelecer relações lineares (não complexas) de causa e efeito dos fatos sociais moldadas por esse

referencial paradigmático, como por exemplo, a que relaciona as causas dos problemas ambientais ao comportamento incorreto dos indivíduos que formam essa sociedade (p. 25).

Entendo, assim, que a sociedade em transição não promove a constituição do sujeito a partir das próprias potencialidades, pois não valoriza a construção da autonomia (FREIRE, 1996) e a capacidade de criar para além de uma lógica do capital (Mészáros, 2008). Sua liberdade, portanto, desconstrói-se em prol de uma reprodução social pós-capitalista. No entanto, entendo que realizar a liberdade humana é tarefa complexa, pois, segundo Mészáros (2006), ela não significa “a *transcendência* das limitações (caráter específico) da natureza humana, mas uma *coincidência* com elas” (p. 149), ou seja, “a liberdade humana não é a *negação* daquilo que é especificamente *natural* no ser humano – uma negação em favor do que parece ser um *ideal transcendental* – mas, pelo contrário, sua *afirmação*” (p. 149). Assim, para Marx, o ser humano concreto existe, “tanto como *efetividade* (o ‘homem-mercadoria’ alienado) quanto como *potencialidade* (o que Marx chama de ‘o rico ser humano’)” (MÉSZÁROS, 2006, p. 150).

Contudo, ressalto, a partir de Marx (2006a), que:

O trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadoria; produz-se a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens. (p. 111).

Segundo Marx (2006a), a alienação emerge como uma das características do processo de trabalho. O trabalhador produz mercadorias não para si, mas para o outro. Assim, o conceito de alienação se apresenta através do estranhamento que o homem estabelece com seu produto de trabalho, produto de sua própria existência. A subjetividade do trabalhador distancia-se cada vez mais de todo o processo complexo do trabalho, pois o objeto por ele produzido não carrega nada da subjetividade desse homem, como, por exemplo, a própria questão da divisão do trabalho, que expressa “a *atividade do homem enquanto ser genérico*” ou “a *atividade humana como atividade genérica*” (MARX, 2006a, p. 160). Assim, “a

divisão do trabalho é a expressão econômica do *caráter social do trabalho* no interior da alienação” (MARX, 2006a, p. 160).

O distanciamento e a exploração vividos pelos sujeitos em relação ao seu ambiente, a partir da alienação construída e, de forma histórica, por meio da sociedade pós-capitalista, apresenta-se na medida em que o indivíduo não se sente parte da natureza como um todo, ou seja,

toda essa exploração da natureza tem como alguns de seus alicerces a perspectiva antropocêntrica da modernidade e o cientificismo mecanicista da ciência moderna (cartesiana). Essas são formas de olhar e compreender o mundo que informam a nossa relação individual e social com esse mundo (GUIMARÃES, 2011, p. 18).

Portanto, o ser humano pode ser considerado alienado em relação a sua própria existência e, por consequência, constrói suas relações sociais e ambientais também a partir da alienação valorizada e não superada, já que os meios de existência estão na própria natureza. Considero, assim, que a raiz do problema apresenta-se através, principalmente, do próprio trabalho enquanto constituição fundamental para os sujeitos, ou seja, como processo criador do ser social, “conduzida pela lógica societal voltada prioritariamente para a produção de mercadorias, que destrói o meio ambiente em escala globalizada” (ANTUNES, 2011). Ainda ressalto, a partir de Mészáros (2006), com importante referência a Marx, que:

o fundamento não alienado daquilo que se reflete de uma forma alienada na economia política como uma esfera *particular* é a esfera *ontológica fundamental* da existência humana e, portanto, o fundamento último de todos os tipos e formas de atividade. Assim, o *trabalho*, em sua ‘forma sensível’, assume sua significação universal na filosofia de Marx. Ele se torna não só a chave para entender as determinações inerentes a todas as formas de alienação, mas também o centro de referência de sua estratégia prática apontada para a superação real da alienação capitalista (MÉSZÁROS, 2006, p. 86).

O trabalho enquanto atividade consciente para a produção da vida humana é uma atividade de intercâmbio entre os homens e a natureza, pois ambos são transformados nesse processo. Em todo processo de trabalho, o sujeito transforma a si mesmo e a natureza através de algo tangível ou intangível (MESZAROS, 2006). Contudo, o produto do trabalho é a obra do trabalhador, é a concretização de sua

atividade criadora. É onde o trabalhador se realiza, nesse e através desse projeto completando a si mesmo por contemplá-lo.

Trago, então, a concepção de trabalho a partir da atividade criadora pelo viés da Educação Ambiental transformadora como um fator necessário para o ser humano, pois apresenta-se através do exercício desbloqueado das próprias potencialidades a partir da realidade problematizada e, portanto, está ligada à subjetividade de cada um através da produção do novo em comunhão com o ambiente na busca por transformações nas relações socioambientais. Assim, ressalto que “o que tem de criador, auto satisfatório e pessoal o trabalho, tem de mecânica, repetitiva e anônima a função (DUARTE JR., 2010, p. 103), pois

[...] desempenhar uma função não significa cumprir um trabalho, na medida em que este implica numa decisão e numa criação pessoal, enquanto aquela traduz a subordinação a uma racionalidade operativa preestabelecida, freqüentemente elaborada por outrem que não o trabalhador (DUARTE JR., 2010, p. 103).

Segundo Marx (2006a), é a atividade criadora que nos permite decidir sobre nossa existência concreta, pois na concepção marxista é através da concretização da nossa existência, pelo trabalho, que realizamos que se apresenta a nossa capacidade de transformar a realidade e nossas relações com o meio ambiente. Desta forma, podemos pensar então, numa relação dialógica e dialética entre o sujeito, seu trabalho e o ambiente. Assim, o trabalho enquanto autorrealização do ser humano, que o afirma como uma espécie consciente, livre e universal, é diferente da atividade animal que se apresenta como instintiva e repetitiva, Marx (2006a), em Manuscritos Econômicos Filosóficos, nos diz que,

O animal identifica-se prontamente com sua atividade vital. Não se diferencia dela. É a *sua própria atividade*. Mas o homem faz da atividade vital o objeto da vontade e da consciência. Possui uma atividade vital lúcida [...]. Exclusivamente por este motivo é que a sua atividade surge como atividade livre. O trabalho alienado inverte a relação, uma vez que o homem, enquanto ser lúcido, transforma a sua atividade vital, o seu ser, em simples meio da sua *existência* [...]. Sem dúvida, o animal também produz. Ergue um ninho, uma habitação, como as abelhas, os castores, as formigas, etc. Mas só produz o que é absolutamente necessário para si ou para seus filhotes; produz apenas numa só direção, ao passo que o homem produz universalmente [...]; o animal apenas se produz a si, ao passo que o homem reproduz toda natureza [...] (pp. 116-117).

Relaciono, então, a atividade criadora e o processo político do trabalho com os princípios de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória (LOUREIRO, 2004), quando sua finalidade social é compreender o mundo e as relações sociais a partir do diálogo construído dos saberes coletivos, e mediado pela realidade problematizada ao valorizar as particularidades de cada um e de cada grupo cultural.

Com base neste contexto, procuro apresentar uma reflexão sobre a importância da atividade criadora nas concepções de uma Educação Ambiental voltada para a criação do novo e para a criticidade do sujeito, visando transformações em busca de qualidade nas relações socioambientais (LOUREIRO, 2004) pelo processo de trabalho construído, vivido e refletido. Pois, segundo Fayga Ostrower (2008),

O homem elabora seu potencial criador através do trabalho. [...] A criação se desdobra no trabalho porquanto este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas. Nem na arte existiria criatividade se não pudéssemos encarar o fazer artístico como trabalho, como um fazer intencional produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de viver (p. 31).

Contudo, acrescento a este trabalho a contribuição neomarxista de Hardt e Negri (2005) sobre a constituição daquilo que eles denominam *Império*. Assim, diferentemente do imperialismo da Idade Moderna, o Império surge como uma nova ordem global de economia política, que assume sempre novas formas de soberania, para além das fronteiras territoriais. Atua, portanto, como uma nova lógica mundial de comando. Assim,

[...] o Império não estabelece um centro territorial de poder, nem se baseia em fronteiras ou barreiras fixas. É um aparelho de *descentralização* e *desterritorialização* do geral que incorpora gradualmente o mundo inteiro dentro de suas fronteiras abertas e em expansão. O Império administra entidades híbridas, hierarquias flexíveis e permutas plurais por meio de estruturas de comando reguladoras. As distintas cores nacionais do mapa imperialista do mundo se uniram e mesclaram, num arco-íris imperial global (HARDT; NEGRI, 2005, p. 12-13).

No capítulo a seguir, abordarei a questão do trabalho alienado como principal causa do estranhamento vivido pelos indivíduos ao longo da história. Desta forma, ressaltarei o sistema de produção pós-capitalista e suas repercussões sociais e

ambientais geradas a partir das relações que esse estabelece com a sociedade de forma histórica e concreta.

O TRABALHO ALIENADO COMO ESTRANHAMENTO DO PRÓPRIO SUJEITO



Figura 3 – Reunião do grupo de artesãos do “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

“Não gosto de produtos repetitivos, produção igual em grande quantidade. A relação é que o artesanato zela pela exclusividade e qualidade, enquanto na produção industrial a quantidade é prioridade. Acho ruim isso.”

(Artesã do “Brique na Estação”)

3 O TRABALHO ALIENADO COMO ESTRANHAMENTO DO PRÓPRIO SUJEITO

“Ser radical é tomar as coisas pela raiz. Mas, para o homem, a raiz é o próprio homem.”

Karl Marx

A problemática da alienação vem sendo discutida há muito tempo, mas devido a alguns eventos históricos recentes deve continuar adquirindo uma urgência na busca por superá-la. Assim, ao iniciar este capítulo, busco a origem do conceito de alienação que nos permite refletir não apenas a partir de influências intelectuais, mas através das raízes de determinadas problemáticas históricas e sociais. Considero, então, a teoria da alienação de Marx, construída através da influência direta da economia política inglesa, por refletir aspectos concretos da realidade (MÉSZÁROS, 2006), a partir, principalmente, da propriedade privada. Marx, portanto, visa enfrentar apropriadamente com as complexidades de sua temática através de uma análise empírica concreta da realidade, e não a partir de abstrações filosóficas. Sendo assim, segundo Mézáros (2006, p. 96), Marx analisa:

1) As manifestações da auto alienação do trabalho na realidade, juntamente com as várias institucionalizações, reificações e mediações envolvidas nessa auto alienação prática, isto é, trabalho assalariado, propriedade privada, intercâmbio dinheiro, renda, lucro, valor etc. etc.; 2) Os reflexos dessas alienações por intermédio da religião, da filosofia, do dinheiro, da economia política, da arte, da ciência “abstratamente material” etc.; 3) Os intercâmbios e reciprocidades entre (1) e (2) [...]; 4) O dinamismo interno de qualquer fenômeno particular, ou campo de investigação, em seu desenvolvimento de uma complexidade menor para uma maior; 5) As inter-relações estruturais dos vários fenômenos sociais (das quais a reciprocidade entre 1 e 2 é apenas um tipo específico), bem como a gênese histórica e a renovada transformação dialética de todo esse sistema de interrelações múltiplas; 6) Uma complicação adicional está no fato de que Marx analisa as teorias em seu contexto histórico concreto, além de

investigar as relações estruturais de umas com as outras em cada período particular [...].

Marx investiga “tanto os aspectos *históricos* quanto os *sistemático-estruturais* da problemática da alienação, em relação às complexidades duais da ‘vida real’ e dos seus ‘reflexos’ nas várias formas de pensamento” (MÉSZÁROS, 2006, p. 96). Da mesma forma, entendo o conceito de alienação como construção social advinda de uma abordagem histórica dos problemas nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente.

Entendo que a alienação da humanidade apresenta-se, principalmente, através da transformação de todas as relações em objetos alienáveis, vendáveis, no sentido em que a venda é a própria prática da alienação enquanto prática de conservação da realidade vigente (Mészáros, 2006). Mészáros ainda nos afirma que:

a ordem social da “sociedade civil” só se poderia sustentar com base na conversão das várias áreas da experiência humana em “mercadorias vendáveis”, e só poderia seguir, relativamente imperturbável, o seu curso de desenvolvimento enquanto essa mercantilização universal de todas as facetas da vida humana, inclusive as mais privadas, não alcançasse seu ponto de saturação (2006, p. 39).

Através da reificação promovida pela lógica do capital, o trabalhador(a) apresenta-se como uma mercadoria vendável na medida em que ele(a) é reproduzido(a) apenas como trabalhador(a) conforme as necessidades da propriedade privada (MÉSZÁROS, 2006). Dessa forma, “as necessidades humanas só podem ser satisfeitas até o limite em que contribuem para a acumulação da riqueza” (MÉSZÁROS, 2006, p. 133). Do mesmo modo, não só existe relação entre divisão do trabalho e acumulação de capital, mas existem relações complexas entre essas e o mundo dos trabalhadores enquanto esses são desvalorizados (MÉSZÁROS, 2006, p. 136) e considerados apenas parte de um sistema de produção de mercadorias. Assim, Marx (2006a) mostrou o trabalho alienado como fundamentalmente vinculado ao sistema do dinheiro e a todo estranhamento vivido e construído através da lógica do capital, e a propriedade privada apresenta-se apenas como um produto, como um efeito necessário do trabalho alienado, ou seja, resultado “da relação externa do trabalhador com a natureza e consigo mesmo” (p.

120). Contudo, segundo Marx (2006a), “a *propriedade privada* decorre, portanto, da análise do conceito de trabalho alienado, ou melhor, do homem *alienado*, do trabalho alienado, da vida alienada, do homem estranho a si próprio (p. 120). Complemento, ainda, que:

[...] adquirimos o conceito de *trabalho alienado* (de vida *alienada*) a partir da economia política, como resultado da análise do *movimento da propriedade privada*. Mas a apreciação deste conceito, embora a propriedade privada apareça como fundamento, a causa do trabalho alienado, constitui antes a consequência deste último [...]. Entretanto, num estágio seguinte, há influência mútua (MARX, 2006a, p. 120).

O trabalho alienado, então, pode apresentar-se através da relação que o trabalhador estabelece com seu produto ou o processo de produção. Assim, “o objeto produzido pelo trabalho, o seu produto, opõe-se a ele como *ser estranho*, como um *poder independente* do produtor” (MARX, 2006a, p. 111). Segundo Marx (2006a), o produto do trabalho, ao se fixar em um objeto, transforma-se “em coisa física” (p. 113), ou seja, é a “*objetivação* do trabalho” (p. 112), pois o trabalho se constitui simultaneamente através de sua objetivação: “*Estamos em um período político em que vários concursos públicos estão surgindo. Muitas pessoas tentam o concurso público com a intenção de fugir da relação direta funcionário e patrão, imaginando que terão maior garantia de estabilidade, mas não percebem, às vezes, que acabam fazendo parte de um grande sistema, como uma engrenagem de uma máquina maior. Acabam sendo usadas para propósitos com os quais nem sempre concordam. O artesanato é completamente diferente disso. Muitos que produzem artesanato são ou foram funcionários de empresas públicas ou privadas, mas naquele exercício da liberdade, no exercício da criação, passam por uma experiência sui generis, que é particular do seu próprio gênero. Estão produzindo algo que representa uma ideia sua, que vai transitar entre outras pessoas, em outros lares. O artesanato, mesmo sendo muitas vezes um serviço solitário, pode representar uma influência pública muito maior do que vários trabalhos em empresas, fábricas ou serviço público.*” (presidente e artesã do “Brique na Estação”).

Desta forma, a partir de Marx (2006a), posso pensar que “a realização do trabalho aparece na esfera da economia política como *desrealização* do trabalhador,

a objetivação como *perda e servidão do objeto*, a apropriação como *alienação*” (p. 112). Contudo, ainda segundo o autor:

A realização do trabalho surge de tal modo como desrealização que o trabalhador se invalida até à morte pela fome. A objetivação revela-se de tal maneira como perda do objeto que o trabalhador fica privado dos objetos mais necessários, não só à vida, mas também ao trabalho. Sim, o trabalho transforma-se em objeto, que ele só consegue adquirir com o máximo de esforço e com interrupções imprevisíveis. A apropriação do objeto manifesta-se a tal ponto como alienação que quanto mais objetos o trabalhador produzir, tanto menos ele pode possuir e mais se submete ao domínio do seu produto, do capital (MARX, 2006a, p. 112).

A tendência à alienação do trabalho é reflexo da exploração do homem pelo sistema de produção em transição na medida em que se evidencia que ele perde o domínio da concepção de sua atividade e, então, passa a perpetuar a concepção de mundo da sociedade que o manipula: *“Os trabalhos de fábrica tiram a originalidade da mão humana; produção em massa se torna maçante e sem o mesmo valor.”* (artesão do *“Brique na Estação”*). Ao mesmo tempo, ressalto que “a economia política oculta a alienação na característica do trabalho enquanto não analisa a imediata relação entre o trabalhador (trabalho) e a produção (MARX, 2006a, p. 113). Também, em relação ao processo de trabalho e o produto do trabalho, Antunes (2011) complementa que,

A dimensão abstrata do trabalho mascara e faz desvanecer a sua dimensão concreta, de trabalho útil. Disto resulta o caráter misterioso ou fetichizado da mercadoria: ela encobre as dimensões sociais do próprio trabalho, mostrando-as como inerentes ao produto do trabalho. Mascaram-se as relações sociais existentes entre os trabalhos individuais e o trabalho total, apresentando-as como relações entre objetos coisificados (pp. 147-148).

Na indústria, a divisão entre trabalho manual e trabalho intelectual configura-se na relação entre trabalhadores técnico-científicos, cuja função é organizar o processo de trabalho e os operários que o executam. Essa é uma relação hierárquica. Os operários estão submetidos à lógica que o capital impôs ao processo de trabalho. Quem atua para submetê-los são os trabalhadores técnico-científicos, que se constituem em agentes do capital. Assim, os trabalhadores técnico-científicos não só organizam e planificam o processo de trabalho, mas também perpetuam uma estrutura hierárquica e reproduzem as relações sociais do capital.

A questão social das relações de trabalho pauta-se, então, através da mistificação tanto entre trabalhador e seu produto quanto durante o próprio processo de trabalho, quando o resultado apresenta-se apenas por meio de objetos arraigados de valor econômico na mesma medida em que o trabalhador se constitui na alienação de sua atividade. Para melhor compreensão, trago o conceito de alienação a partir de Mészáros (2006):

“Alienação” é um conceito eminentemente histórico. Se o homem é alienado, ele deve ser alienado *com relação* a alguma coisa, como resultado de certas *causas* – o jogo mútuo dos acontecimentos e circunstâncias em relação ao homem como sujeito dessa alienação – que se manifestam em um contexto *histórico*. Do mesmo modo, a “transcendência da alienação” é um conceito inerentemente histórico, que vislumbra a culminação bem-sucedida de um processo em direção a um estado de coisas qualitativamente diferente (p. 40).

A alienação como construção sócio-histórica advinda de uma abordagem histórica dos problemas nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente a partir do processo de trabalho contempla uma realidade com fundamentação crítica, e revela, contudo, que sua transcendência deve ser também histórica. Assim, complemento, a partir de Marx (2006a),

Se o produto do trabalho não pertence ao trabalhador, se a ele se contrapõe como poder estranho, isto só é possível porque o produto do trabalho pertence a *outro homem distinto do trabalhador*. Se a sua atividade constitui para ele um martírio, tem de ser fonte de deleite e de prazer para outro. Só o homem, e não os deuses ou a natureza, é que pode ser este poder estranho sobre os homens (p. 119).

Assim, é possível pensar que as relações de trabalho alienado são produzidas pelos indivíduos em sociedade a partir de uma construção histórica, e sua superação, além de contemplar o processo também histórico, deve partir dos próprios sujeitos sociais na busca por melhores relações com os outros sujeitos e com o ambiente, pois Marx nos faz pensar ainda que:

A alienação do homem e, além de tudo, a relação em que o homem se encontra consigo mesmo, realiza-se e traduz-se inicialmente na relação do homem com os outros homens. Portanto, na relação do trabalho alienado, cada homem olha os outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, como trabalhador, se depara (2006a, p. 118).

Desta forma, é possível afirmar que quanto mais empenho em sua atividade, mais o trabalhador apresenta-se como objeto, ou seja, “quanto mais o trabalhador se esgota a si mesmo, mais poderoso se torna o mundo dos objetos, que ele cria diante de si, mais pobre ele fica na sua vida interior, menos pertence a si próprio” (MARX, 2006a, p. 112), pois o trabalhador fundamenta sua vida no objeto que, por consequência passa a não lhe pertencer mais, mas sim ao objeto por ele produzido. Segundo Marx (2006a),

A *alienação* do trabalhador no seu produto significa não só que o trabalho se transforma em objeto, assume uma existência *externa*, mas que existe independentemente, *fora dele* e a ele estranho, e se torna um poder autônomo em oposição a ele; que a vida que deu ao objeto se torna uma força hostil e antagônica (p. 112).

O conceito de alienação apresenta-se através da conversão dos indivíduos em “coisas”, pela transformação de todas as relações em mercadoria através da reificação das relações humanas, e pela fragmentação da sociedade em indivíduos isolados (Mészáros, 2006). Da mesma forma, nas relações de trabalho alienado “a produção não produz somente o homem como uma *mercadoria*, a *mercadoria humana*, o homem sob forma de *mercadoria*; de acordo com a situação, produz ainda a ele como um ser *espiritual e fisicamente desumanizado*” (MARX, 2006a, p. 124). Segundo Antunes (2011),

A racionalização própria da indústria capitalista moderna tende, ao ser movida pela lógica do capital, a eliminar as propriedades qualitativas do trabalhador, pela de composição cada vez maior do processo de trabalho em operações parciais, operando-se uma ruptura entre o elemento que produz e o produto desse trabalho (p. 148).

As formas contemporâneas de alienação, segundo Antunes (2009), mostram-se mais complexificadas, pois os aparentes benefícios oferecidos aos trabalhadores no processo de trabalho são compensados através do capital, na medida em que “a *necessidade de pensar, agir e propor dos trabalhadores deve levar sempre em conta prioritariamente os objetivos intrínsecos da empresa, que aparecem muitas vezes mascarados pela necessidade de atender aos desejos do mercado consumidor*” (p.130). Neste sentido, “o homem é representado como um indivíduo isolado que se defronta com os objetos pré-fabricados de seu consumo, seja nas árvores ou nas

cestas dos supermercados” (MÉSZÁROS, 2006, p. 186). Contudo, o consumo, a defesa do consumidor e sua satisfação é condição necessária ao sistema de produção do capital para que se preserve a própria empresa, ou seja,

a aparência de maior liberdade no espaço produtivo tem como contrapartida o fato de que as *personificações do trabalho* devem se converter ainda mais em *personificações do capital* se assim não o fizerem, se não demonstrarem essas “aptidões”, (“vontades”, “disposição” e “desejo”), trabalhadores serão substituídos por outros que demonstrem “perfil” e “atributos” para aceitar esses “novos desafios” (ANTUNES, 2009, p. 130).

Seja através do exercício do trabalho manual ou do imaterial, ambos são “controlados pelo sistema de metabolismo societal do capital, o *estranhamento (Entfremdung) do trabalho* encontra-se, em sua essência, preservado” (ANTUNES, 2009, p. 130). Para trabalho imaterial, Antunes (2009) nos apresenta como aquele que requer maior dimensão intelectual, como, por exemplo, trabalhos de pesquisa, publicidade, construção de programas computacionais. No entanto, ele ressalta que,

o *trabalho imaterial* no interior da *grande indústria* possui uma interseção clara entre a esfera da subjetividade do trabalho (seu traço mais propriamente intelectual e cognitivo) e o processo produtivo, que obriga frequentemente o trabalhador a “tomar decisões”, “analisar as situações”, oferecer alternativas frente a ocorrências inesperadas (p. 127).

Sob a visão da apropriação da subjetividade dos(as) trabalhadores(as), o ideal pós-capitalista domina as mais diversas formas de opressão durante o processo de produção. Assim, considero importante ressaltar que, “na medida em que, para dominar, se esforçam por deter a ânsia de busca, a inquietação, o poder de criar, que caracterizam a vida, os opressores matam a vida” (FREIRE, 2005, p. 52). Ainda destaco, a partir de Antunes (2009), que:

uma noção ampliada de classe trabalhadora inclui, então, todos aqueles e aquelas que *vendem sua força de trabalho em troca de salário*, incorporando, além do proletariado industrial, dos assalariados do setor de serviços, também o proletariado rural, que vende sua força de trabalho para o capital (p. 103).

Neste sentido, Mézáros (2006) ressalta, a partir de Marx, que a alienação não se apresenta como exclusividade do(a) trabalhador(a), ou seja, “há dois lados na *mesma alienação humana*” (p. 162). Assim, entendo que a alienação atua de forma

semelhante à relação opressor-oprimido, pois a opressão atua também como desumanização tanto para o oprimido quanto para o opressor, que também apresenta-se aprisionado nessa relação, como uma vocação do ser menos (FREIRE, 2005), ou seja,

A violência dos opressores, que os faz também desumanizados, não instaura uma outra vocação – a do ser menos. Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscarem recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força de libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasça da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar a ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. Os opressores, falsamente generosos, têm necessidade, para que a sua “generosidade” continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanente da injustiça. A “ordem” social injusta é a fonte geradora, permanente, desta “generosidade” que se nutre da morte, do desalento e da miséria (FREIRE, 2005, p. 32-33).

Contemplo, assim, o papel da educação em relação ao trabalho alienado enquanto esta deve qualificar para a vida, e não para o mercado, pois não se trata de um negócio, mas sim de uma criação, nos diz Mészáros (2008). O autor ressalta que educar é resgatar o sentido da própria educação e sua relação com o trabalho a partir de suas capacidades criativas e emancipatórias para além dos espaços pedagógicos, das salas de aula, pois se faz necessário a superação de uma lógica de mercado (MÉSZÁROS, 2008). Da mesma forma, Freire (2005) nos lembra que, “somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘convivência’ com o regime opressor” (p. 58-59), e que “por isto é que somente os oprimidos, libertando-se, podem libertar os opressores. Estes, enquanto classe que oprime, nem libertam, nem se libertam” (p. 48).

Trago, ainda, a relação entre o trabalho alienado e o ambiente enquanto “o trabalhador nada pode criar sem a *natureza*, sem o *mundo externo sensível*. Este é o material onde se realiza o trabalho, onde ele é ativo, a partir do qual e por meio do qual produz coisas” (MARX, 2006a, p. 112). Assim, se faz necessário um

comprometimento político nas relações de trabalho e com a natureza, pois essas relações refletem diretamente nas relações sociais e nas relações com o meio ambiente. Portanto,

assim como a natureza fornece os *meios de existência* do trabalho, no sentido de que o trabalho não pode *viver* sem objetos, nos quais se exercita, da mesma forma ela proporciona os *meios de existência* em sentido mais restrito, a saber, os meios de existência física do próprio *trabalhador* (MARX, 2006a, pp. 112-113).

Assim, é importante pensar com Mészáros (2008) a urgência de uma mudança radical e irreversível na estrutura da sociedade, uma transformação para além de uma lógica do capital. Nesse sentido, o autor nos apresenta a educação como alternativa viável na busca por transformações socioambientais ao relacionar os processos educacionais e os processos de reprodução da realidade. Assim, “uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente transformação do quadro social no qual as práticas educacionais da sociedade devem cumprir as suas vitais e historicamente importantes funções de mudança” (MÉSZÁROS, 2008, p. 25). Contudo, ressalto, a partir de Mészáros (2008), que,

Essa lógica exclui, com uma irreversibilidade categórica, a possibilidade de legitimar o conflito entre as *forças hegemônicas fundamentais rivais*, em uma dada ordem social, como *alternativas viáveis* entre si, quer no campo da produção material, quer no âmbito cultural/educacional. Portanto, seria realmente um absurdo esperar uma formulação de um ideal educacional, do ponto de vista da ordem feudal em vigor, que considerasse a hipótese da dominação dos servos, como classe, sobre os senhores da bem-estabelecida classe dominante. Naturalmente, o mesmo vale para a *alternativa hegemônica* fundamental entre o capital e o trabalho. Não surpreendente, portanto, que mesmo as mais nobres utopias educacionais, anteriormente formuladas do ponto de vista do capital, tivessem de permanecer estritamente dentro dos limites da perpetuação do domínio do capital como modo de reprodução social metabólica. Os interesses objetivos de classe tinham de prevalecer mesmo quando os subjetivamente bem-intencionados autores dessas utopias e discursos críticos observavam claramente e criticavam as manifestações desumanas dos interesses materiais dominantes. Suas posições críticas poderiam, no limite, apenas desejar utilizar as *reformas educacionais* que propusessem para remediar os piores efeitos da ordem reprodutiva capitalista estabelecida sem, contudo, eliminar os seus *fundamentos causais* antagônicos e profundamente enraizados (p. 26).

Mészáros nos lembra que a razão pela qual existem muitos fracassos em prol de uma reforma educacional a partir de um ideal do capital caracteriza-se por suas demarcações impassíveis de mudança, ou seja, no fato de as determinações

fundamentais do sistema do capital serem *irreformáveis* (p. 27); portanto, “é necessário *romper com a lógica do capital* se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente” (MÉSZÁROS, 2006, p. 27).

Assim, conduzirei o capítulo a seguir através de uma proposta política de Educação Ambiental a partir da atividade criadora na medida em que considero sua importância e sua urgência em prol de uma nova forma de pensar a sociedade em que vivemos, uma sociedade que valoriza a construção de conhecimentos a partir das potencialidades de cada sujeito na busca por relações mais emancipatórias e a superação de problemas históricos degradantes tanto para os sujeitos como para o ambiente.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PROCESSO POLÍTICO DA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DA ATIVIDADE CRIADORA



Figura 4 – Presença dos artesãos do “Brique na Estação”, na festa de aniversário da cidade de Montenegro, no Parque Centenário em Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

“Acho que os professores deveriam praticar mais as atividades de educação fora da escola, para que as crianças percebam o quanto elas pertencem ao mundo.”

(artesã do “Brique na Estação”)

4 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL COMO PROCESSO POLÍTICO DA TRANSFORMAÇÃO DA REALIDADE A PARTIR DA ATIVIDADE CRIADORA

“[...] os fatores sociais e individuais estão intimamente interligados, tanto no consumo como na produção. E é precisamente essa interrelação dialética que permite que o consumo deixe de ser passivo e faz que ele se torne algo criativo, mesmo se – para tomarmos o caso extremo – o que é produzido é um sistema alienado de atividades humanas. Não devemos esquecer que, junto com esse sistema, também suas condições de superação são criadas.”

István Mészáros

Segundo Mészáros (2006), ao tentar conceber o homem e a mulher como parte da natureza, é necessário contemplar uma concepção histórica da própria natureza, considerando a necessidade de compreender de forma distinta seu interior e também através de uma forma particular de diferenciação “que resulta na relação intrínseca entre homem e natureza” mediatizada pelo trabalho (p. 116). Assim, esse fator particular de diferenciação pode apresentar-se através do conceito de *atividade* como trabalho que, segundo Mészáros (2006), é historicamente e logicamente anterior ao conceito de homem. Mas, segundo o autor, sobre a relação entre o ser humano, a natureza e seu trabalho, “todos os três membros dessa relação dialética pertencem ao mesmo todo complexo, e nenhum deles pode ser abstraído sem destruir essa relação específica como tal” (MÉSZÁROS, 2006, p. 117). No entanto, segundo Marx (2006a), ao partir de um fato econômico contemporâneo, “a realização do trabalho aparece na esfera da economia política como *desrealização*

do trabalhador, a objetivação como *perda e servidão do objeto*, a apropriação como *alienação*” (p. 112). Ressalto, então, a partir de Ostrower (2008), que:

Há muito, o ser humano vive alienado de si mesmo. As riquezas materiais, os conhecimentos sobre o mundo e os meios técnicos de que se dispõe, em pouco alteram essa condição humana. Ao contrário, o homem contemporâneo, colocado diante das múltiplas funções que deve exercer, pressionado por múltiplas exigências, bombardeado por um fluxo ininterrupto de informações contraditórias, em aceleração crescente que quase ultrapassa o ritmo orgânico de sua vida, em vez de se integrar como ser individual e ser social, sofre um processo de desintegração. Aliena-se de si, de seu trabalho, de suas possibilidades de criar e de realizar em sua vida conteúdos mais humanos (p. 6).

Com o surgimento de uma nova racionalidade científica, na qual apenas valorizam-se formas de conhecimento científico, e que, segundo Santos (2009a), “é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas” (p. 61), instala-se uma nova ordem na sociedade. Esse paradigma dominante constituiu-se a partir do século XVI com o domínio das ciências naturais e, a partir do século XVIII, começa a estender-se às ciências sociais. Assim, segundo Morin (2002), “o paradigma é inconsciente, mas irriga o pensamento consciente, controla-o e, neste sentido, é também supraconsciente” (p. 26), ou seja, “os indivíduos conhecem, pensam e agem segundo paradigmas inscritos culturalmente neles” (p. 25).

A partir dessa nova ordem societal, “afirmou-se uma visão dualista e mecânica do mundo e da natureza” (CARVALHO, 2012), onde o processo de trabalho passa a constituir-se numa relação externa ao trabalhador na medida em que ele perde sua condição integral do ser em prol de um processo de divisão do trabalho. Assim, “ao separar radicalmente a natureza da cultura, a ciência sacrificou a diversidade em nome da universalidade do conhecimento, *reduzindo* os fenômenos culturais às determinações das leis naturais gerais” (CARVALHO, 2012, p. 54). Assim, é possível afirmar, segundo Guimarães (2000),

a crise ambiental reflete a crise deste modelo de sociedade urbano-industrial que potencializa, dentro de sua lógica, valores individualistas, consumistas, antropocêntricos, e ainda como componente desta lógica, as relações de poder que provocam dominação e exclusão, não só nas relações sociais como também nas relações sociedade-natureza (p. 24).

Contudo, ressalto que as características da crise do paradigma dominante revelam as perspectivas de um novo paradigma (SANTOS, 2009b), na medida em que sustentam dicotomias como entre sujeito e objeto, natureza e cultura, razão e sensibilidade, corpo e mente (CARVALHO, 2012), e quando não contemplam o diálogo baseado na questão dialética e histórica da realidade problematizada e, principalmente, sobre as questões ambientais. Complemento, a partir de Guimarães (2011), que,

A compreensão e a ação que prevalece hoje no mundo é intermediada pelos paradigmas construídos historicamente pela sociedade moderna e que estabelecem essa relação tão desarmônica entre os indivíduos em sociedade e entre sociedade e natureza. Por essa relação da vida moderna com o mundo, e que vem sendo crescentemente intensificada ao longo dos últimos 500 anos, é que temos uma crise ambiental que põe em risco a própria sobrevivência da espécie humana e até mesmo da vida como um todo. Realmente, vivemos o que está sendo denominada por alguns autores em uma sociedade de risco, em que os riscos a serem enfrentados pela coletividade humana não são mais os fenômenos naturais, e sim os riscos produzidos por essa própria sociedade; mas essa crise ambiental é uma construção histórica, ela pode também ser historicamente desconstruída (p. 19).

O paradigma hegemônico entende meio ambiente como local de exploração econômica e não como, segundo Lopez Velasco (2003), espaço de tempo e história, ou como espaço físico e social onde os indivíduos interagem entre si e com a natureza. Segundo Carvalho (2012),

A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinamicamente e mutuamente (p. 37).

Complemento, ainda, segundo a mesma autora, que:

Em resumo, a visão socioambiental não nega a base “natural” da natureza, ou seja, suas leis físicas e seus processos biológicos, mas chama a atenção para os limites de sua apreensão como mundo autônomo reduzido à dimensão física e biológica. Trata-se de reconhecer que, para apreender a problemática ambiental, é necessária uma visão complexa de meio ambiente, em que a natureza integra uma rede de relações não apenas naturais, mas também sociais e culturais (CARVALHO, 2012, p. 38).

É possível afirmar que o ser humano criou um sentimento de distanciamento em relação à natureza ao construir uma postura antropocêntrica do mundo, e os impactos resultantes desse processo são sentidos das mais diversas formas pelo ambiente através da sociedade (GUIMARÃES, 2000), pois, segundo Guimarães (2000),

Para esse modelo societal, o meio ambiente e o ser humano são concebidos de modo dicotômico. Historicamente, o ser humano inserido nesse modelo societário sente-se separado, não-integrado ao ambiente natural. Percebe esse ambiente como suporte para seu desenvolvimento a partir de uma visão servil, utilitarista e consumista, de dominação totalitária da natureza, potencializando uma desnaturalização da humanidade. Rompe assim as relações de equilíbrio entre seres humanos em sociedade e o meio ambiente. Esse distanciamento entre seres humanos e natureza produz a degradação de ambos (p. 25).

Contudo, Mészáros (2006) nos afirma que, ao tentar conceber o homem como parte da natureza, é necessário contemplar uma concepção histórica da própria natureza considerando a necessidade de conhecer de forma distinta o interior da natureza e, também, de uma forma particular de diferenciação “que resulta na relação intrínseca entre homem e natureza” (p. 116). Assim, esse fator particular de diferenciação pode apresentar-se através do conceito de atividade como trabalho que, historicamente, é anterior ao conceito de homem. Mas, segundo o mesmo autor, “essa prioridade é, evidentemente, relativa, pois todos os três membros dessa relação dialética pertencem ao mesmo todo complexo, e nenhum deles pode ser abstraído sem destruir essa relação específica como tal” (MÉSZÁROS, 2006, p. 117).

Assim, penso que a Educação Ambiental crítica⁴, transformadora⁵ e emancipatória⁶ atrelada à atividade criadora apresenta-se como uma possibilidade de superação da alienação, tratada no capítulo anterior, e de formas pós-capitalistas de compreensão da realidade, pois contempla a complexidade das relações com o outro e com a natureza, comprometendo, ainda, a capacidade de transformação dos

⁴ Posiciona as relações sociais e ambientais a partir de suas raízes históricas e a partir do contexto socioeconômico de cada período de tempo das sociedades, assim seu objetivo é superar as formas concretas da realidade através da práxis por meio de constantes questionamentos (LOUREIRO, 2012).

⁵ Visa mudanças no padrão societal através do movimento simultâneo entre transformações subjetivas e condições concretas da realidade (LOUREIRO, 2012).

⁶ Objetiva a autonomia dos sujeitos como atores sociais através da transformação das relações de exploração social, ambiental e humana, de dominação e de opressão (LOUREIRO, 2012).

sujeitos a partir das próprias relações socioambientais, sem valorizar formas de reprodução de uma mesma realidade. Segundo Carvalho (2012), “a Educação Ambiental deve ter como base o pensamento crítico e inovador, em qualquer tempo ou lugar, em seus modos formal, não formal e informal, promovendo a transformação e a construção da sociedade” (p. 57).

Torna-se claro, então, que tal processo de transformação não existe sem sujeitos conscientes e dialógicos capazes de perceber a complexidade nas relações estabelecidas pelo sujeito com os outros e com o ambiente. Segundo Leff (2010),

Percebemos e vivemos no mundo sob as condições mesmas de nossas “formas de ser”, com identidades próprias que se configuram dentro das limitações da condição para entender nosso mundo. Estas identidades se configuram no encontro dos fenômenos reais que buscamos compreender, com o entendimento que tem sua própria “forma de ser” (p. 24).

Contudo, segundo Loureiro (2004), “o movimento de mudança da condição alienada no capitalismo deve ser complexo, integral e simultâneo” (p. 96) e, através de uma educação dialógica,

[...] o processo de conscientização deixa de ser unidirecional, e passa a se definir como um movimento coletivo, com o mundo, pelo qual o ‘eu’ é sujeito e objeto do conhecimento e no qual ocorre um desvelar da realidade, que se realiza pela prática social (LOUREIRO, 2004, p. 96).

Segundo Reigota (2009), a Educação Ambiental “busca estabelecer uma nova aliança entre a humanidade e a natureza” (p. 97), bem como “desenvolver uma nova razão que não seja sinônimo de autodestruição, exigindo o componente ético nas relações econômicas, políticas, sociais e pessoais” (p. 97). Assim, resalto, a partir de Leff (2010), no campo discursivo da sustentabilidade, que

A transcendência para um futuro sustentável não aparece como retotalização do mundo em uma consciência emergente, como finalidade das pessoas, mas como fecundidade do mundo desde a disjunção do ser e o encontro com o outro. Dialética sem síntese hegeliana do *uno* desdobrando-se em seu contrário e reencontrando-se no próprio *uno* da unidade e da ideia absoluta. A transcendência do saber ambiental é a fecundidade do Outro, como produtividade da complexidade, antagonismo de interesses e ressignificação do mundo diante dos retos da sustentabilidade, da equidade e da democracia (p. 37).

A Educação Ambiental contempla o sujeito como autor da sua própria práxis em comunhão com a natureza, da mesma forma em que ele aparece a partir da constante busca pela sua autonomia em prol de transformações na qualidade de suas relações socioambientais. Portanto, os sujeitos buscam, através da dialogicidade, caminhos necessários para a compreensão da realidade problematizada e, então, conscientes, são capazes de transformação individual e coletiva. Dessa forma, segundo Carvalho (2012),

[...] podemos pensar a prática educativa ambiental como aquela que, juntamente com outras práticas sociais, está ativamente implicada no fazer histórico-social, produz saberes, valores, atitudes e sensibilidades e, por excelência, é constitutiva da esfera pública e da política, na qual se exerce a ação [...] com suas possibilidades emancipadoras do existir humano. Essa ação é o campo próprio da educação enquanto prática social e política que pretende transformar a realidade (p. 188).

Assim, a educação ambiental pode ser pensada através de sua conexão com as relações sociais e ambientais construídas pelos sujeitos em sociedade. O sujeito é capaz de modificar seu meio, a si próprio e suas relações. Sua finalidade histórico-social é valorizar o sujeito e sua realidade em um constante processo de busca por sua autonomia e emancipação. Portanto, a Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória surge como possibilidade de ressignificação das relações entre sujeitos e seu ambiente, pois, segundo Reigota (2009), “os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão as soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e cidadãs” (p. 19).

Em relação à superação de formas de padronização e, conseqüentemente a superação de formas de alienação, e na busca por transformações socioambientais a partir de novos caminhos, Loureiro (2012) nos afirma que “instituir o novo exige profundos movimentos de ruptura e transformação das condições existentes e das subjetividades” (p. 38). Desta forma, acredito que a atividade criadora possa trazer para o sujeito uma consciência crítica sobre a realidade problematizada e, conseqüentemente, a possibilidade de criação do novo a partir de suas próprias características em comunhão com o outro e seu meio, sem contemplar a padronização dos sujeitos através, principalmente, da alienação gerada por meio da divisão do trabalho promovida pela sociedade dominante (MESZÁROS, 2006), pois

entendo que essa padronização existe como forma de conservação de uma mesma realidade.

Assim, é possível pensar com Ostrower (2008) que a consciência nunca se apresenta como algo definitivo, pois “ela vai se formando no exercício de si mesma, num desenvolvimento dinâmico em que o homem, procurando sobreviver e agindo, ao transformar a natureza se transforma também” (p. 10). Portanto, através da consciência crítica sobre a realidade atrelada à atividade criadora, o sujeito é capaz de construir novas possibilidades de emancipação, pois “o homem não somente percebe as transformações como sobretudo nelas se percebe” (p. 10).

Desta forma, a atividade criadora, ou trabalho criativo, não pode ser compreendida como um fenômeno individual, mas como um processo social e cultural, enquanto não depende apenas de fatores intrapessoais e, sim, das contribuições advindas das relações com o outro e com a sociedade como um todo: *“Acho que, de certa forma, todas as pessoas fazem artesanato, mas a maioria não reconhece ou valoriza esse fato. Talvez uma maior consciência disso pudesse alimentar um sentimento melhor, um sentimento de satisfação. Podemos identificar a arte até nas palavras de alguém que trabalha em um sindicato, por exemplo. A atividade de criação está presente em qualquer direção que se olhe, mas, se o trabalho manufaturado fosse maior, haveria um crescimento de sentimentos no sentido humano da palavra” (artesã do “Brique na Estação”).*

Assim, é possível pensar que, no processo criador, fundem-se a uma só vez o particular e o geral, a visão individual do artista e a da cultura em que vive, expressando assim certas vivências pessoais que se tornaram possíveis em determinado contexto cultural (OSTROWER, 2013). Segundo Ostrower (2013),

Ao criar, o artista não precisa teorizar a respeito suas vivências, traduzir os pensamentos e as emoções em palavras. Ele tem mesmo que viver a experiência e incorporá-la em seu ser sensível, conhecê-la por dentro. Daí, espontaneamente, lhe virá a capacidade de chegar a uma síntese dos sentimentos – naquilo que a experiência contém de mais pessoal e universal – e de transpor essa síntese para uma síntese de linguagem, adequando as formas ao conteúdo (p. 45-46).

Ressalto, a partir disto, que o ato criador não se apresenta como possibilidade para poucos sujeitos considerados talentosos, artistas, mas sim a todos os sujeitos

comprometidos com a transformação da realidade através da construção de conhecimentos a partir de suas próprias potencialidades: *“Através da leitura de um livro “Como apreciar a arte” que fala sobre a história da arte, entendi sobre a complexidade de muitas obras e seus significados. Li neste livro que, na Índia, em determinado tempo, havia vários tipos de arte. Notei que, desde meus trabalhos com as séries iniciais, a arte estava envolvida. Não concordo com o certo menosprezo da classificação de artesanato fora das artes. Comecei a ler e me interessei sobre escola de artes e ofícios. Ainda hoje tento trabalhar com vidro, mas sinto que me falta habilidade profissional para a manipulação e o trabalho com esse material, mesmo após alguns cursos; faltam equipamentos, treino e mais estudos”* (artesã do “Brique na Estação”).

Portanto, a atividade criadora é, então, a integração do ser e do fazer através da constante reflexão sobre o próprio potencial criador, visando transformações das relações socioambientais, a partir de um processo contínuo e dialético: *“O meu artesanato provoca reflexões. Levo ampulhetas e caleidoscópios. Acho que o artesanato que eu levo proporciona que a outra pessoa que vai na minha tenda pense nesta fonte de produção que eu sou e dessa forma se transforme. Talvez compre um caleidoscópio, simplesmente pense nisso ou explique para o seu filho do que se trata. Contribuí com a educação do povo, provocando a curiosidade, a reflexão.”* (artesã do “Brique na Estação”).

Isso implica que esse ser é sujeito na construção do seu próprio conhecimento e da sua autonomia, ao mesmo tempo em que ele é determinado pelas dimensões que o constituem, o que o inscreve na dialética da mudança e da permanência, do equilíbrio e do desequilíbrio, da unidade e da diversidade, da autonomia e da determinação: *“Eu olhava um artesanato feito e achava que eu não teria condições de fazer aquilo. Quando comecei, percebi que era possível. Aprendi que consigo realizar meus sonhos; é só ter dedicação e confiança. Quando iniciei, cheguei a ser a única de uma turma de alunos que não conseguiu passar na “prova final”; precisei de ajuda da professora e hoje recordo tudo isso com bom humor. Essa avaliação não representava realmente minhas capacidades. Eu poderia ter desanimado, mas felizmente continuei e já confeccionei inúmeras obras. Sinto-me mais confiante”* (artesã do “Brique na Estação”). A autonomia do sujeito corresponde

a sua ação - quanto mais criativa e divergente em relação ao que já está instituído, mais autônoma ela será. Além disso, a atividade criadora associa e integra o que estava dividido, ao mesmo tempo em que ela desequilibra as formas já articuladas, permitindo uma nova organização. Portanto, segundo Mészáros (2006),

O homem deve ser descrito pensando-se em termos de suas necessidades e poderes. E ambos estão igualmente sujeitos a modificações e desenvolvimento. Em consequência, não pode haver nada de fixo em relação a ele, exceto o que se segue necessariamente de sua determinação como ser natural, ou seja, o fato de que ele é um ser com *necessidades* – de outro modo, não poderia ser chamado de ser natural – e *poderes* para satisfazê-las, sem os quais um ser natural não poderia sobreviver (p. 152).

A criação do novo, então, significa estabelecer relações até então não construídas pelo sujeito na busca por transformações nas suas relações sociais e ambientais. Assim, a atividade criadora pode se referir à interação de fatores que o sujeito estabelece no processo criativo ou ao próprio produto da trabalho criativo. Ela apresenta-se através de uma nova relação resultante da capacidade única do sujeito, de suas interações sociais e de suas relações com o ambiente: *“Quanto mais exclusividade de uma peça, de uma obra, mais valor para cultura. As pessoas ficam com um trabalho único e isso deve ser valorizado. Contribuo com a sociedade produzindo trabalhos exclusivos”* (artesã do *“Brique na Estação”*). Então, é possível pensar que: “o homem cria, não apenas porque quer, ou porque gosta, e sim porque precisa; ele só pode crescer, enquanto ser humano, coerentemente, ordenando, dando forma, criando” (OSTROWER, 2008, p. 10).

Segundo Ostrower (2013), “todo ato de criação é um ato de compreensão que redimensiona o universo humano” (p. 219), ou seja, “o ato criador, sempre ato de integração, adquire seu significado pleno só quando entendido globalmente” (OSTROWER, 2008, p. 56). Assim, o ser humano não pode ser considerado através de suas partes, e sim como um todo integrado a elas. Assim, *“a visão global dependerá da sensibilidade de uma pessoa; mas, reciprocamente, para se transformar em capacidade criativa, a sensibilidade sempre dependerá dessa visão global”* (OSTROWER, 2008, p. 39). Segundo Ostrower (2008),

[...] por se vincular no ser consciente a um fazer intencional e cultural em busca de conteúdos significativos, a sensibilidade se transforma. Torna-se ela mesma faculdade criadora, pois incorpora um princípio configurador

seletivo. Nessa integração que se dá de potencialidades individuais com possibilidades culturais, *a criatividade não seria então senão a própria sensibilidade*. O criativo do homem se daria ao nível do sensível (p. 17).

Assim, no processo criador, o sujeito está inserido na dialética de sua autonomia e na determinação, que, por sua vez, apresenta-se associada às próprias dimensões que constituem o sujeito. Assim, a dimensão relacional é constitutiva no processo, na medida em que o sujeito é um ser contextualizado, ou seja, determinado pelas condições de sua existência na sociedade. Sua percepção do mundo e do modo como ele destaca elementos determinados estão ligados à maneira pela qual ele constrói suas concepções.

Busquei refletir, nesta parte do capítulo, a partir das discussões atuais sobre Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, as relações históricas construídas entre atividade criadora e os processos de trabalho, que me movem a compreender que, diante da urgência de transformações na realidade e de novas relações sociais e ambientais para além de uma lógica de mercado, faz-se necessário um comprometimento político de transformação dessa realidade a partir de sua problematização que pode ser construído através de uma Educação Ambiental, como uma educação comprometida politicamente, que pode apresentar-se nos mais diversos espaços pedagógicos, pois está comprometida com a constituição de cidadãos críticos e participativos capazes de buscar alternativas criativas para os problemas socioambientais vividos e construídos historicamente.

4.1 O artesanato e suas concepções políticas sobre o processo de trabalho

O artesanato projeta-se, hoje, em nosso imaginário, através de grupos de artesãos reunidos em praças públicas, onde fabricam e expõem seus trabalhos ao olhar das pessoas que por ali passam e admiram-se por encontrar um trabalho feito à mão. Ou em lojas especializadas no turismo de determinadas cidades, onde os turistas podem resgatar um pouco da cultura local e uma época em que o sujeito,

dono do seu tempo e da compreensão de todo processo de produção em seu trabalho, podia reconhecer-se e ser reconhecido nos objetos de sua produção.

É possível perceber a pouca valorização do trabalho artístico e artesanal, quando as pessoas afastam-se das praças e das estantes das lojas turísticas, instaurando-se, assim, a perda da oportunidade de compreender seu significado, bem como o processo educativo, cultural e sócio-histórico pelo qual o artesanato constitui-se: *“Infelizmente algumas pessoas preferem produtos industrializados, com a “perfeição”, estilo de forma, que apenas máquinas podem atingir. No artesanato não existe padrões rígidos de forma nem na forma como executamos o trabalho; nos outros tipos de trabalho os padrões são imperativos” (artesã do “Brique na Estação”)*.

Tal desvalorização surge com o início do século XVIII, com a Revolução Industrial e a instauração de uma educação distante de uma pedagogia artesã, onde as potencialidades dos sujeitos tornam-se invisíveis aos olhos da lógica do mercado, enquanto o tempo significa dinheiro e a divisão do trabalho começava a fazer parte da concretização do processo de trabalho, e o caráter coletivo dos sujeitos perde-se em prol da valorização da individualidade na medida em que fortalece a hegemonia de um novo sistema econômico e social.

No entanto, segundo Freire (2005), a interação social é condição indispensável para a construção de conhecimentos e para o comprometimento político com a realidade, pois a heterogeneidade do grupo enriquece o diálogo e possibilita a busca pela autonomia através das potencialidades de cada um. Assim, as relações sujeito-sujeito e sujeito-mundo são indissociáveis. Segundo o autor, “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2005, p. 68). Portanto, Freire nos afirma que:

A existência, porque humana, não poder ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar* (2005, p. 90).

Através do diálogo, os sujeitos são capazes de transformar a realidade a partir de sua problematização. Assim, nesse processo dialético e dialógico, os sujeitos são capazes de construir um comprometimento político com a realidade a partir do exercício das suas próprias potencialidades. Contudo, a partir de sua atividade criadora, o sujeito é capaz de construir sua autonomia, propiciando um pensamento mais crítico em relação à realidade problematizada, sendo capaz, então, de transformá-la.

Assim, considero importante o comprometimento político através do trabalho artesanal enquanto este é refletido nas relações sociais e ambientais: *“Acho que o artesanato poderia ser mais apreciado, não apenas como consumo, mas com mais interesse pela forma de criação da obra. Trata-se de parte da cultura que, se não for valorizada, pode se perder; exemplo são os brinquedos lúdicos” (artesão do “Brique na Estação”)*.

Neste sentido, Dallari (2004) complementa que “a política é a conjugação das ações de indivíduos e grupos humanos, dirigindo-as a um fim comum” (p. 10). Faz-se necessário, então, o comprometimento político do trabalho na medida em que as relações de trabalho refletem a relação recíproca entre indivíduo e natureza. Assim, segundo o mesmo autor,

é preciso considerar que “política” tanto pode referir-se à vida de seres humanos integrados e organizados numa sociedade, onde são tomadas decisões sobre os assuntos de interesse comum, como pode referir-se ao estudo dessa organização e dessas decisões (DALLARI, 2004, p. 10).

A partir disto, entendo que o comprometimento político através do processo de trabalho pode apresentar-se através da atividade criadora, no sentido, segundo Mézáros (2008), de pensar e agir para além de uma lógica de mercado enquanto o ser humano necessita transformações em suas relações sociais e ambientais, ou seja, construir relações emancipatórias tanto para os sujeitos quanto para o ambiente, através, principalmente, do comprometimento político com a realidade através de sua atividade criadora: *“Contribuo com a sociedade através da criação do novo, do único, fugindo da produção em série e desenvolvendo uma certa personalidade em cada peça que produzo” (artesão do “Brique na Estação”)*.

Assim, o comprometimento político através do trabalho artesanal pode apresentar-se como parte constitutiva dos sujeitos, do processo de criação e da própria atividade criadora, pois representa a capacidade de projetar a consciência sobre a realidade e suas transformações. Segundo Meira (2003), “criar é poder conectar-se politicamente com a contemporaneidade, esforço de compreensão sobre necessárias mudanças na sociedade” (p. 70). Portanto, ao visar possíveis transformações socioambientais, o ser criativo é capaz de, conscientemente, criar e comprometer-se, além do processo de criação, com seu produto.

Penso, então, que o artesanato como atividade criadora pode contribuir para um comprometimento político sócio-histórico como um fator da maior importância para o sujeito e para suas relações socioambientais, pois ela traz como característica fundamental a prática absolutamente cotidiana das próprias potencialidades em comunhão com a natureza e o outro através da dialogicidade.

Somos cercados de pessoas com características diferentes das nossas, sujeitos que pensam e que agem de formas distintas. No processo de convivência, a confiança nas potencialidades dos outros é fundamental para o processo dialógico, pois permite, além da aceitação e o respeito ao diferente, a construção coletiva de conhecimentos advindos do que até então era pessoal, íntimo de alguém e que, agora, compartilha ou socializa suas características, seus sentimentos, emoções, ideias e pensamentos. Sendo assim, as visões sobre o mundo podem variar entre as pessoas, pois como já foi dito, são individuais e estão conectadas com as potencialidades de cada sujeito.

Segundo Freire (1996), em um planeta com imensas desigualdades e contradições, o comprometimento político através da educação apresenta-se como um fator de esperança e transformação para a sociedade, enquanto o sujeito sente-se livre para criar novas formas de ser e estar no mundo. Segundo Freire (1996), a educação libertadora não apenas permite o acesso ao conhecimento, à participação, mas propicia condições para que o sujeito desenvolva sua autonomia através da construção social do conhecimento e, assim, através do diálogo entre sujeitos, valoriza as diferentes visões de mundo sempre a partir da problematização da realidade.

Assim, existem diversas perspectivas que podem ser abordadas quando se trata do ser humano e da sociedade. O sujeito, sendo um participante intenso, pode ser compreendido de forma individual, com suas características e potencialidades próprias, ao mesmo tempo em que pode ser estudado em sua coletividade. Segundo Dallari (2004), o ser humano não apenas vive, mas, sim, convive com outros homens e mulheres. Dallari nos diz, ainda, que:

E não é só porque necessita dos serviços dos outros seres humanos para a manutenção de sua casa, o preparo dos alimentos e o cuidado de sua saúde, mas porque todo ser humano tem necessidades afetivas, psicológicas e espirituais, que só podem ser atendidas com a ajuda e a participação de outros seres humanos (2004, p. 13).

Contudo, é possível afirmar que todos nós sentimos necessidades, inclusive psicológicas, que apenas podem ser supridas com a interação com outros sujeitos. Por isso, o ser humano pode ser caracterizado como um ser político, por fazer parte de sua natureza a vida em sociedade (DALLARI, 2004).

No capítulo a seguir, busquei refletir sobre o comprometimento político com a realidade através do trabalho a partir da atividade criadora em prol da superação da alienação. O trabalho criativo permite ao sujeito uma melhor compreensão da realidade através de sua problematização na medida em que a consciência crítica sobre essa realidade é construída dialeticamente pelo sujeito em cada processo criativo. Assim, o capítulo a seguir visa problematizar a tensão entre atividade criadora e alienação.

O TRABALHO CRIATIVO COMO POSSIBILIDADE DE TRANSFORMAÇÃO NA BUSCA PELA SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO



Figura 5 – Artesão e sua obra feita de materiais reutilizados.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

***“Após a leitura de alguns livros e amante das artes de uma forma em geral,
resolvi defender a arte como diferentes tipos de expressão, seja através de
pintura, texto ou objeto”
(artesã do “Brique na Estação”)***

5 O TRABALHO CRIATIVO COMO POSSIBILIDADE TRANSFORMADORA NA BUSCA PELA SUPERAÇÃO DA ALIENAÇÃO

“Não posso imaginar que uma vida sem trabalho seja capaz de trazer qualquer espécie de conforto. A imaginação criadora e o trabalho para mim, andam de mãos dadas.”

Sigmund Freud

O trabalho criativo, ou atividade criadora, pode apresentar-se a partir da sensibilidade da capacidade criativa do sujeito trabalhador interagir com sua realidade na medida em que, através do seu potencial criador, o sujeito é capaz de melhor compreender e transformar essa realidade para além de uma lógica de mercado enquanto que, ao mesmo tempo, “para a sociedade do consumo, os caminhos de busca da sensibilidade são totalmente dispensáveis. Nem sequer fazem parte da realidade. A mercadoria, o mercado, este, sim, são fatos reais (OSTROWER, 2013, p. 265). Segundo Ostrower (2013),

O potencial criador não é outra coisa senão essa disponibilidade interior, essa plena entrega de si e a presença total naquilo que se faz. Ela vem acompanhada do senso do maravilhoso, da eterna surpresa com as coisas que se renovam no cotidiano, ante cada manha que ainda não existiu e que não existirá mais do modo igual, ante cada forma que, ao ser criada, começa a dialogar conosco. É nossa sensibilidade viva, vibrante (p. 263).

Assim, para que possamos potencializar nosso processo criador, é necessário antes compreendê-lo. Na busca de si mesmo, o indivíduo apresenta-se como no escuro. E é nessa caminhada que ele descobre seus interesses e suas aptidões. Segundo Ostrower (2013),

Crescer, saber de si, descobrir seu potencial e realizá-lo é uma necessidade interna. É algo tão profundo, tão nas entranhas do ser, que a pessoa nem saberia explicar o que é, mas sente que existe nela e está buscando-o o tempo todo e das mais variadas maneiras, a fim de poder identificar-se na identificação de suas potencialidades. No entanto, é só ao longo do viver que essas potencialidades se dão a conhecer. [...] Então é preciso viver para poder criar. [...] Somente nos encontro com a vida, nas experiências concretas e nas conquistas de maturidade, poderemos saber quem é a pessoa e quais os reais contornos de seu potencial criador (p. 28).

Da mesma forma, entendo que o potencial criador permite ao sujeito, além da constituição de sua individualidade a partir da descoberta de suas potencialidades, a construção de conhecimentos na medida em que ele permite-se melhor interagir com o mundo, sendo capaz, então, de promover, de modo consciente, transformação individual e coletiva. Assim, ressalto, a partir de Ostrower (2013), que,

Na medida em que elas crescem e se desenvolvem, e descobrem as próprias potencialidades, seu horizonte se alarga num mundo espiritual que se enriquece. Nunca se chega ao fim; ao contrário, quanto mais se aprofundar a individualidade de uma pessoa tanto mais receptiva ela se torna a novas experiências de vida (p. 55).

Sobre a individualidade dos sujeitos em relação ao seu processo criador, Ostrower (2013) nos esclarece, ainda, que:

A individualidade de alguém não é, todavia, um dado fixo nem tampouco a simples concretização de um programa genético, ainda que passe por ele. É antes um processo de desdobramentos, através de contínuas transformações e reestruturações. É um constante devir absorvido pelo ser. Há, sem dúvida, um direcionamento [...]. Mas o rumo só se define e se concretiza no viver de cada um, nas situações concretas vividas pela pessoa. Pois, tanto nas realidades externas sociais como nas realidades internas da pessoa, podem surgir fatores que influenciam seu desenvolvimento, quer no sentido positivo ou negativo, incentivando-o ou desorientando-o, ou talvez até mesmo destruindo as potencialidades individuais (p. 29).

Neste sentido, é possível pensar a criação como a escolha do próprio sujeito em sociedade. Seu caráter apresenta-se como específico e concreto, pois “*só se cria dentro da especificidade de determinada matéria e só com o pleno domínio de sua linguagem*” (OSTROWER, 2013, p. 223). Assim, ressalto que:

A especificidade da ação criativa origina-se nas diversas matérias com que se lida; as 'matérias' podendo ser de natureza física ou psíquica: ferro, vidro, cores, sons, gestos, ou também ideias ou relações humanas. Essas matérias vão ser transformadas pela ação do homem. Daí os processos de criação constituírem essencialmente *processos de transformação*, cujas formas de desdobramento irão revelar novos aspectos característicos da própria matéria (OSTROWER, 2013, p. 222).

Portanto, segundo a autora, é a partir do caráter de especificidade de uma matéria que todas as suas formas de desdobramento tornam-se também específicas durante o processo criador. Assim, segundo a autora, “todo ato de criação é um ato de compreensão que redimensiona o universo humano” (OSTROWER, 2013, p. 219). Desta forma, é possível compreender que:

Um artesão, por exemplo, que trabalhe com madeiras, há de imaginar as formas a serem criadas – o tipo de corte e acabamento, os eventuais ornamentos, mesmo as proporções e a escala – dentro das possibilidades de transformação da madeira. E se, digamos, ele for trabalhar com jacarandá, ele pensará em termos de jacarandá e não em termos de balsa, cujas possibilidades seriam bastante diferentes. Muito menos ele pensará em formas que caracterizariam outras matérias, tecido, espuma, aço etc. Do mesmo modo então, um pintor imaginará em termos de cores, linhas, transparências, opacidades, referidas ainda especificamente à técnica que usará, óleo, guache, aquarela, colagem. Um escultor pensará em termos de espaços tridimensionais, volumes cheios ou vazados, também referidos ao material que use bronze, ferro, granito, cerâmica, concreto armado. Um músico imaginará suas composições em termos musicais, sequências rítmicas ou sonoras, ainda relacionando-os eventualmente aos timbres de determinados instrumentos. Um matemático construirá suas hipóteses a partir de estruturas e relacionamentos possíveis dentro da lógica matemática. E assim por diante (OSTROWER, 2013, p. 222).

É possível pensar, ainda, com o objetivo de construir uma teoria materialista da arte, ou seja, segundo Walter Benjamin, um “trabalho de teoria estética”, em “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”, a discussão sobre arte e modernidade pós-capitalista. Benjamin (2012) aponta para algumas questões importantes como a noção de autenticidade, o valor de culto e a unicidade na obra de arte. O “hic et nunc” do original constitui o que chama de autenticidade, a unicidade de sua presença no próprio local onde ela se encontra. No entanto, esse conceito não tem sentido para uma reprodução, técnica ou não, pois esta noção escapa a toda reprodução, estabelece então diferenciações e níveis na própria autenticidade. O autor nos afirma, ainda, que:

O que faz com que uma coisa seja autêntica é tudo o que ela contém de originariamente transmissível, desde sua duração material até seu poder de testemunho histórico. Como esse testemunho repousa sobre essa duração, no caso da reprodução, em que o primeiro elemento escapa aos homens, o segundo - o testemunho histórico da coisa - encontra-se igualmente abalado. Não em dose maior, por certo, mas o que é assim abalado é a própria autoria da coisa (p. 181).

Desta forma, discute-se em que época da reprodutibilidade técnica a obra de arte é atingida em sua aura, ou seja, “o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura” (BENJAMIN, 2012, 182), e esse processo ultrapassa o domínio da arte. Segundo Benjamin (2012), a aura “é uma teia singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (p. 184). Sendo assim, a reprodutibilidade, com a retomada do sempre idêntico, contribui diretamente para a destruição do caráter único da autenticidade e da tradição, pois:

A autenticidade de uma coisa é a quintessência de tudo o que foi transmitido pela tradição, a partir de sua origem, desde sua duração material até o seu testemunho histórico. Como este depende da materialidade da obra, quando ela se esquia do homem através da reprodução, também o testemunho se perde. Sem dúvida, só esse testemunho desaparece, mas o que desaparece com ele é a autoria da coisa, seu peso tradicional (BENJAMIN, 2012, p. 182).

Na sociedade do capital, a existência única é substituída por uma existência serial através da produção em massa de produtos, assim, é possível afirmar, de forma generalizada, a partir de Benjamin (2012), que “a técnica de reprodução retira do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência massiva” (pp. 182-183). Neste sentido, ainda, é possível afirmar, a partir de Benjamin (2012), que “a esfera da autenticidade, como um todo, escapa à reprodutibilidade técnica, e naturalmente não apenas a técnica” (p. 182).

Sobre a produção criadora como uma vivência complexa, onde arte, cultura e educação se interligam, é possível pensar que, “no fazer criador, a experiência exerce o controle dos meios que dão consistência ao fascínio das imagens, o que faz com que elas, ao serem atualizadas numa forma, possam entrar em relação

significativa com gestos e interações afetivas” (MEIRA, 2003, p.113). Assim, é interessante pensar que,

Tal contexto facilitador oportuniza pensar o que a arte faz no tocante à sensibilidade e à atuação criadora, relativizada ao social. Essa posição ético-estética suscita investigar as teorias convenientes ao trabalho prático, bem como aquilo que é importante conversar acerca da arte e filosofia da criação. Conversação que incita a dar um tratamento de narrativa e amostragem às propostas didáticas, quando o fazer em arte torna-se o eixo das indagações (MEIRA, 2003, p. 112).

Entendo, assim, que se faz necessária uma educação visual na medida em que esta ocasiona a compreensão da arte, bem como “seu fazer, suas formas de significação e valorização” (MEIRA, 2003, p. 111). Meira nos faz pensar ainda que,

A educação visual que a arte necessita para aliar sensibilidade à criação consiste em ver os eventos de manifestação do ser humano como uma relação entre o virtual e o atual, no raio de compreensibilidade que o corpo e a corporeidade do ambiente possibilitam realizar suas conexões afetivas (2003, p. 111).

No entanto, como vimos no capítulo anterior, as relações de produção, na sociedade do capital, podem vir a desfigurar o caráter ontológico do processo criativo na medida em que o homem e a mulher, enquanto sujeitos, passam a impregnar seu imaginário de determinadas concepções dominantes, como o mecanicismo, a concepção da existência de uma verdade absoluta como características de um paradigma dominante: *“Aqui em Montenegro, em determinada ocasião, foi fundada a FUNDARTE. Antes era um conservatório de música. Em determinado momento um dos prefeitos denominou Montenegro como “Cidade das Artes”. Notava-se que, na área das artes, que estava sendo apoiada com verba pública, era de acesso quase exclusivo de pessoas com maior poder aquisitivo. Hoje existe o “conselho de cultura”. O sistema nacional de cultura vem estimulando e cobrando essa participação; está mais divulgado, mas ainda falta se tornar mais popular. A população deveria participar mais das reuniões referentes à cultura; pouco mudou nos últimos anos” (artesã do “Brique na Estação”).*

Destaco que tal paradigma, segundo Santos (2009b), constituiu-se a partir de “um modelo global de racionalidade científica” (p. 21) que, de forma histórica, reflete nas nossas construções e compreensões sobre a realidade. Assim,

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas (SANTOS, 2009b, p. 21).

Segundo Ostrower (2008), na produção pós-capitalista, o processo de trabalho “reduz o fazer a uma rotina mecânica, sem convicção ou visão ulterior de humanidade” (p. 39), pois “se exclui do fazer o sensível, a participação interior, a possibilidade de escolha, de crescimento e de transformação” (p. 39). Assim, “reduz a própria inteligência humana a um vasto arsenal de informações ‘pertinentes’, não relacionáveis entre si e desvinculadas dos problemas prementes da humanidade” (p. 39). Contudo, ainda segundo a autora, sobre o trabalho e a produção hegemônica, lembro que, “enquanto o fazer humano é reduzido ao nível de atividades não criativas, joga-se para as artes uma imaginária supercriatividade, deformante também, em que já não existem delimitações, confins de materialidade” (OSTROWER, 2008, p. 39). Assim, considero importante complementar que:

As contradições de nossa época são verdadeiramente trágicas. Industrialização multiplicada por consumismo: eis uma mistura letal que acaba com a sensibilidade. Não vai aqui qualquer saudosismo ou falsa idealização de épocas anteriores. A vida sempre foi difícil para a maioria das pessoas. Contudo, havia uma medida de integração do ser, que desde a revolução industrial foi sendo mais e mais destruída. Antes, as pessoas sabiam o que produziam e por que o produziam. Conheciam as matérias-primas, as várias fases de transformação, assim como o produto final. Sabiam de sua própria participação no processo de trabalho, e esse conhecimento repercutia em todos os níveis intelectuais e emocionais de sua experiência existencial. Atualmente, o trabalho consiste em apertar botões durante oito horas por dia, preencher formulários, ler gráficos e listas, fazer cálculos ou relatórios, ou então desempenhar qualquer outra tarefa igualmente mecânica, monótona e fragmentada... e a pessoa não tem a menor ideia do que significa sua atuação dentro de um processo maior. Nem do que faz, nem por que ou para que o faz, e nem por quanto tempo. Pois a própria pessoa não passa de simples parafuso de uma engrenagem que desconhece, e da qual, a qualquer momento, poderá ser sumariamente desparafusada. E substituída por outro parafuso (OSTROWER, 2013, p. 266).

Assim, essas relações serão determinantes para o seu devir, na medida em que, nesse processo de perda da condição de criador do seu trabalho, homens e mulheres vão subordinando-se a uma lógica de mercado. Segundo Marx (2006a), “a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho

ele não pertence a si mesmo, mas a outro” (p. 114). Ou seja, “pertence a outro e é a perda de si mesmo” (MARX, 2006a, p. 114). Portanto,

o trabalho é exterior ao trabalhador, ou seja, não pertence a sua característica; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas, infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito (MARX, 2006a, p. 114).

Ressalto que Marx, em seu tempo, reflete muito dos problemas da nossa atualidade e, com o auxílio de Mészáros, é possível problematizar a realidade a partir de sua historicidade, pois ele nos conduz a Marx de forma contextualizada, e seu papel nesta pesquisa é trazer o pensamento marxista à atualidade. Os autores neomarxistas Hardt e Negri (2005), por outro lado, ampliam esse pensamento, propondo uma territorialidade ampla que se dilui nas relações de poder, tendo como base o papel da multidão na concepção de uma nova realidade ontológica.

Desta forma, considero, a partir de Hardt e Negri (2005), o papel da multidão como movimento contrário à lógica de mercado, “propondo as condições de uma nova subjetividade política, uma multidão insurgente contra o poder imperial” (p. 418). Como confirmação dessa hipótese, os autores sugerem que façamos uma análise da constituição contemporânea da multidão e, então, “demorar-se na vitalidade de suas expressões atuais” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 419). Assim, eles acreditam que,

Quando a multidão trabalha, ela produz autonomamente e reproduz todo o mundo da vida. Produzir e reproduzir autonomamente significa construir uma nova realidade ontológica. Com efeito, ao trabalhar, a multidão se produz a si mesma como singularidade. É uma singularidade que estabelece um novo lugar no não-lugar do Império, uma singularidade muito real produzida por cooperação, representada pela comunidade lingüística e desenvolvida pelos movimentos de hibridização (HARDT; NEGRI, 2005, p. 419).

Segundo os mesmos autores, “a multidão afirma sua singularidade invertendo a ilusão ideológica de que todos os seres humanos nas superfícies globais do mercado mundial são permutáveis” (2005, p. 419). Sendo assim, faz-se necessária a busca pela problematização constante da realidade pela multidão, pois, ao visar transformações nas relações sociais e com o meio ambiente a partir da criação de

uma nova lógica, constrói-se, também, sempre, uma nova visão socioambiental, que atua de modo dialético, pois “somos capazes de ampliar-nos coerentemente porque nos delimitamos coerentemente” (OSTROWER, 2008, p. 149). Segundo Ostrower (2008),

Quando se configura algo e se o define, surgem novas alternativas. Essa visão nos permite entender que o processo de criar incorpora um princípio dialético. É um processo contínuo que se regenera por si mesmo e onde o ampliar e o delimitar representam aspectos concomitantes, aspectos que se encontram em oposição e tensa unificação. A cada etapa, o delimitar participa do ampliar. Há um fechamento, uma absorção de circunstâncias anteriores, e, a partir do que anteriormente fora definido e delimitado, se dá uma nova abertura. Da definição que ocorreu, nascem as possibilidades de diversificação. Cada decisão que se toma representa assim um ponto de partida, num processo de transformação que está sempre recriando o impulso que o criou (p. 26-27).

Assim, segundo Ostrower (2008), a atividade criadora, por apresentar-se através da produção do novo em sintonia com o meio ambiente, a partir da espontaneidade do sujeito criador, permite uma melhor compreensão dessa realidade ontológica por um viés da construção da autonomia e da consciência crítica sobre a realidade na medida em que “ser espontâneo é, no sentido amplo que a palavra tem, *poder ser livre*” (p. 150), enquanto “abrange uma forma de autonomia interior e um grau mais alto de liberdade de ação ante possibilidades de viver e criar” (p. 150), pois, segundo a mesma autora,

Ao mesmo tempo que espontaneamente nos abrimos ao novo e o absorvemos, também espontaneamente o estruturamos. Os processos de descoberta são sempre processos seletivos de estruturação. Nossa abertura é complementada por delimitações interiores sem as quais nos desorientaríamos perante um mundo em contínuo desdobramento. Ao configurarmos o novo, o relacionamos a nós; organizamo-lo em função de nós, em função de nossas delimitações. Ainda que as delimitações sejam flexíveis, podendo estender-se junto às áreas novas da experiência, essas delimitações têm que estar presentes e funcionar em caráter de divisa, circunscrevendo e abrangendo os fenômenos, já para garantir ao menos sua percepção. Sem a capacidade de delimitar, lembramos, não seria possível ao ser humano compreender, ou imaginar, ou sequer perceber (p. 149).

Ressalto, a partir da mesma autora, que o processo delimitador não deve ser compreendido como mecanicista, ou seja, é um processo que se apresenta como um instrumento para a compreensão dos fenômenos da realidade, e não como um limitador dos mesmos (OSTROWER, 2008). Assim, segundo a autora, “frente à

realidade concreta e em qualquer situação de vida, o indivíduo é delimitado por uma série de fatores (de ordem material, ambiental, social, cultural, e de ordem interna vivencial, afetiva) que se combinam em múltiplos níveis intelectuais e emocionais” (OSTROWER, 2008, p. 149), que em alguns momentos tornam-se conscientes para o sujeito, enquanto em outros continuam desconhecidos para ele. Contudo, diante da complexidade do processo de criação, o sujeito busca um equilíbrio interior que acaba atuando como uma conquista para ele “e, no viver, ele próprio se transforma e altera os componentes de seu equilíbrio interior (OSTROWER, 2008, p. 149).

Da mesma forma, ressalto o papel da percepção como um processo dinâmico e importante na busca por transformações nas relações sociais e ambientais: *“Entendo como um campo completamente livre e quero fazer esse exercício de ‘rasgar’ novos espaços. É importante novas coisas, obras, áreas, desejos relacionados à arte e cultura. Desejo ampliar para outras pessoas essa mentalidade de trocas. Não privilegamos o lucro acima da cultura. A troca de informações, de conhecimento e de sensações é o alicerce da nossa organização. A esperança é forte da ampliação no ‘Brique na Estação’ do valor não material” (presidente e artesã do “Brique na Estação”)*. A participação dos sujeitos apresenta-se de forma ativa em relação a isso, e não apenas de forma passiva, ou seja, “‘dinâmico’, no amplo sentido da palavra, de ‘forças em atividade” (OSTROWER, 2013, p. 57). Para melhor entendimento da percepção como múltiplos momentos de interpretação e compreensão, Ostrower (2013) complementa que:

De saída, a percepção se estrutura através de processos seletivos, a partir das condições físicas e psíquicas de cada pessoa, e ainda a partir de certas necessidades e expectativas. Diante dos incontáveis estímulos que nos chegam continuamente, essa seletividade representa uma primeira instância de filtragem de significados. Como que estabelecendo um esquema de prioridades em nossa atenção, perceberemos certas coisas, muitas outras coisas, podendo achá-las importantes ou menos importantes, e outras ainda, muitas outras coisas, simplesmente haveremos de ignorar. Assim a seletividade permite-nos interpretar melhor os estímulos e reagir a eles de modo mais coerente e dentro de nossos interesses. Além disso – e ainda a partir das mesmas prioridades intuitivas – a seletividade nos leva a estabelecer certas conexões (entre aspectos semelhantes ou contrastantes dos fenômenos) que possam tornar-se significativos para nós, projetando em nossa mente uma espécie de modelos mentais, em forma de padrões hipotéticos. Estes nos servirão de referencial durante o próprio ato de percepção (p. 58).

Assim, ainda é possível pensar com Ostrower (2013), que:

A *percepção de si mesmo* dentro do agir é um aspecto relevante que distingue a criatividade humana. Movido por necessidades concretas sempre novas, o potencial criador do homem surge na história como um fator de realização e constante transformação. Ele afeta o mundo físico, a própria condição humana e os contextos culturais. Para tanto, a percepção consciente na ação humana se nos afigura como uma premissa básica da criação, pois além de resolver situações imediatas o homem é capaz de a elas se antecipar mentalmente. Não antevê apenas certas *soluções*. Mais significativa ainda é a sua capacidade de *antever certos problemas* (OSTROWER, 2008, p. 10).

Assim, através da percepção e da busca pela sensibilidade, as relações sociais e ambientais historicamente construídas podem ser problematizadas a partir da atividade criadora dos sujeitos comprometidos politicamente com a realidade pelo viés da superação de formas de alienação e da busca pela emancipação enquanto, segundo Duarte Jr. (2010),

[...] a educação da sensibilidade, o processo de se conferir atenção aos nossos fenômenos estésicos e estéticos, vai se afigurando fundamental não apenas para uma vivência mais íntegra e plena do cotidiano, como parece ainda ser importante para os próprios profissionais da filosofia e da ciência, os quais podem ganhar muito em criatividade no âmbito de seu trabalho, por mais racionalmente “técnico” que este possa parecer. Uma educação que reconheça o fundamento sensível de nossa existência e a ele dedique a devida atenção, propiciando o seu desenvolvimento, estará, por certo, tornando mais abrangente e sutil a atuação dos mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana. Contra uma especialização míope, que obriga a percepção parcial de setores da realidade, com a decorrente perda de qualidade na vida e na visão desses profissionais do muito pouco, defender uma educação abrangente, comprometida com a estesia humana, emerge como importante arma para se enfrentar a crise que acomete o nosso mundo moderno e o conhecimento por ele produzido (p. 171).

É possível refletir, ainda, sobre a educação do sensível e da produção da cultura pelo viés da arte e do trabalho criativo como forma de superação da alienação proposta pela sociedade do capital e na busca por melhores relações socioambientais, pois

Pensar a arte como um agenciamento interativo, como as condições de ação e relação que a fazem acontecer em situações pedagógicas, são possibilidades pela noção de pedagogia do acontecimento, concepção de educação visual que alia arte e natureza e à cultura, noções de ecologia visual e mental à estética da cotidianidade. Dentro desta proposta, a prática pedagógica envolve reflexões sobre eventos pela possibilidade de romper com esquemas estereotipados de orientação didática. Os saberes acerca da ação cultural sensível podem ser transpostos à criação em arte e cultura,

dentro daquilo que caracteriza sua complexidade, ou seja, o modo de compatibilizar corpo e gesto, gestualidade e corporeidades do ambiente (MEIRA, 2003, p. 111).

Nesta linha de abordagem, complemento que a produção da cultura deve partir dos sujeitos comprometidos com a criação do novo, assim como com a superação dos problemas sociais e ambientais vividos pelos sujeitos na medida em que se busca uma melhor relação entre esses e o ambiente. Desta forma, Meira (2003) complementa que:

Pensar a cultura como uma arte e não apenas como uma prática de codificação e manipulação de imagens, demanda formar um pensamento de obra sobre suas práticas construtivas, suas invenções criativas que apesar disso sobrevivem em sincretismos como criatividade multiforme, resistindo a modas e dominações. Como a filosofia e a antropologia cultural, as artes implementam novas lógicas de semiotização, criação e interação com a vida (p. 71).

Busco, portanto, refletir sobre o trabalho criativo como forma de superação da alienação proposta por uma lógica do capital enquanto este traz para o sujeito, além do comprometimento político através do seu trabalho, a possibilidade de transformação individual e coletiva na busca por uma melhor qualidade nas relações sociais e com a natureza.

5.1 Para além das reflexões: as análises categoriais

Como dito anteriormente, a seguir trarei, como proposta metodológica, a análise categorial de entrevistas com cinco dos artesãos do “Brique na Estação” que considero, apesar de que os outros também o são, comprometidos politicamente com a transformação de sua realidade através de seus trabalhos criativos. A metodologia deste trabalho está referenciada em Minayo (2006; 2010), como forma de uma Educação Ambiental não formal a partir da atividade criadora na busca pela superação do trabalho alienado. Busquei, na tendência do materialismo histórico e dialético, meu principal referencial ao método escolhido, já que este, no meu olhar, permite uma melhor compreensão da realidade, ampliando minha abordagem à

contemporaneidade do pensamento dos diversos autores e autoras citados anteriormente. Também contei com o apoio, como contribuição a coleta de dados, do processo de “diagnóstico para a solução de problemas”, baseado em Carvalho (1998), com o objetivo de melhor compreender a realidade do grupo dos artesãos do “Brique na Estação”.

Artesã M. E.



Figura 6 – Artesã M. E. expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS.

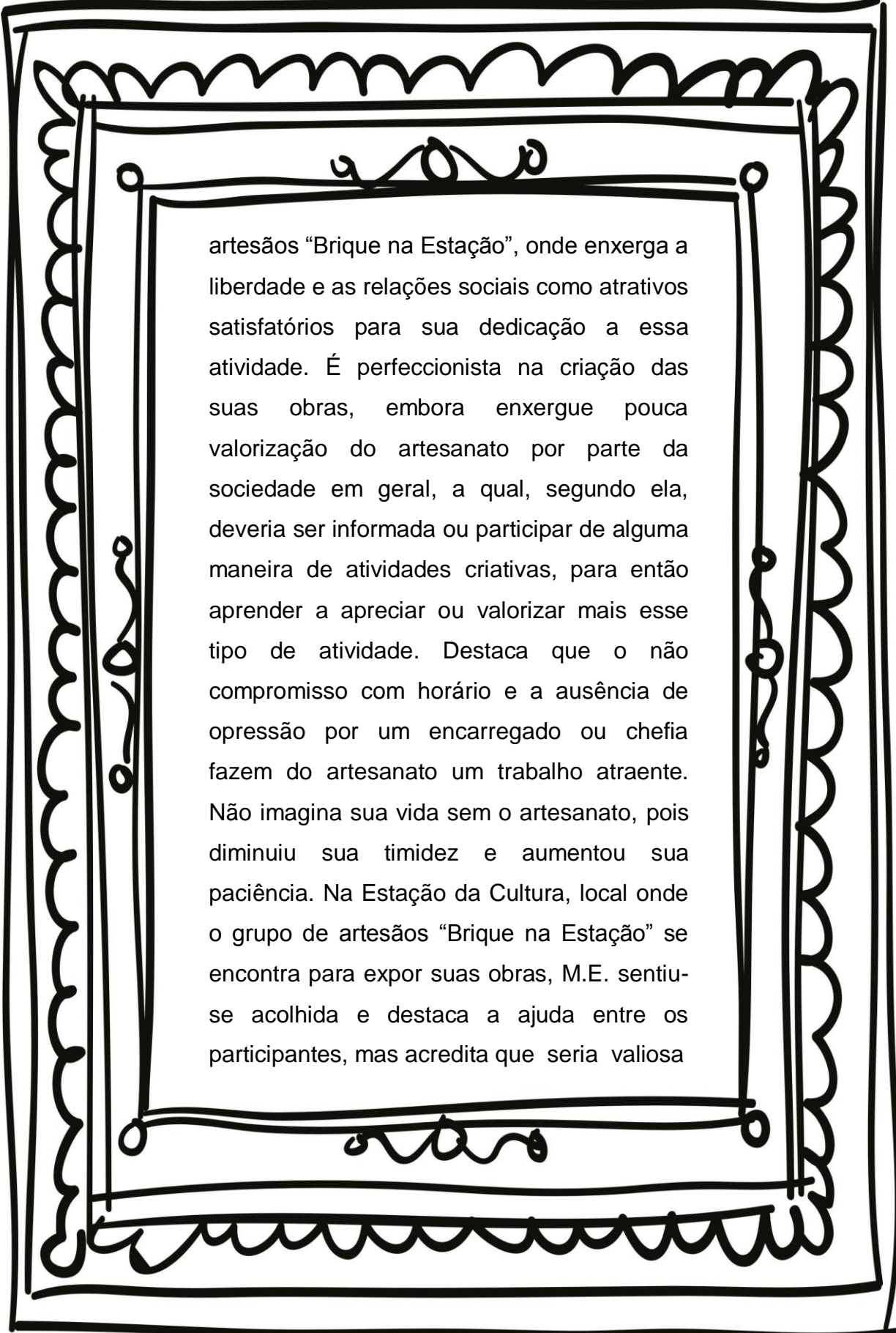
Fonte: Arquivo da pesquisadora

“O artesanato é dar vida às minhas ideias e imaginação.”

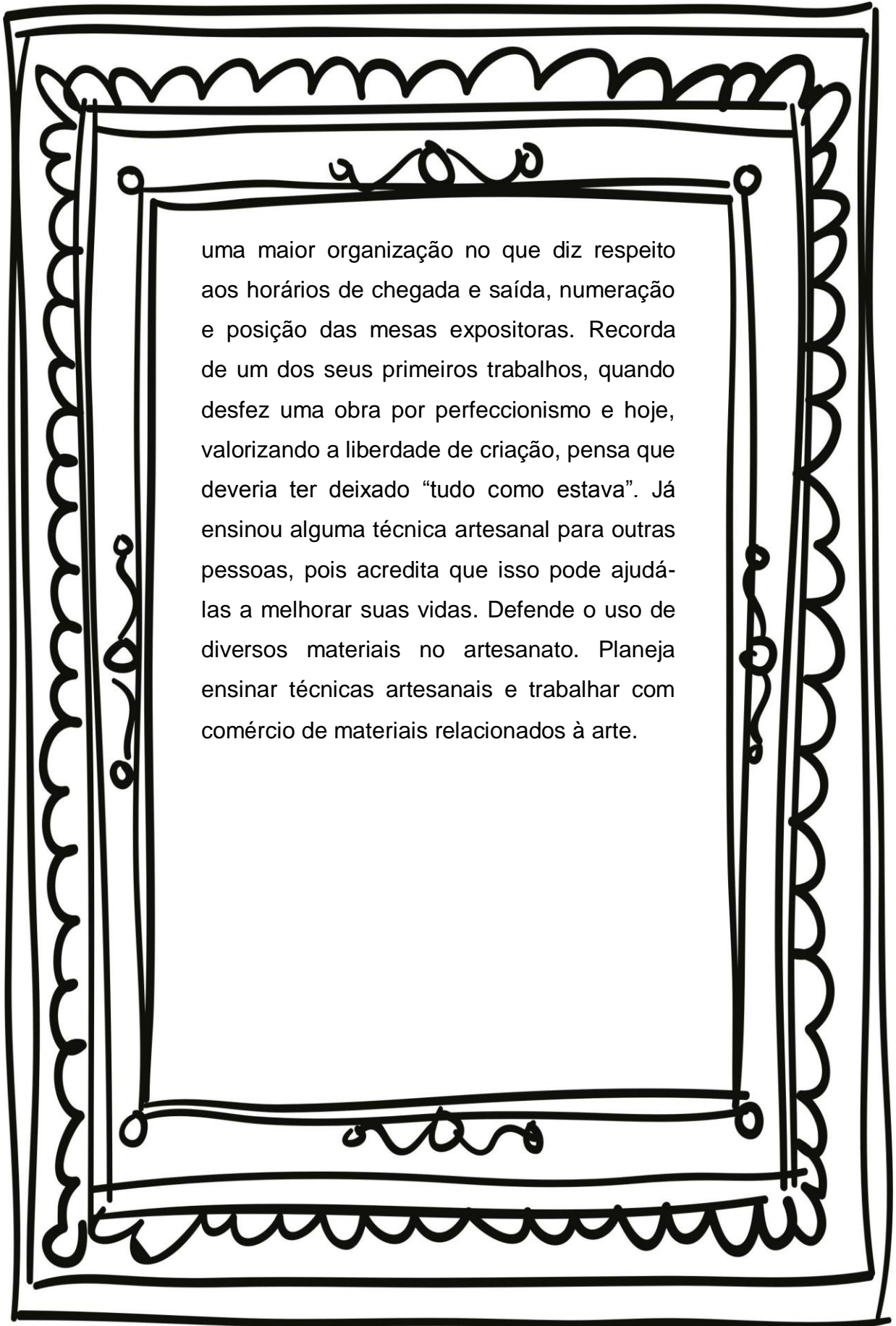
(Artesã M. E.)

História de Vida

M. E. tem 32 anos, é casada e mãe de um menino de 12 anos. Iniciou contato com artesanato ainda no Ensino Fundamental, na 4ª série, em uma disciplina curricular chamada Técnicas Domésticas. Iniciou trabalhando com tricô e, logo depois, com crochê. Nunca trabalhou sob regime trabalhista formal, mas sim como empregada doméstica durante um pouco mais que 5 anos, desenvolvendo uma relação de intimidade familiar associada ao salário e algumas obrigações. Considera-se muito satisfeita em relação a esse período, mas hoje cuida exclusivamente das suas atividades com o artesanato além de sua rotina residencial familiar. Considera o artesanato uma atividade que acalma o humor além de uma forma prazerosa de passar o tempo. Participa do grupo de



artesãos “Brique na Estação”, onde enxerga a liberdade e as relações sociais como atrativos satisfatórios para sua dedicação a essa atividade. É perfeccionista na criação das suas obras, embora enxergue pouca valorização do artesanato por parte da sociedade em geral, a qual, segundo ela, deveria ser informada ou participar de alguma maneira de atividades criativas, para então aprender a apreciar ou valorizar mais esse tipo de atividade. Destaca que o não compromisso com horário e a ausência de opressão por um encarregado ou chefia fazem do artesanato um trabalho atraente. Não imagina sua vida sem o artesanato, pois diminuiu sua timidez e aumentou sua paciência. Na Estação da Cultura, local onde o grupo de artesãos “Brique na Estação” se encontra para expor suas obras, M.E. sentiu-se acolhida e destaca a ajuda entre os participantes, mas acredita que seria valiosa



uma maior organização no que diz respeito aos horários de chegada e saída, numeração e posição das mesas expositoras. Recorda de um dos seus primeiros trabalhos, quando desfez uma obra por perfeccionismo e hoje, valorizando a liberdade de criação, pensa que deveria ter deixado “tudo como estava”. Já ensinou alguma técnica artesanal para outras pessoas, pois acredita que isso pode ajudá-las a melhorar suas vidas. Defende o uso de diversos materiais no artesanato. Planeja ensinar técnicas artesanais e trabalhar com comércio de materiais relacionados à arte.

Análise categorial da entrevista com a artesã M. E.

Categorias analíticas

Trabalho alienado

A categoria analítica *trabalho alienado* não aparece de forma explícita na entrevista de M. E.; no entanto, ela pode apresentar-se através da valorização de outras visões de mundo, como, por exemplo, referente à questão sobre o que deveria mudar nas condições atuais de trabalho. A artesã M. E. pensa ser importante “*aumentar a união entre as pessoas. Dialogar para se entender melhor*” (M. E.). Segundo Paulo Freire (2005), o diálogo é um ato de criação, e “a conquista implícita no diálogo é a do mundo pelos sujeitos dialógicos, não a de um pelo outro. Conquista do mundo para a libertação dos homens” (p. 91), ou seja, “não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a *pronúncia do mundo*, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a *infunda*” (FREIRE, 2005, p. 91-92). Assim, segundo o mesmo autor,

[...] o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes (p. 91).

Contudo, considero importante ressaltar que:

É neste sentido também que a dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados,

assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos (FREIRE, 1996, p. 67).

Essas são sensíveis visões que podem transformar a realidade construída e vivida. Ressalto ainda que, segundo Ostrower (2008), “a sensibilidade não é peculiar somente a artistas ou alguns poucos privilegiados [...] ela é patrimônio de todos os seres humanos” (p. 12), ou seja, segundo a mesma autora, a sensibilidade “representa uma abertura constante ao mundo e nos liga de modo imediato ao acontecer em torno de nós” (2008, p. 12). Assim, ela torna-se fundamental para o ser humano e necessária para a própria condição existencial.

De outra forma, em relação à produção industrial em massa de bens de consumo relacionada ao trabalho artesanal, a entrevistada acredita que a produção em massa afeta o trabalho artesanal na medida em que *“uma peça de artesanato custa o dobro de outra feita em fábrica. A competição é desleal”* (M. E.). Assim, complemento, a partir de Marx (2006b) que, “quando consideramos as mercadorias como valores, estamos considerando-as somente sob o aspecto de trabalho social realizado, fixado, ou se assim quiserem, cristalizado” (p. 99). Assim, “se a quantidade de trabalho socialmente necessária, incorporada nas mercadorias, é o que determina o valor de troca dessas mercadorias, ao aumentar a quantidade de trabalho exigida para produzir uma mercadoria aumenta necessariamente o seu valor” (MARX, 2006b, p. 104). Desta forma, ressalto, a partir do mesmo autor que, para que os valores das mercadorias permaneçam constantes, as quantidades de trabalho necessárias também deveriam permanecer constantes. No entanto, não é assim que acontece na nossa sociedade industrial, pois “a quantidade de trabalho necessária para produzir uma mercadoria varia constantemente ao variarem as forças produtivas do trabalho aplicado. Quanto maiores são as forças produtivas do trabalho, mais produtos serão produzidos num dado tempo de trabalho” (MARX, 2006b, p. 104). Assim, complemento essa realidade a partir de um exemplo concreto descrito por Marx em sua época, e que considero totalmente relevante para a nossa:

[...] se um só tecelão, com os modernos meios de produção, ao fim do dia, converte em fio mil vezes mais algodão que antes fiava no mesmo espaço de tempo com o auxílio da roca, é evidente que, agora, cada libra de algodão absorverá mil vezes menos trabalho de fição que antes e, por consequência, o valor que o processo de fição incorpora em cada libra de

algodão será mil vezes menor. E na mesma proporção decrescerá o valor do fio (2006b, p. 104).

Da mesma forma, saliento que, na mesma medida em que o capital cresce, amplia-se também a divisão do trabalho e a utilização de maquinário, e ainda mais depressa aumenta a concorrência entre os operários e, conseqüentemente, diminui o salário do trabalhador, ou seja, “quanto mais cresce o capital produtivo, mais a divisão do trabalho e o emprego da maquinaria se ampliam. Quanto mais se ampliam a divisão do trabalho e o emprego da maquinaria, mais se expande a concorrência entre os operários e mais se contrai o seu salário” (MARX, 2006b, p. 67). Contudo, o processo de divisão do trabalho e a exploração do trabalhador descritos acima geram a alienação do trabalhador enquanto ele não é o sujeito de sua atividade e, sim, governado por ela, pois “a divisão do trabalho torna as condições e os poderes da vida independentes do homem, e faz que eles o governem” (MÉSZÁROS, 2006, p. 132).

Atividade criadora

Quanto à categoria analítica *atividade criadora*, pode-se dizer que ela apresenta-se, nesta entrevista, como característica importante para que o homem e a mulher busquem uma atividade que possa ser desempenhada a partir de sua liberdade e autonomia, sem que haja a exploração do trabalhador e da trabalhadora, como, por exemplo, o artesanato, ou seja, “*no artesanato não há pressão em forma de controle de tempo ou na presença de um chefe que exige inclusive trabalho aos finais de semana e ainda com salário insatisfatório*” (M. E.). A partir dessa resposta, complemento, através de Ostrower (2008) que,

Ao retomar a obra em vias de ser criada e, no ato, recuperar todo um clima afetivo e mental, de tensão dirigida, o indivíduo exerce sua seletividade

interior. De acordo com sua personalidade, sua estrutura íntima sensível, será o próprio indivíduo a determinar as possibilidades e as formas em que efetua retomada do trabalho. Será ele, dentro de sua seletividade, a discriminar o caminho, os avanços e os recuos, as opções e as decisões que o levarão a seu destino (p. 75).

Segundo Ostrower (2008), existe uma orientação interior, mas que o indivíduo ainda não a conhece, pois vai sendo revelada ao longo de sua caminhada, cujo rumo ele também não conhece; assim “seu caminho, cada um o terá que descobrir por si” (p. 76), pois compreende as vivências e experimentações de cada sujeito, onde tudo se integra a cada decisão, sendo um caminho de crescimento e de constituição desse sujeito.

Segundo a entrevistada, através do artesanato não existe a exploração do trabalhador em forma, por exemplo, da exigência de horas extras com salários insatisfatórios com o um único objetivo de gerar um lucro ainda maior para outrem. Sendo assim, lembro, a partir de Antunes (2011), que,

A redução da jornada diária (ou do *tempo* semanal) de trabalho tem sido uma das mais importantes reivindicações do mundo do trabalho, uma vez que se constitui num mecanismo de contraposição à extração do sobretrabalho, realizado pelo capital, desde sua gênese com a Revolução Industrial e contemporaneamente com a acumulação flexível da era do toyotismo e da máquina informacional. Desde o advento do capitalismo, a redução da jornada de trabalho mostra-se central na ação dos trabalhadores, *condição preliminar* para uma vida emancipada (p. 110).

Assim o artesão se sente livre para criar e produzir sem que haja controle de tempo, pois apresenta-se como uma atividade complexa onde o sujeito permite-se trabalhar, principalmente, a partir de possibilidades. Segundo Ostrower (2008),

Em cada função criativa sedimentam-se certas possibilidades; ao se discriminarem, concretizam-se. As possibilidades, virtualidades talvez, se tornam reais. Com isso excluem outras – muitas outras – que até então, e hipoteticamente, também existiam. Temos de levar em conta que uma realidade configurada exclui outras realidades, pelo menos em tempo e nível idênticos. É nesse sentido, mas só e unicamente nesse, que, *no formar, todo construir é um destruir*. Tudo o que num dado momento se ordena, afasta por aquele momento o resto de acontecer. É um aspecto inevitável que acompanha o criar e, apesar de seu caráter delimitador, não deveríamos ter dificuldades em apreciar suas qualidades dinâmicas. Já nos prenuncia o problema da liberdade e dos limites (p. 26).

Da mesma forma, a atividade criadora é representada nesta entrevista como uma atividade fundamental para a artesã em questão, pois agrega, além de “*dedicação e amor*” (M. E.), uma interação social e ambiental satisfatória através de sua atividade, já que foi através do artesanato que M. E. deixou sua timidez de lado e assim conseguiu participar do “Brique na Estação” como artesã, ou seja, quando pergunto a ela sobre como seu trabalho artesanal influencia sua relação com as outras pessoas, ela responde que: “*Eu não saía de casa... consegui sair da toca. Eu era muito tímida. Hoje participo do grupo do Brique*” (M. E.).

M. E. também diz não conseguir imaginar sua vida sem o artesanato (M. E.). Segundo Ostrower (2008),

O potencial criador elabora-se nos múltiplos níveis do ser sensível-cultural-consciente do homem, e se faz presente nos múltiplos caminhos em que o homem procura captar e configurar as realidades da vida. Os caminhos podem cristalizar-se e as vivências podem integrar-se em formas de comunicação, em ordenações concluídas, mas a criatividade como potencia se refaz sempre. A produtividade do homem, em vez de se esgotar, liberando-se, se amplia (p. 27).

Desta forma, entendo que o processo criador se renova a cada ato criativo através de um processo dialético na medida em que, no criar, o sujeito configura algo, e conseqüentemente surgem novas alternativas. E assim é possível compreender o processo de criação a partir de um princípio dialético (OSTROWER, 2008).

E, ao perguntar o que ela considera trabalho artesanal, ela responde que é “*tudo que é feito manualmente, com dedicação e amor, com vários tipos de materiais diferentes*” (M. E.), pois “*trata-se, nessas ordenações interiores, de processos afetivos, ou seja, de formas do íntimo sentimento de vida. São as ‘nossas formas’ psíquicas*” (OSTROWER, 2008, p. 25). Contudo, entendo que os arranjos das formas simbólicas, no processo de criação, rebatem no interior do nosso ser.

Repercussões socioambientais

É importante ressaltar que a categoria analítica *repercussões socioambientais* apresenta-se através de algumas formas durante a entrevista. Assim, trago a concepção do artesanato como uma atividade dotada de um significado, que acaba por atuar como uma ferramenta para reduzir o estresse que a atual sociedade promove quando, na entrevista, para responder a pergunta “Você acha que o mundo poderia ser melhor se mais pessoas se dedicassem ao artesanato? Por quê?”, a artesã em questão responde que sim e argumenta que: “[...] *o artesanato funciona como uma terapia para reduzir o estresse que atualmente é marcante*” (M. E.). Segundo Ricardo Antunes (2011),

Uma vida cheia de sentido em todas as esferas do ser social, dada a *multilateralidade humana*, somente poderá efetivar-se através da demolição das barreiras existentes entre *tempo de trabalho* e *tempo de não-trabalho*, de modo que, a partir de uma *atividade vital* cheia de sentido, autodeterminada, *para além da divisão hierárquica que subordina o trabalho ao capital hoje vigente* e, portanto, sob bases inteiramente novas, possa se desenvolver uma nova sociabilidade. Uma sociabilidade tecida por *indivíduos* (homens e mulheres) *sociais e livremente associados*, em que ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões, *em formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizam mutuamente*. Se o trabalho se tornar dotado de sentido, será também (e *decisivamente*) através da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo (p. 113).

Assim, destaco a capacidade do trabalho artesanal de promover a calma, a paciência e a distração como forma de preencher as horas de trabalho do dia de uma forma prazerosa, quando a entrevistada, ao responder a pergunta “De que forma o artesanato mudou sua vida?”, diz “*Muita coisa, aumentou a paciência... acalma e distrai*” (M. E.). Contudo, a entrevistada sugere “formar oficinas de artesanato, cursos ou aulas de artesanato nas escolas” como forma de incentivar e divulgar o trabalho artesanal na sociedade.

Categorias empíricas

Liberdade

A categoria empírica *liberdade* surge como uma necessidade, através de todos os sentidos, para a existência humana. Assim, a entrevistada ressalta a valorização de sua liberdade como uma nova concepção de mundo a partir do artesanato. Ela passou a enxergar e valorizar sua liberdade e o talento para as artes depois que o artesanato tornou-se sua atividade criadora (*M. E.*). Ressalto, então, que ser livre significa ter uma compreensão de si, ao mesmo tempo em que entende-se a necessidade da existência de limites, assim, “ser livre é ocupar seu espaço de vida” (OSTROWER, 2008, p. 165). Portanto,

[...] criar livremente não significa poder fazer tudo e qualquer coisa a qualquer momento, em quaisquer circunstâncias e de qualquer maneira. Vemos o ser livre como uma condição estruturada e altamente seletiva, como condição sempre vinculada a uma intencionalidade presente, embora talvez inconsciente, e a valores a um tempo individuais e sociais. Ao se criar, define-se algo até então desconhecido. Interligam-se aspectos múltiplos e talvez divergentes entre si que a uma nova síntese se integram. Imprevistas e imprevisíveis, compondo-se de fatos e de situações sempre novas, as sínteses não se fariam ao acaso; elas seriam orientadas nas opções possíveis a um indivíduo em determinado momento (OSTROWER, 2008, p. 165).

Isso implica que esse ser é sujeito na construção do seu próprio conhecimento e da sua autonomia, ao mesmo tempo em que ele é determinado pelas dimensões que o constituem, o que o inscreve na dialética da mudança e da permanência, do equilíbrio e do desequilíbrio, da unidade e da diversidade, da autonomia e da determinação. A autonomia do sujeito corresponde a sua ação - quanto mais criativa e divergente em relação ao que já está instituído, mais autônoma ela será. Além disso, a atividade criadora associa e integra o que estava

dividido, ao mesmo tempo em que ela desequilibra as formas já articuladas, permitindo uma nova organização.

Pergunta de pesquisa

A entrevista com a artesã M. E. contempla a capacidade dos sujeitos em transformar sua realidade através da atividade criadora na busca por uma melhor qualidade de vida e nas relações socioambientais. É possível perceber, a partir da entrevista com M. E., uma proposta que permeia as concepções de uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória enquanto valoriza formas criativas de transformação da realidade, pois, como ideia para melhorar a valorização do artesanato, a artesã busca promover oficinas onde os sujeitos poderiam experimentar e construir novos conhecimentos e técnicas artísticas, a fim de conhecerem técnicas, experimentarem o contato com a arte e, assim, compreenderem, além do valor cultural do trabalho artesanal, a produção artística como construção dotada de significados em que é necessária a integração do ser e do fazer dos sujeitos comprometidos nesse processo, bem como sua importância para pensar uma sociedade para além do consumo de objetos produzidos de forma massificada.

Artesã M. F.

Figura 7 – Artesã M. F. expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS.

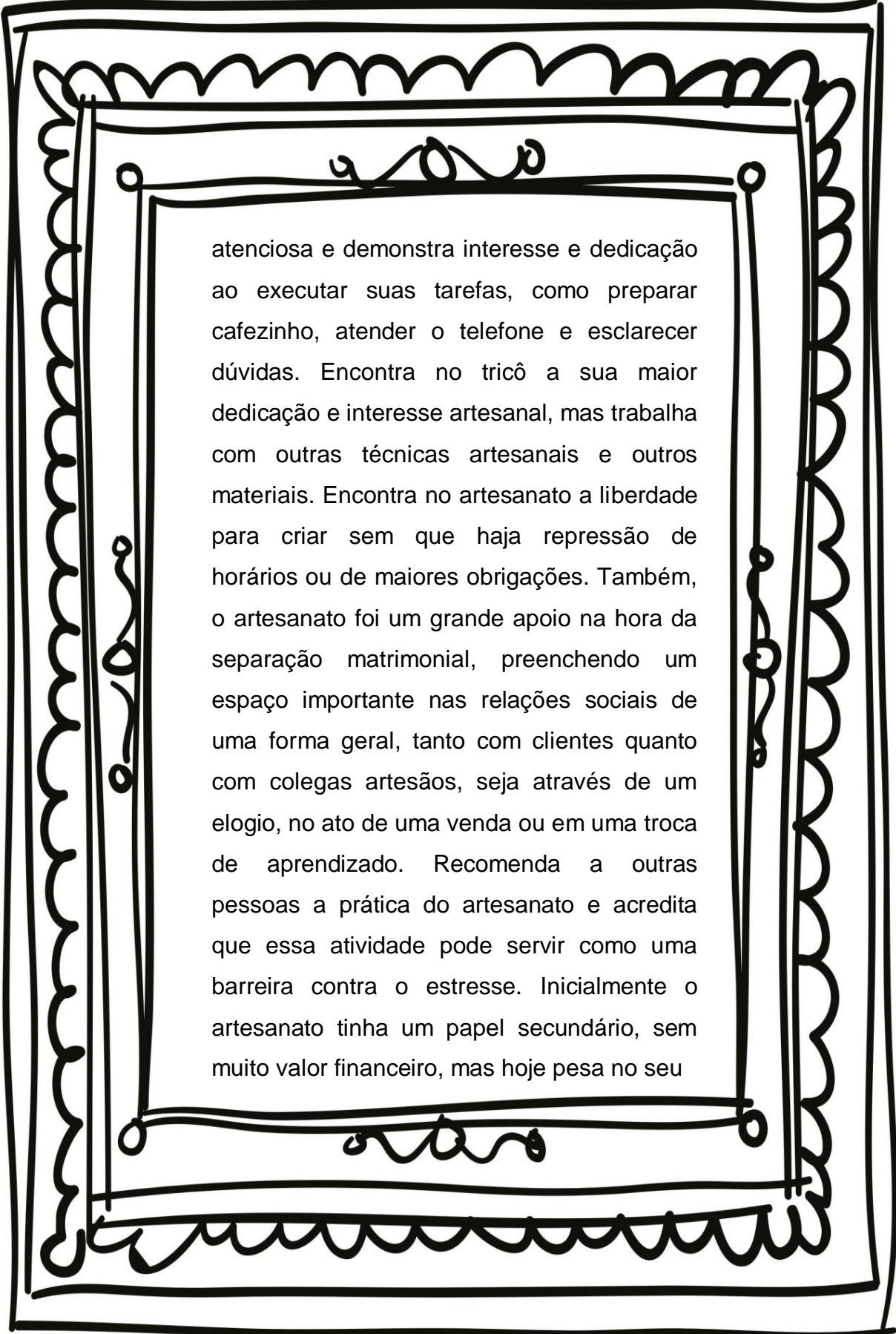
Fonte: Arquivo da pesquisadora

“O artesanato é o resultado das minhas criações, é a expressão da minha arte.”

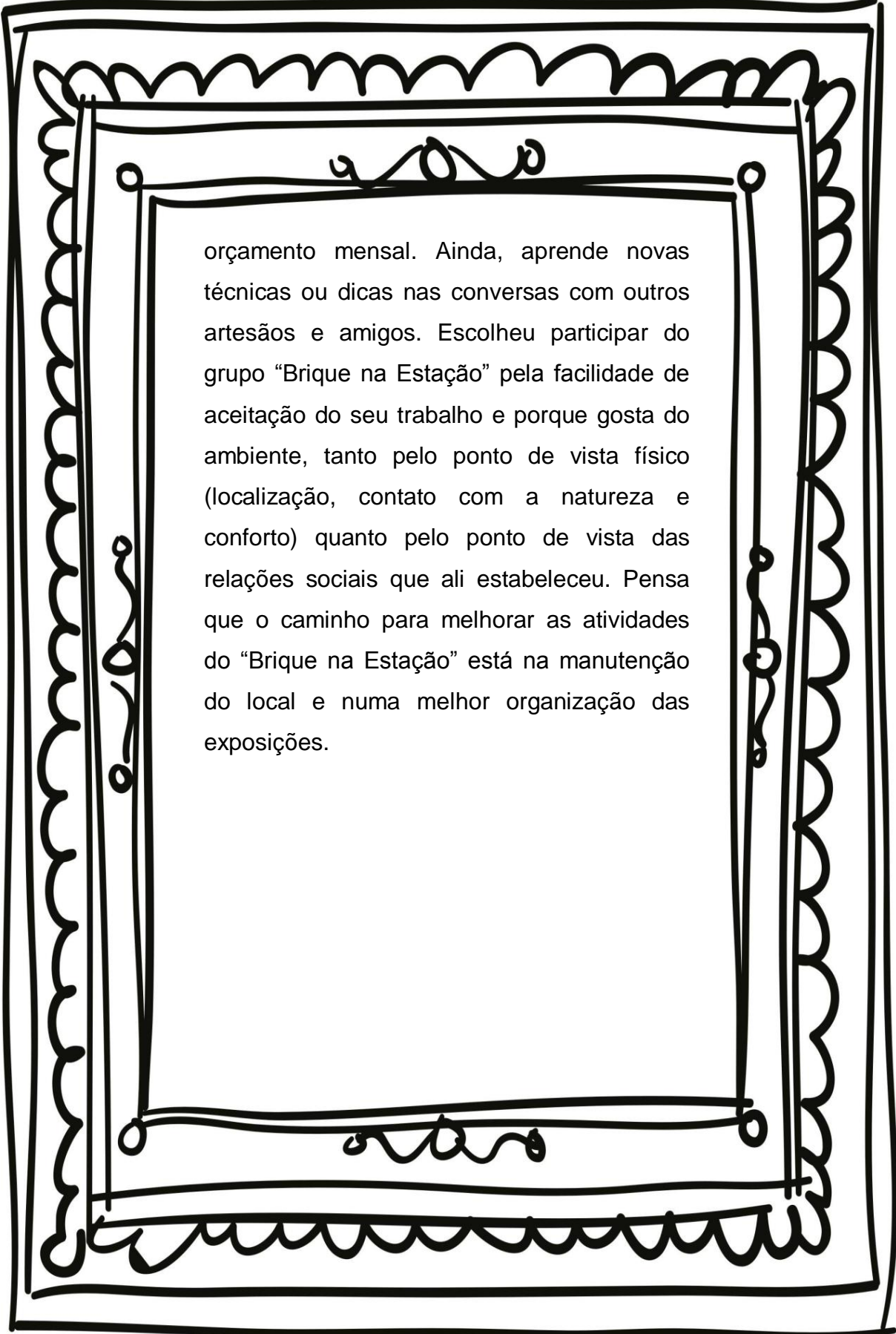
(Artesã M. F)

História de Vida

M. F. tem 48 anos, é divorciada e sem filhos. Iniciou seu contato com artesanato ainda no Ensino Fundamental, em uma disciplina chamada Técnicas Domésticas, onde teve o primeiro contato com técnicas como, por exemplo, bordado, pintura e crochê. Terminou o Ensino Médio e hoje trabalha como recepcionista em uma clínica de estética, no turno da tarde, para conquistar uma renda fixa ao mês. Gosta do seu trabalho como recepcionista, principalmente por proporcionar um contato maior com as pessoas e pela boa relação com os empregadores, além de benefícios ligados diretamente ao tipo de trabalho – acesso facilitado aos serviços de estética. Considera que seu trabalho como secretária contribui para a sociedade, uma vez que recebe elogios quanto ao atendimento, procura ser



atenciosa e demonstra interesse e dedicação ao executar suas tarefas, como preparar cafezinho, atender o telefone e esclarecer dúvidas. Encontra no tricô a sua maior dedicação e interesse artesanal, mas trabalha com outras técnicas artesanais e outros materiais. Encontra no artesanato a liberdade para criar sem que haja repressão de horários ou de maiores obrigações. Também, o artesanato foi um grande apoio na hora da separação matrimonial, preenchendo um espaço importante nas relações sociais de uma forma geral, tanto com clientes quanto com colegas artesãos, seja através de um elogio, no ato de uma venda ou em uma troca de aprendizado. Recomenda a outras pessoas a prática do artesanato e acredita que essa atividade pode servir como uma barreira contra o estresse. Inicialmente o artesanato tinha um papel secundário, sem muito valor financeiro, mas hoje pesa no seu



orçamento mensal. Ainda, aprende novas técnicas ou dicas nas conversas com outros artesãos e amigos. Escolheu participar do grupo “Brique na Estação” pela facilidade de aceitação do seu trabalho e porque gosta do ambiente, tanto pelo ponto de vista físico (localização, contato com a natureza e conforto) quanto pelo ponto de vista das relações sociais que ali estabeleceu. Pensa que o caminho para melhorar as atividades do “Brique na Estação” está na manutenção do local e numa melhor organização das exposições.

Análise categorial da entrevista com a artesã M. F.

Categorias analíticas

Trabalho alienado

A categoria analítica *trabalho alienado* pode ser representada na entrevista com M. F. através de características contrárias à alienação, e por um viés de satisfação social advinda das relações de trabalho. A entrevistada sente-se satisfeita em relação ao seu trabalho, quando sua resposta para a pergunta sobre o seu outro trabalho, e não o artesanal, ela ressalta que “*O ambiente não é estressante, sou muito amiga da proprietária e recebo vantagens através de tratamentos de beleza. Claro que a gente sempre quer ganhar mais, mas é bem bom assim*” (M. F.).

Destaco, então, a importância da presença feminina na luta por relações de trabalho mais humanas e menos exploratórias, enquanto M. F. menciona que a proprietária da empresa onde trabalha é uma mulher. Assim, “a mulher *trabalhadora*, em geral, realiza sua atividade de trabalho *duplamente, dentro e fora de casa*” (ANTUNES, 2009, p. 108), pois no mundo de sua vida privada, ela consome horas importantes no trabalho doméstico.

A presença feminina no mundo do trabalho nos permite acrescentar que, se a consciência de classe é uma articulação complexa, comportando identidades e heterogeneidades, entre *singularidades* que vivem uma situação particular no processo produtivo e na vida social, na esfera da *materialidade* e da *subjetividade*, tanto a contradição entre *indivíduo* e *sua classe*, quanto aquela que advém da relação entre *classe* e *gênero*, tornaram-se ainda mais agudas na era contemporânea. A *classe-que-vive-do-trabalho* é tanto masculina quanto feminina. É, portanto, também por

isso, mais diversa, heterogênea e complexificada. Desse modo, uma crítica do capital, enquanto relação social, deve necessariamente aprender a dimensão de exploração presente nas relações capital / trabalho e também aquelas opressivas presente na relação homem / mulher, de modo que a luta pela constituição do *gênero-para-si-mesmo* possibilite também a emancipação do gênero mulher (ANTUNES, 2011, p. 51).

Enquanto a ampliação do trabalho feminino é parte do processo de emancipação parcial das mulheres, o capital incorpora a atividade de trabalho feminina de forma diferenciada e desigual, sendo este ainda mais desvalorizado na sociedade do capital (ANTUNES, 2009). Portanto,

as relações entre *gênero* e *classe* nos permitem constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma *construção social sexuada*, onde os homens e as mulheres que trabalham são, desde a família e a escola, *diferentemente* qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa *divisão sexual do trabalho* (ANTUNES, 2009, p. 109).

No entanto, a entrevistada destaca que nos outros trabalhos como, por exemplo, em fábricas, bancos, etc. *“se a pessoa ficar doente não serve mais, as pessoas não têm valor. Quando tem experiência já está velho”* (M. F.), ou seja, com o processo de divisão do trabalho, o trabalhador como mercadoria pode ser substituído por outro facilmente, na medida em que “o trabalhador é uma mercadoria porque é reproduzido apenas como trabalhador, e é de acordo com as necessidades da propriedade privada” (MÉSZÁROS, 2006). Assim, complemento a partir de Marx (2006a), que,

A procura de homens regula necessariamente a produção de homens como de qualquer mercadoria. Se a oferta é muito maior que a procura, então parte dos trabalhadores cai na miséria ou na fome. Assim, a existência do trabalhador torna-se reduzida às mesmas condições de existência de qualquer outra mercadoria. O trabalhador transformou-se numa mercadoria e terá muita sorte se puder encontrar um comprador. E a procura, à qual está sujeita a vida do trabalhador, é determinada pelo capricho dos ricos e dos capitalistas. Se a oferta excede a procura, um dos elementos que compõe o preço – lucro, renda da terra, salários – será pago abaixo do seu valor; uma parte da procura destes fatores será retirada do uso e o preço corrente seguirá para o preço natural. Mas onde existe uma extensa divisão do trabalho é extremamente difícil para o trabalhador orientar o seu trabalho para outras aplicações, e por causa da sua subordinação ao capitalista é o primeiro a sofrer dificuldades (p. 66).

Da mesma forma, complemento, a partir da seguinte frase da artesã M. F.: “*Sempre me chamou a atenção o artesanato pela liberdade de criar. Só não gosto de pessoas que ficam com ‘olho grande’, depois fazem igual; apenas para ganhar dinheiro, fazem de tudo para vender apenas por lucro. Eu não estou ali apenas pelo dinheiro*” (M. F.).

Atividade criadora

A categoria analítica *atividade criadora* apresenta-se nessa entrevista como o próprio trabalho criativo, ou seja, o trabalho como forma de integração do ser e do fazer a partir da estética e de uma constante reflexão sobre as relações sociais e ambientais, pois M. F. entende que seu artesanato serve “*para deixar as pessoas mais belas. Tem a ver com a pessoa, com seu gosto, tem a ver com a personalidade de cada um*” (M. F.). Destaco que “a estética surgiu [...] de uma interface e por necessidade de compreender o sentido das interações, do que transita e vibra, anima e é animado por tal relação” (MEIRA, 2003, p. 23). Assim, segundo Meira (2003),

Para os antigos o termo ‘arte’ (*ars, techné*) tinha significado relacionado ao sentido supremo de arte de viver, valor de saber fazer para dar qualidade ao viver. Todos os artifícios, artimanhas e artefatos estariam justificados apenas quando estivessem a serviço de tal arte. A estética era por isso uma ética de se comportar em harmonia com a natureza e a cultura. I para a estética contemporânea, não há um referencial único que seja um conceito guarda-chuva para analisar seus fenômenos materiais ou espirituais, uma vez que é reconhecida como manifestação singular e heterogênea (p. 24).

Segundo Ostrower (2008), “o homem elabora seu potencial criador através do trabalho” (p. 31), e sendo essa uma experiência fundamental, ele “encontra sua humanidade ao realizar tarefas essenciais à vida humana e essencialmente humanas” (p. 31). Segundo a autora, “a criação se desdobra no trabalho porquanto

esse traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas” (OSTROWER, 2008, p. 31). Assim, alguns exemplos podem ser ressaltados a partir da entrevista com M. F. para ilustrar o trabalho criativo desenvolvido pelos participantes do “Brique na Estação” como, por exemplo, a questão do reconhecimento da exclusividade de cada peça artesanal construída por eles como solução para a singularidade de seu trabalho: *“criar... pegar uma linha e uma agulha e criar alguma coisa. Nada é feito vários iguais. Gosto de mudar alguma coisa no modelo. Tem que ser algo mais único”* (M. F.). Complementa também, que: *“Nunca consigo fazer duas peças iguais, sempre faço uma peça diferente da outra. Eu tenho essa mania, gosto de fazer um diferente do outro”* (M. F.), ou seja, a forma consciente dos processos criativos permite transformar o trabalho em criativo, gerando o orgulho e satisfação, pois *“é bom ter o teu trabalho reconhecido, fazer coisas bonitas, retorno financeiro. Eu gosto de criar”* (M. F.) e, assim, acredita-se ser possível ter orgulho de suas atividades e das repercussões socioambientais através da consciência construída a partir das relações sociais e ambientais que de forma intrínseca fazem parte de todo processo criativo. Assim, penso, a partir de Lukács, que,

pelo trabalho, o ser social produz-se a si mesmo como gênero humano; pelo processo de autoatividade e autocontrole, o ser social salta da sua origem natural baseada nos instintos para uma produção e reprodução de si como gênero humano, dotado de auto-controle consciente, caminho imprescindível para a realização da liberdade (LUKÁCS apud ANTUNES, 2009, p. 145).

Contudo, a artesã resalta que sua vida seria muito sem graça sem o artesanato e, assim, diz que: *“quero sempre fazer algo mais. Manter sempre. Fazer coisas diferentes, aprender uma técnica nova, não ficar na mesma coisa”* (M. F.), e que: *“fico feliz quando eu entrego um trabalho e a pessoa gostou, faz bem para a autoestima. Tem o retorno financeiro e é prazeroso, eu me sinto útil”* (M. F.). Assim, ela finaliza ressaltando que: *“Eu faço a peça, monto e vendo. Trabalho com outras coisas, mas o artesanato faz parte do meu ‘carro chefe’. Compro meus materiais e organizo as coisas”* (M. F.).

Repercussões socioambientais

A categoria analítica *repercussões socioambientais* aparece a partir de exemplos concretos da realidade da artesã M. F., como a busca pela autonomia construída e vivida por ela, depois do processo de separação de seu marido, em relação às mudanças ocorridas na própria maneira de enxergar o mundo a partir do trabalho artesanal, pois, ao perguntar o que mudou na sua visão de mundo a partir do artesanato, ela conta que mudou muita coisa e *“principalmente neste último ano, que descobri que posso vencer sozinha. Ali foi um apoio para mim, para não pensar em besteiras. Há quase um ano”* (M. F.). Assim, ela diz que o artesanato influenciou nas suas relações de trabalho enquanto gerou um maior contato com as pessoas, ou seja, segundo M. F., *“No meu trabalho eu sempre acabei fazendo alguma coisa no tempo livre. As pessoas viam eu fazer e encomendavam. Tinham clientes que adoravam e isso era satisfatório, além do contato com outras pessoas”* (M. F.). Diz, também, que o artesanato trouxe mais autonomia para ela, além de relações sociais mais abrangentes (M. F.).

De outra forma, ela complementa que através dos meios de comunicação impera o consumismo na sociedade, enquanto esse *“é utilizado de maneira errada e por pessoas de má fé”* (M. F.), ao mesmo tempo em que *“está tudo muito acelerado, rápido”* (M. F.). Considero, assim, a mídia como importante meio de manipulação social, bem como suas repercussões socioambientais, pois a mídia mostra apenas uma pequena parte dos fatos, ou seja, mostra apenas a parte que interessa ao governo e às grandes empresas para que possam manter sua hegemonia e, facilmente, através dos meios de comunicação de massa, acaba por tornar-se a própria realidade.

Neste sentido, e podendo servir como exemplo de consumismo promovido pelos meios de comunicação de massa, anteriormente citado pela artesã, M. F. ressalta a questão da moda, ou seja, *“tudo é muito moda, muda de estação para estação. A parte do artesanato voltou a ter valor pelo crochê, linha e tricô. Há anos*

não usávamos, agora voltou” (M. F.). Assim, a questão da moda pode ser considerada como importante mecanismo para gerar uma armadilha consumista para os indivíduos de uma sociedade do capital. Complemento, a partir de Duarte Jr. (2010), que

Entenda-se: inseguro face as muitas armadilhas urbanas, incerto quanto ao que lhe reserva o futuro e precisando adaptar-se continuamente às guinadas da moda (no vestuário, nas artes, nos utensílios e até na política e nos valores), ao homem comum não sobra outro recurso senão a manutenção de um pequeno eu, dotado de suficiente maleabilidade e adaptabilidade às exigências do mercado e aos perigos cotidianos. Suas opiniões, conceitos e pontos de vista devem ser minimamente pessoais e fluidos o suficiente para serem prontamente alterados ao saber das conveniências do consumo programado (p. 74).

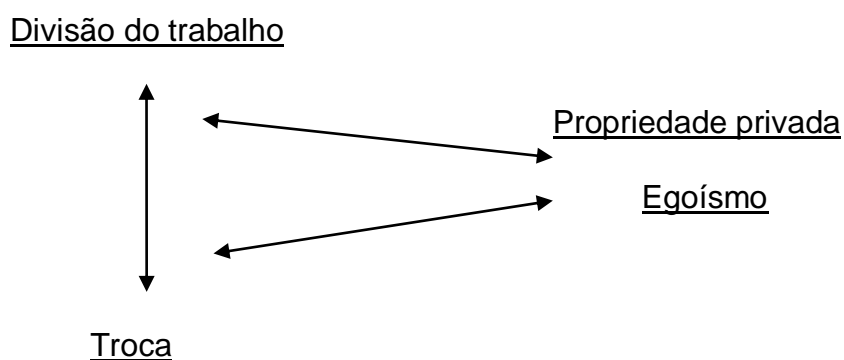
Da mesma forma, ela ressalta que a produção em massa de bens de consumo gera produtos muito baratos em seu custo, mas sem qualidade que acabam desvalorizando muito rápido também. Assim, ela destaca que *“um artesanato tem mais qualidade, dura uma vida inteira” (M. F.). Assim, ela complementa que na produção em massa, usando a China como principal exemplo desse tipo de produção, “eles não têm cuidado” (M. F.), e afeta muito o trabalho artesanal, pois “enchem os olhos da gente, mas prejudicam. Usam materiais prejudiciais à saúde” (M. F.). Contudo, a artesã destaca que há roupas feitas por ela “com anos de uso e sem defeitos, manufatura de qualidade é bem melhor” (M. F.).*

De outra forma, M. F. pensa que parcerias como, por exemplo, com o SESC da cidade de Montenegro e a divulgação do trabalho artesanal geraria *“um pessoal mais novo para conhecer o trabalho” (M. F.). Contudo, ela pensa que o mundo seria muito melhor se mais pessoas se dedicassem ao artesanato, pois “sempre acrescenta algo para as pessoas. Gera uma energia boa” (M. F.).*

Categorias empíricas

Egoísmo

A categoria empírica *egoísmo* surge por representar, em grande parte das relações atuais de trabalho, a propriedade privada, ou seja, atua como um resultado da interação entre o processo de divisão do trabalho, a troca e a propriedade privada (egoísmo) (MARX, 2006a). Assim, reproduzo a concepção de Marx, a partir de Mézáros (2006, p. 132), através de uma ilustração dessa tripla interação:



É possível pensar, a partir de Marx (2006), que o egoísmo apresenta-se como um resultado da interação entre divisão do trabalho, troca e propriedade privada na medida em que a categoria concorrência atua de duas formas distintas: a subjetiva e a objetiva. Assim, “a concorrência *subjetiva* se dá entre trabalhadores e

trabalhadores, de um lado, e capitalistas e capitalistas, de outro. A concorrência *objetiva*, ou fundamental, se dá entre trabalhadores e proprietários” (MÉSZÁROS, 2006, p. 133). Contudo,

A concorrência baseada no monopólio da propriedade privada acompanha um modo de produção que parece ser governado por uma *lei natural*, não pela vontade das pessoas envolvidas. Nessa característica pode-se reconhecer o novo tipo de *fetichismo*⁷. [...] Os aspectos mais importantes desse modo de produção, diretamente relevantes para o nosso problema, são a ‘reificação’, o ‘trabalho abstrato’ e os ‘apetites imaginários’ (MÉSZÁROS, 2006, p. 133).

Assim sendo, através da reificação, da transformação de tudo em “coisa”, o trabalho abstrato apresenta-se como trabalho unilateral, “e, evidentemente, é o resultado da divisão do trabalho sob as condições da concorrência” (MÉSZÁROS, 2006, p. 134). Da mesma forma, a questão dos apetites imaginários pode ser melhor entendida como intimamente ligada às outras duas, “pois, se tudo está subordinado à necessidade de acumulação de riqueza, é irrelevante se as necessidades assim criadas são propriamente humanas, ou se são necessidades indiferentes, ou mesmo desumanizadoras” (MÉSZÁROS, 2006, p. 134).

Contudo, como exemplo de superação dessa relação onde o resultado apresenta-se através do egoísmo, complemento, a partir da fala de M. F. que: “o básico seria que as pessoas não fizessem para os outros o que não querem para si mesmas. Tudo seria melhor. As pessoas são muito egoístas e agem por impulso” (M. F.). Ela também destaca que existe “muita cobrança, exigência, tudo é rápido demais. Não pagam o suficiente pelo que é cobrado do funcionário. Querem lucrar demais e não pagam o que é justo. O egoísmo impera. Mais equilíbrio é necessário” (M. F.).

⁷ Fetichismo como “significando que o fenômeno em questão aparece como alguma coisa exterior ao homem, confrontando-o como um poder alheio” (MÉSZÁROS, 2006, p. 133).

Desvalorização do artesanato

Quando pergunto se ela considera que o artesanato é valorizado pela sociedade, ela responde que: *“mais ou menos. Alguns entendem um pouco, mas outros não têm a mínima ideia. Deve ser mais valorizado, reciclar materiais. Gostaria de montar uma cooperativa”* (M. F.). Também, *“não rende o que a gente espera. Tudo que tu faz, o que está pronto, nunca serve; precisa comprar mais material para fazer as obras. O pessoal não valoriza o trabalho manual, mesmo com a exclusividade. Nas lojas pagam mais e encontram duas ou três unidades iguais. Fazer tricô não é bem assim, é difícil”* (M. F.).

Da mesma forma, a artesã M. F. pensa ser importante que haja um movimento de valorização do artesanato, onde a comunidade possa conhecer as técnicas artesanais e assim compreender o trabalho artesanal para, então, melhor valorizá-lo, pois ela ressalta que *“quem vai comprar não está nem aí. As pessoas precisam entender como é feito o artesanato. Entendendo, vai valorizar mais aquele trabalho”* (M. F.). Se faz necessário combater a desvalorização do artesanato através, principalmente, da construção do conhecimento coletivo sobre as técnicas artesanais na busca por transformações socioambientais, ou seja, para além de uma lógica de mercado.

Contudo, a artesã considera importante preservar o valor cultural do trabalho artesanal, pois segundo ela *“é algo que vem do tempo dos nossos avós. Tricô é muito antigo. Crochê também”* (M. F.). Assim, a valorização do artesanato como atividade criadora, no contexto cultural, pode apresentar-se como uma alternativa na busca por melhores relações sociais e ambientais. Ainda complemento, a partir de Ostrower (2008), que *“o indivíduo talvez discorde de certas aspirações formuladas pelo contexto cultural; mesmo assim, é desse contexto que ele partirá para a crítica”* (p. 101).

Pergunta de pesquisa

A entrevista com a artesã M. F. mostrou a realidade construída pela sociedade do capital a partir de características fundamentais para que haja sua reprodução como, por exemplo, o egoísmo. Em prol de uma maior produtividade e uma diminuição do seu tempo livre, o trabalhador é explorado pelo empregador na medida em que os donos do capital, a partir da propriedade privada (egoísmo), necessitam reproduzir tal realidade a fim de que possam manter sua hegemonia. Também mostrou a desvalorização do artesanato, principalmente por meio da não compreensão de técnicas artísticas pela sociedade em geral, bem como a questão da exclusividade e singularidade de cada peça, enquanto o valor é repassado aos produtos industrializados e produzidos em massa. Contudo, a entrevista com a artesã soube contemplar questões sobre cultura e educação, enquanto ela considera importante a preservação do trabalho artesanal como alternativa viável na busca por uma melhor qualidade nas relações socioambientais para além de uma lógica de mercado.

Artesão M. D.

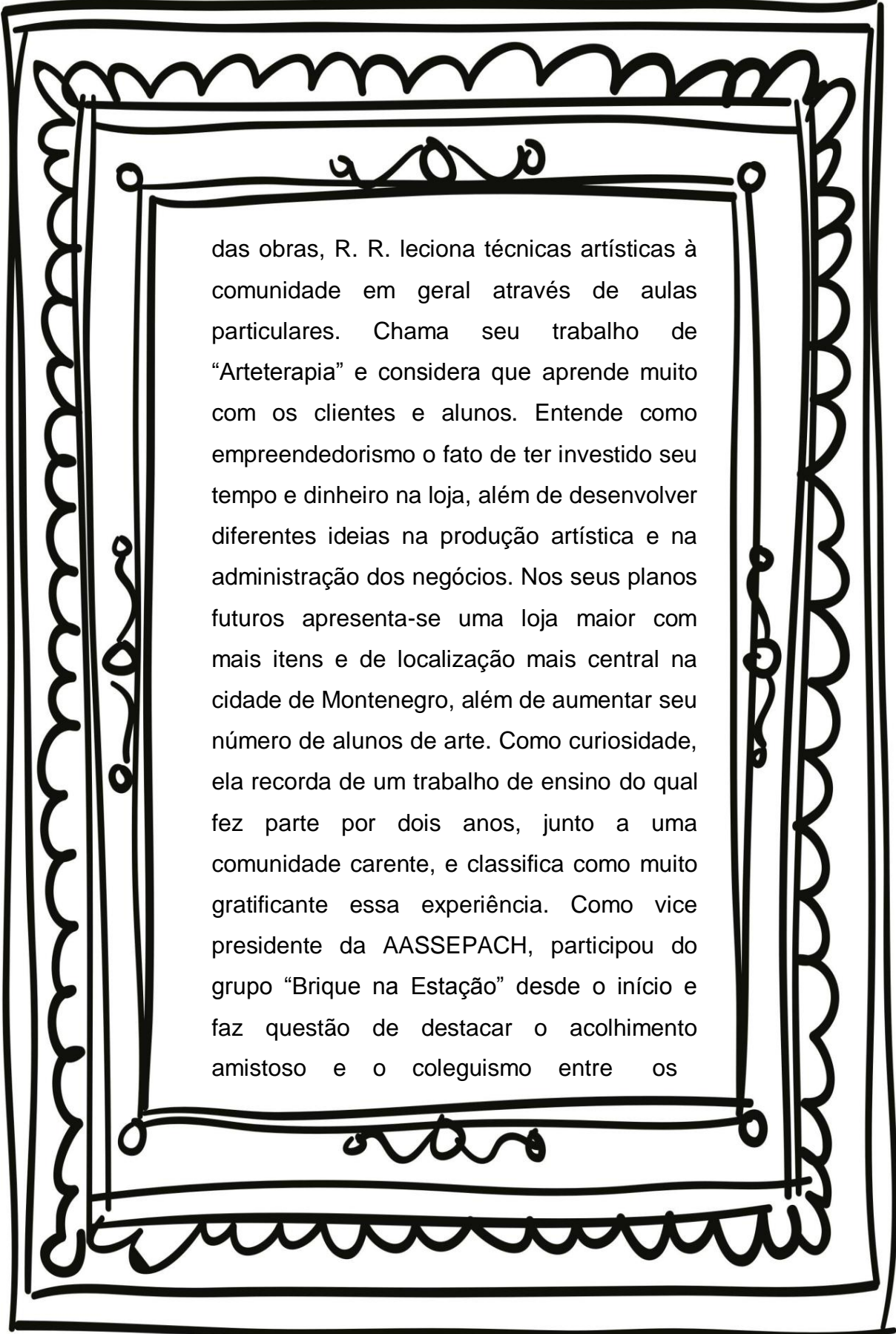
Figura 8 – Artesã R. R. expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

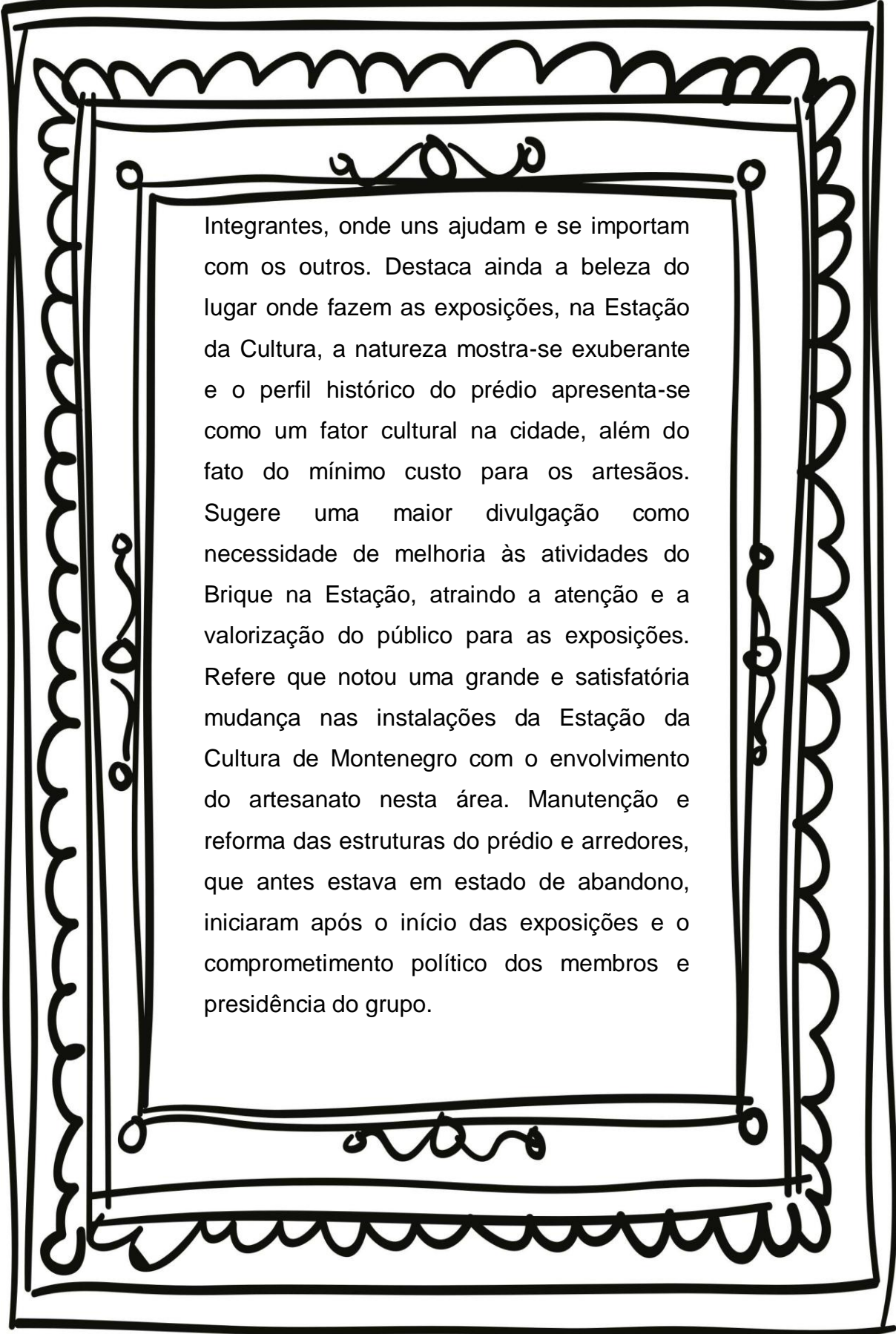
“Fazer o bem sem imaginar a quem irá atingir. Você não sabe do potencial das suas criações. Receber reconhecimento das minhas obras é muito gratificante. Nem sempre você consegue atingir os desejos de um cliente.”
(Artesã R. R.)

História de Vida

R. R. tem 50 anos, é casada e mãe de 2 filhas. Completou o Ensino Médio e sempre trabalhou apenas com artesanato. Iniciou por volta dos 16 anos o aprendizado artesanal, ainda no colégio, com apoio da mãe e ensinamentos de uma professora da escola na qual estudava. Nunca trabalhou em outra área além das artes e das atividades domésticas de rotina. Realizou alguns cursos técnicos, como pintura sobre tela e pintura em porcelana, onde aprendeu técnicas diferentes com diferentes materiais como tela, MDF, acrílico, porcelana, vidro, texturas e outros. Hoje possui uma pequena loja em sociedade com outras duas artesãs, das quais uma delas também faz parte do grupo “Brique na Estação”. Na loja vendem artesanato, quadros e materiais de apoio às artes. Além da confecção e comércio das



das obras, R. R. leciona técnicas artísticas à comunidade em geral através de aulas particulares. Chama seu trabalho de “Arteterapia” e considera que aprende muito com os clientes e alunos. Entende como empreendedorismo o fato de ter investido seu tempo e dinheiro na loja, além de desenvolver diferentes ideias na produção artística e na administração dos negócios. Nos seus planos futuros apresenta-se uma loja maior com mais itens e de localização mais central na cidade de Montenegro, além de aumentar seu número de alunos de arte. Como curiosidade, ela recorda de um trabalho de ensino do qual fez parte por dois anos, junto a uma comunidade carente, e classifica como muito gratificante essa experiência. Como vice presidente da AASSEPACH, participou do grupo “Brique na Estação” desde o início e faz questão de destacar o acolhimento amistoso e o coleguismo entre os



Integrantes, onde uns ajudam e se importam com os outros. Destaca ainda a beleza do lugar onde fazem as exposições, na Estação da Cultura, a natureza mostra-se exuberante e o perfil histórico do prédio apresenta-se como um fator cultural na cidade, além do fato do mínimo custo para os artesãos. Sugere uma maior divulgação como necessidade de melhoria às atividades do Brique na Estação, atraindo a atenção e a valorização do público para as exposições. Refere que notou uma grande e satisfatória mudança nas instalações da Estação da Cultura de Montenegro com o envolvimento do artesanato nesta área. Manutenção e reforma das estruturas do prédio e arredores, que antes estava em estado de abandono, iniciaram após o início das exposições e o comprometimento político dos membros e presidência do grupo.

Análise categorial da entrevista com a artesã R. R.

Categorias analíticas

Trabalho alienado

A categoria analítica *trabalho alienado* não se apresenta de forma explícita na entrevista com R. R., mas pode-se esperar que esteja inclusa nos desejos e nas transformações futuras de forma criativa, explícita e reflexiva. Assim, trago algumas ideias a partir da fala da artesã R. R. como alternativa para melhorar sua própria condição atual de trabalho e que pode apresentar-se como alternativas inovadoras e transformadoras para outros sujeitos e seus trabalhos: “*desenvolver trabalhos com novos materiais, novas tintas, reciclagem de materiais. Ensinar as pessoas e aprender com elas*” (R. R.). Segundo Ostrower (2008),

a visibilidade da prática estética com o fazer artístico demanda experimentos com o jogo da criação para a apropriação e a compreensão daquilo que afeta o corpo e a extensão do corpo em corporeidades que tanto contracenam com ilusões como com realidades, em tempos e configurações múltiplas. Os códigos não permitem grafar ou mostrar como se materializam as significações em valores e conhecimentos que possibilitem diálogos comprometidos com o contexto social, mas estes ficam inscritos nas corporeizações das interações materiais e espirituais (p. 121).

Entendo que se faz necessário sempre inventar novas formas de pensar e agir em sociedade na busca por transformações. No entanto, diferentemente da atividade considerada criadora, isso não se faz possível através do trabalho alienado, onde o caráter transformador do trabalhador é aniquilado em prol da reprodução da realidade. Desta forma, complemento a partir de Benjamin (2012), que

Toda forma de arte amadurecida está no ponto de intersecção de três linhas evolutivas. Em primeiro lugar, a técnica atua sobre uma forma de arte determinada. [...] Em segundo lugar, em certos estágios do seu desenvolvimento as formas artísticas tradicionais tentam laboriosamente produzir efeitos que mais tarde serão obtidos sem qualquer esforço pelas novas formas de arte. [...] Em terceiro lugar, transformações sociais muitas vezes imperceptíveis acarretam mudanças na estrutura da recepção, que serão mais tardes utilizadas pelas novas formas de arte (p. 200).

Assim, é importante ressaltar que torna-se visível o caráter dialético desse processo criador, onde o diálogo apresenta-se nesse caminho entre as ideias através da contraposição na construção de novos conhecimentos.

Atividade criadora

Quanto à categoria analítica *atividade criadora*, pode-se dizer que ela apresenta-se, nessa entrevista, como característica importante na busca por uma vida plena de criações. A artesã, por trabalhar exclusivamente com a arte e o artesanato, permite-se criar e recriar sua atividade para além de uma lógica do capital. Assim, ela ressalta e nos faz pensar que o artesanato *“é tudo que é feito com carinho, vontade. Não necessariamente feito com a mão, mas com dedicação e vontade” (R. R.)*. Ostrower (2008) considera *“a criatividade um potencial inerente ao homem, e a realização desse potencial uma de suas necessidades” (p. 5)*.

Da mesma forma, a artesã R. R. deseja nunca parar com o artesanato e diz que isso completa sua vida (R. R.), pois *“no artesanato temos a liberdade de criar, no tempo que podemos” (R. R.)*. No entanto, considero importante ressaltar que:

As potencialidades e os processos criativos não se restringem, porem, à arte. Em nossa época, as artes são vistas como área privilegiada do fazer humano, onde ao indivíduo parece facultada uma liberdade de ação em amplitude emocional e intelectual inexistente nos outros campos de atividade humana, e unicamente o trabalho artístico é qualificado de criativo. Não nos parece correta essa visão de criatividade. O criar só pode ser visto

num sentido global, como um agir integrado em um viver humano (OSTROWER, 2008, p. 5).

Assim, pode-se entender que, ao considerar os processos criativos, o criar e o viver caminham juntos, interligam-se a partir da relação entre o nível individual e o nível cultural da existência humana (OSTROWER, 2008).

Repercussões socioambientais

Da mesma forma, a categoria analítica *repercussões socioambientais* apresenta-se, na entrevista com a artesã R. R., através de repercussões satisfatórias, ou seja, através das transformações buscadas e alcançadas por ela e por outras duas artesãs, sendo que uma delas é a artesã M. D. (que apresentarei na próxima análise categorial), atreladas ao trabalho emancipatório construído por elas. As artesãs atuam como sujeitos sociais e dialógicos na busca pela transformação da realidade individual e coletiva a partir de sua atividade criadora e através, principalmente, pelo trabalho socioambiental promovido por elas em seu estabelecimento e na comunidade, através do seu cargo de vice-presidente da AASEPAHC, de palestras, aulas para pessoas desfavorecidas economicamente, reutilização de materiais no trabalho artesanal, como vidros, latas, garrafas pet, madeira, etc. Ressalto, então, que “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2005, p. 91).

Segundo Loureiro (2004), “os atores capazes de transformação social se definem vinculados ao modo de produção, à vida cotidiana particular e coletiva, à cultura, ao Estado, e que estes devem participar com suas especificidades no trabalho pedagógico dialógico e comunicativo” (p. 118). Trago, então, a voz de R. R.

com referência ao valor cultural de seu trabalho com as outras duas artesãs na loja e com o grupo do Brique na Estação: *“É uma corrente que vamos montando, formando e divulgando”* (R. R.). Assim sendo, segundo ela, o artesanato significa não apenas vender, *“mas por divulgar a arte, conviver com pessoas maravilhosas, resgate da autovalorização. Complementa e realiza quem faz”* (R. R.).

E complementa, ainda, dizendo que: *“Sempre gostei de artes e minha mãe também era habilidosa. Através do artesanato eu me autorrealizei, desenvolvi boas relações com outras pessoas e melhorou minha timidez”* (R. R.). Entendo que esse sentimento de autorrealização pode ser melhor explicado como aquilo que Duarte Jr. (2010) denomina de “sentimentos comuns”:

Sentimentos comuns: aquilo que o cotidiano nos proporciona por entre deveres, obrigações e prazeres de nosso dia-a-dia. Certamente tais sentimentos estão conectados a uma série de procedimentos práticos e até poéticos com os quais estamos diariamente envolvidos, a uma série de saberes que, por corriqueiros, não os identificamos como tais. Contudo, como afirmado, muitos desses conhecimentos vêm se perdendo em decorrência de uma visão que, apoiada pelo mercado, reconhece apenas a tecnociência como capaz de prover soluções e aperfeiçoamentos para que levemos adiante nossa existência (p. 177).

Assim, a artesã sempre recomenda aos outros o trabalho artesanal, pois considera que, *“afinal é uma forma de aliviar o estresse e incentiva a criatividade, além de poder retornar algum lucro”* (R. R.). Contudo, ela ressalta que *“fazer artesanato faz bem para a alma e vender faz bem para o ego”* (R. R.).

Categorias empíricas

Arte terapia

A categoria empírica *arte terapia* surge pela possibilidade de o artesanato atuar também, e para além de uma atividade criadora, como uma terapia complementar e prazerosa para o tempo livre. Assim, o artesanato pode apresentar-se tanto como uma atividade criadora quanto como uma arte terapia tão necessária nos dias atuais para superar os diversos fatores construídos pela sociedade do capital como, por exemplo, a exploração através do trabalho, a violência, o desemprego, a má relação entre indivíduo e natureza, o excesso de informações, ou seja, exigências e construções de uma lógica de mercado. Segundo R. R., o artesanato mudou sua maneira de enxergar o mundo completamente (R. R.). Destaca ainda que, a partir do trabalho artesanal, aprendeu a conviver mais com as pessoas através, principalmente, das aulas sobre técnicas artesanais que leciona (R. R.). Assim, ela destaca que isso foi uma lição de vida para ela, pois considera que aprendeu muito mais do que ensinou (R. R.), ou seja, dessa maneira, “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educando, também educa” (FREIRE, 2005, p. 79).

Ainda, segundo a entrevistada, o artesanato, ou a arte, é considerada por ela como uma arte terapia, porque “ajuda a reduzir o estresse do dia a dia e afastar a depressão. Consigo relações sociais amigáveis com essa atividade” (R. R.). Assim, a arte terapia pode ser melhor entendida como um processo terapêutico a partir de um auxílio expressivo que é capaz de conectar o mundo interno e externo do sujeito. Ela se apresenta, essencialmente, através da criação estética e da realização artística em prol de uma vida mais saudável.

Autonomia do trabalhador

A categoria empírica *autonomia do trabalhador* surge da necessidade da gestão, principalmente do tempo de trabalho pelos trabalhadores, onde a qualidade da realização seja mais valorizada do que a quantidade nesse processo. A maioria das condições atuais de trabalho pauta-se pela exploração, dominação e repressão, aniquilando, assim, a autonomia dos sujeitos na medida em que atuam sem liberdade para criar ou para solucionar problemas. Segundo a artesã R. R., deveria existir “*menor cobrança de metas e horários pelo empregador*” (R. R.). Ela ressalta que, no “Brique na Estação”, ela tem total liberdade para criar e levar suas obras para exposição nos horários que pode, sem que haja cobrança de alguém (R. R.). Da mesma forma, ela nos lembra que “*nos outros trabalhos ocorre cobrança de metas e horários que deixa o trabalho desinteressante e penoso*” (R. R.) e que trabalhos como, por exemplo, em fábricas, bancos, operadores de telemarketing, etc., que cobram demais dos funcionários acabam fazendo da vida dos sujeitos uma rotina desagradável (R. R.).

Desta forma, complemento, com a ajuda de Morin (2002), que a autonomia não se apresenta como uma liberdade absoluta, mas “dependente de seu ambiente, seja ele biológico, cultural ou social” (p. 118). Assim, segundo o mesmo autor,

Quanto a nós, seres culturais e sociais, só podemos ser autônomos a partir de uma dependência original em relação à cultura, em relação a uma língua, em relação a um saber. A autonomia não é possível em termos absolutos, mas em termos relacionais e relativos (MORIN, 2002, p. 118).

Contudo, num ambiente ideal de trabalho, os trabalhadores podem controlar a planificação do respectivo trabalho, tomar decisões sobre a forma como as tarefas deverão ser concluídas e sobre a resolução dos problemas. As atividades devem ser enriquecidas para que os trabalhadores possam utilizar as suas capacidades, inclusive a criativa, de forma satisfatória.

Educação e cultura sustentáveis

A categoria empírica *educação e cultura sustentáveis* surge através da necessidade de uma sustentabilidade da existência humana em todos os sentidos, principalmente através da educação e da construção da cultura. Assim, é importante educar para a sustentabilidade; por exemplo, *“reciclagem de materiais, na cultura, ensinando e incentivando o artesanato pelo menos como forma de combater o estresse e a criatividade”* (R. R.). Dessa forma, segundo a artesã, o artesanato contribui de forma fundamental para sociedade na medida em que *“ajuda a reciclar e, na cultura, ajuda mudando a visão das artes [...] Nada se perde, tudo se transforma”* (R. R.). Assim, ela completa dizendo que deu aula de artes por dois anos, como voluntária, para crianças carentes da cidade (R. R.), o que contribuiu muito para a sociedade, pois apresenta-se como uma educação para além de uma lógica do capital (MÉSZÁROS, 2008).

Complemento, então, que a educação como cultura e vice-versa traz possibilidades de construção de valores permanentes para outra forma de estar e pertencer ao mundo, plena de significados, sentidos, compartilhamentos, intimidades do fazer humano. Assim, segundo Ostrower (2008), “os valores participam do nosso diálogo com a vida” (p. 101). Ainda, a autora complementa que os valores coletivos originam-se nas inter-relações sociais num determinado contexto histórico, ou seja, “são as valorações da cultura em que vive o indivíduo, os chamados ‘valores de uma época’” (OSTROWER, 2008, p. 101). Contudo, faz-se necessária uma educação para uma vida simples, ou seja, reviver soluções dos nossos ancestrais, da economia doméstica, com a importância do trabalho manual e o reconhecimento de sua nobreza.

Contudo, entende-se que “a natureza criativa do homem se elabora no contexto cultural. Todo indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorizações culturais se moldam os próprios valores de vida” (OSTROWER, 2008, p. 5).

Pergunta de pesquisa

A entrevista com R. R. mostrou uma realidade vivida e construída a partir de uma vida plena de significados através das mais diversas formas de arte. A artesã apresenta-se envolvida com a transformação da realidade através de sua proposta libertadora construída desde o projeto de abertura de sua loja de artes e artesanatos, a “Bell’Arts”, juntamente com outras duas amigas e sócias, também engajadas na valorização da arte e do trabalho artesanal em suas diversas técnicas, com o objetivo de promover a valorização da arte e do artesanato enquanto movimento de ressignificação na qualidade de vida dos sujeitos. Também, R. R. envolve-se, como vice-presidente da AASEPAHC, junto a outros associados e a presidente da associação, Izabel Vargas da Silva, na reconstrução do espaço da Estação da Cultura de Montenegro como local de cultura e história, além de construírem uma consciência política e um comprometimento social e ambiental através do trabalho criativo e de suas relações com o meio no qual estão inseridos. O grupo constrói, então, repercussões favoráveis ao ambiente e aos sujeitos engajados nesse processo, assim como para as pessoas que não estão diretamente envolvidas com sua problemática. Assim, é possível pensar na superação da alienação através de um trabalho criativo que prioriza as potencialidades de cada um e busca constantemente transformações nas relações sociais e ambientais.

Artesão N. A.

Figura 9 – Artesão N. A. expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS.

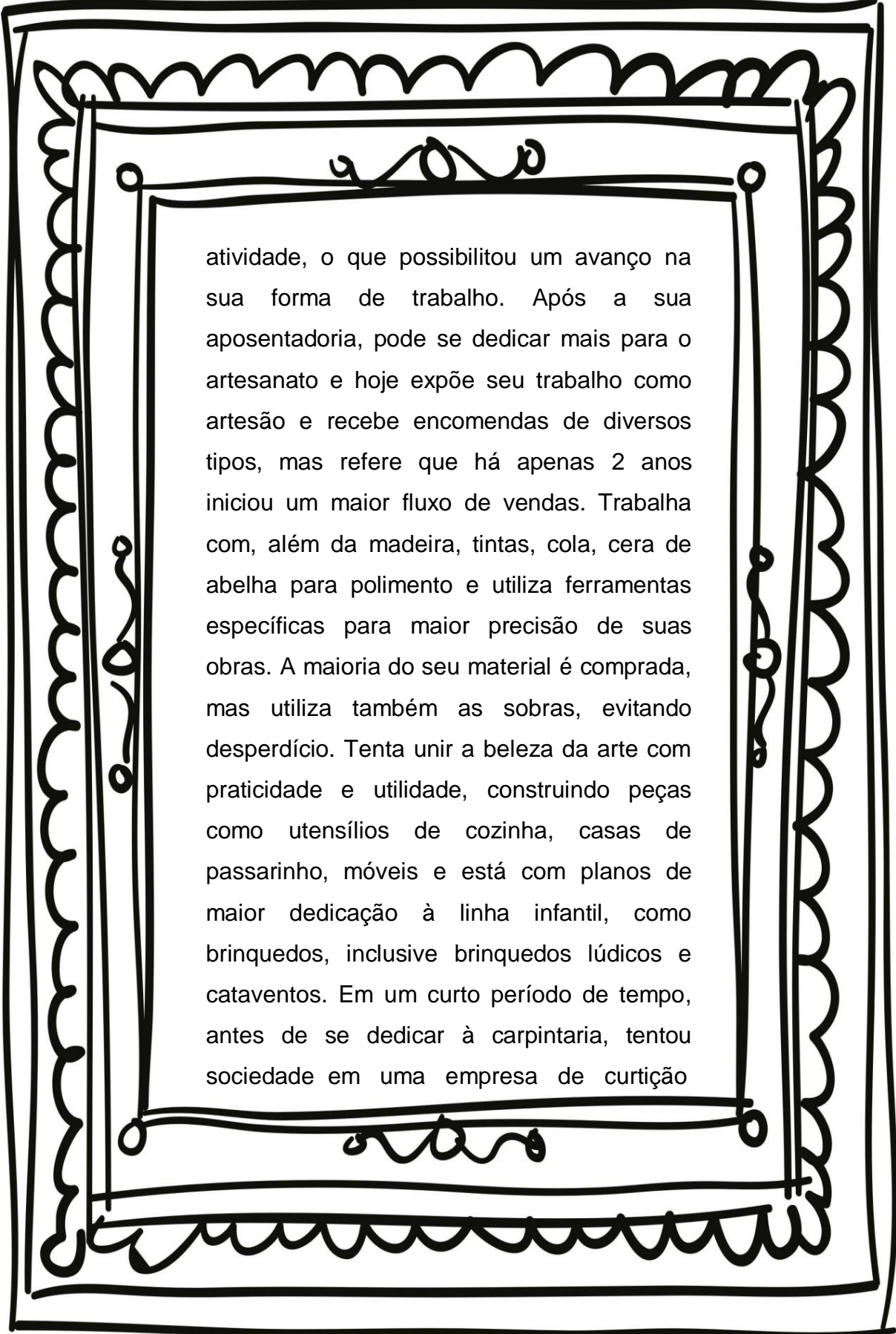
Fonte: Arquivo da pesquisadora

“O artesanato hoje faz parte do meu cotidiano, faz parte do meu dia a dia e faço por prazer. Gosto dos cheiros e das texturas das madeiras. Não passo um dia sem ao menos visitar minha oficina. Faz parte de cada dia da minha vida.”

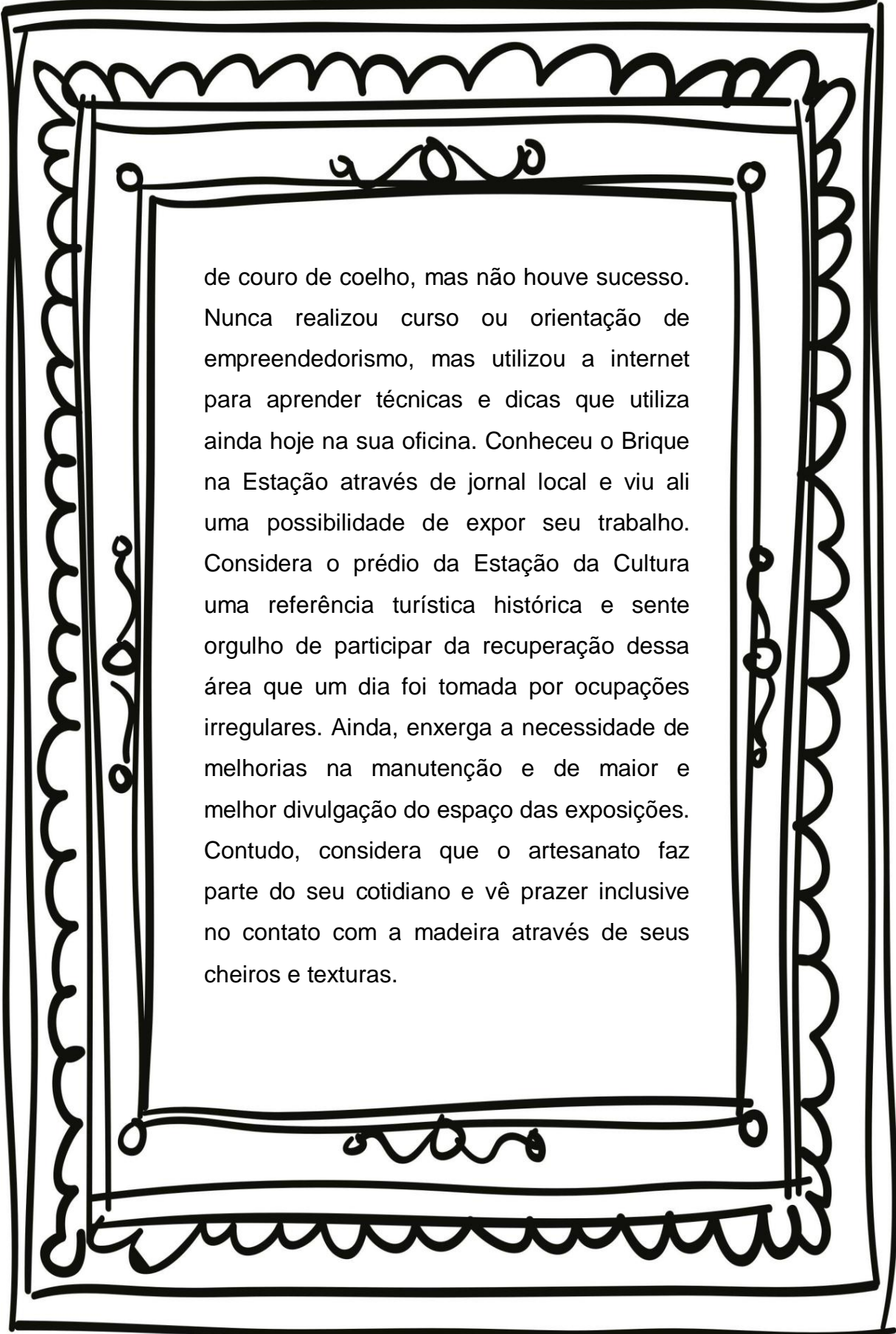
Artesão N. A.

História de Vida

N. A. tem 47 anos, é aposentado e artesão, casado e pai de um filho de 20 anos. Atua como segundo secretário da AASEPAHC. Trabalhou desde jovem e, até a sua aposentadoria como técnico químico, na área de análises agrícolas. Atribui as poucas opções de cursos profissionalizantes, a 27 anos atrás, a sua escolha pela área das análises químicas, ainda mais impulsionado pela orientação de um teste vocacional realizado na época. Trabalhou com satisfação nesta área até a sua aposentadoria, que hoje representa seu principal sustento. Seu pai era carpinteiro de obras e seu tio também trabalhava com madeira, inclusive na construção de barcos. Desde criança acompanhou com interesse o trabalho do pai e do tio. Há muitos anos se dedica ao trabalho artesanal com madeira e, em 1993, adquiriu um torno profissional para essa



atividade, o que possibilitou um avanço na sua forma de trabalho. Após a sua aposentadoria, pode se dedicar mais para o artesanato e hoje expõe seu trabalho como artesão e recebe encomendas de diversos tipos, mas refere que há apenas 2 anos iniciou um maior fluxo de vendas. Trabalha com, além da madeira, tintas, cola, cera de abelha para polimento e utiliza ferramentas específicas para maior precisão de suas obras. A maioria do seu material é comprada, mas utiliza também as sobras, evitando desperdício. Tenta unir a beleza da arte com praticidade e utilidade, construindo peças como utensílios de cozinha, casas de passarinho, móveis e está com planos de maior dedicação à linha infantil, como brinquedos, inclusive brinquedos lúdicos e cataventos. Em um curto período de tempo, antes de se dedicar à carpintaria, tentou sociedade em uma empresa de curtição



de couro de coelho, mas não houve sucesso. Nunca realizou curso ou orientação de empreendedorismo, mas utilizou a internet para aprender técnicas e dicas que utiliza ainda hoje na sua oficina. Conheceu o Brique na Estação através de jornal local e viu ali uma possibilidade de expor seu trabalho. Considera o prédio da Estação da Cultura uma referência turística histórica e sente orgulho de participar da recuperação dessa área que um dia foi tomada por ocupações irregulares. Ainda, enxerga a necessidade de melhorias na manutenção e de maior e melhor divulgação do espaço das exposições. Contudo, considera que o artesanato faz parte do seu cotidiano e vê prazer inclusive no contato com a madeira através de seus cheiros e texturas.

Análise categorial da entrevista com o artesão N. A

Categorias analíticas

Trabalho alienado

A categoria analítica *trabalho alienado* não aparece de forma explícita na entrevista com o artesão N. A.; no entanto, ela pode apresentar-se através da busca por melhores relações de trabalho, ou seja, novas, libertadoras e humanizadas visões que possam transformar a realidade construída e vivida. Assim, o artesão acredita que, por exemplo, “*o ato de estudar e trabalhar deve ser sempre incentivado e apoiado pelo empregador. Deve ocorrer ajuda ao trabalhador para o estudo*” (N. A.), ou seja, “*incentivando o estudo e qualificação profissional do empregado, sempre com o apoio do empregador*” (N. A.). Diante disto, considero importante pensarmos com Freire (2005) que se faz necessária a luta dos trabalhadores por melhores condições de vida, principalmente através do processo de educação, e que “constatar esta preocupação implica, indiscutivelmente, reconhecer a desumanização, não apenas como viabilidade ontológica, mas como realidade histórica” (p. 32). Assim, é possível pensar com Freire que:

A desumanização, que não se verifica apenas nos que têm sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do *ser mais*. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer, a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas, como seres “para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto da história,

não é, porém, *destino dado*, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera a violência dos opressores e esta, o *ser menos* (2005, p. 32).

Sobre outras formas de trabalho como, por exemplo, em fábricas, o artesão considera a grande relação com a produtividade através de questões como “*carga horária, obrigações e metas que devem ser atingidas a todo custo e cobradas pelo ‘patrão’*” (N. A.). Da mesma forma, o artesão acredita que, ao contrário do que acontece no sistema do capital, “*o artesão não visa o lucro com tanta importância e rapidez*” (N. A.). Assim, ele pode demorar um tempo significativo para vender uma peça, pois seu trabalho não está relacionado ao tempo de produção, e, sim, à qualidade e à exclusividade de cada peça (N. A.).

Atividade criadora

Quanto à categoria analítica *atividade criadora*, pode-se dizer que ela apresenta-se, nessa entrevista, como característica importante para que o homem e a mulher busquem transformar a realidade para além da fragmentação e do mecanicismo através da construção de novos conhecimentos voltados, nesse caso, para a autonomia do sujeito. Assim, ressalto que nós sujeitos “inacabados e conscientes do inacabamento, abertos à procura, curiosos, ‘programados, mas para aprender’, exercitaremos tanto mais e melhor a nossa capacidade de aprender” (FREIRE, 1996, p. 65). O artesão entrevistado buscou aprender novas técnicas relacionadas à transformação da madeira, e considera, ainda, que: “*fui autodidata e aprendi lendo e assistindo vídeos*” (N. A.). Ele complementa, então, que hoje, depois de quase 10 anos, possui muitas ferramentas e que desenvolveu muitas outras técnicas (N. A.). Segundo ele, “*com a internet foi possível acessar vídeos, imagens, desenhos e isso desenvolveu meu conhecimento*” (N. A.).

Dessa forma, ele compreende o artesanato como um *“trabalho onde foi necessário a habilidade da pessoa, mesmo com o uso de ferramentas, onde seja aplicado também as tuas ideias e tua imaginação”* (N. A.). Segundo Ostrower (2008), *“a imaginação criativa nasce do interesse, do entusiasmo de um indivíduo pelas possibilidades maiores de certas matérias ou certas realidades. Provém de sua capacidade de se relacionar com elas”* (p. 39). Assim, ele vê em sua atividade uma oportunidade de criar e aprender a cada trabalho (N. A.), pois ele nos diz que: *“posso apresentar novas ideias e obras e as pessoas, clientes, também trazem novos projetos”* (N. A.). A partir disso, ressalto que:

Por ser o imaginar um pensar específico sobre um fazer concreto, isto é, voltado para a materialidade de um fazer, não há de se ver o ‘concreto’ como limitado, menos imaginativo ou talvez não-criativo. Pelo contrário, o pensar só poderá tornar-se imaginativo através da concretização de uma matéria, sem o que não passaria de um divagar descompromissado, sem rumo e sem finalidade (OSTROWER, 2008, p. 32).

Portanto, segundo Ostrower (2008), no processo imaginativo, *“desvinculado de alguma matéria a ser transformada, a única referência do imaginar se centraria no próprio indivíduo”* (p. 32), ou seja, *“seria um pensar voltado unicamente para si, suposições alienadas da realidade externa, não contendo propostas de transformação interior, da experiência, nem mesmo para o indivíduo em questão”* (p. 32-33).

No entanto, sobre a relação ao custo/benefício que o artesanato proporciona, N. A. traz a seguinte fala: *“tento ao menos cobrir os custos, mas não é possível viver apenas de artesanato hoje”* (N. A.). Assim, ele complementa que está aposentado e que fez algumas reservas, pois não pode contar apenas com a renda do artesanato, mesmo assim, *“não gostaria de trabalhar em uma área como comércio, que escraviza e é responsável por um desgaste físico importante”* (N. A.).

Contudo, ele diz que não enxerga sua vida sem o artesanato, pois ele nos complementa que: *“Não vejo essa possibilidade. Seria monótono. Não gosto de ficar na frente de um computador. Gosto de realizar trabalhos manuais e sinto que dessa forma estou desenvolvendo minha imaginação”* (N. A.).

Repercussões socioambientais

A categoria analítica *repercussões socioambientais* aparece na entrevista com o artesão N. A. através da satisfação que o artesanato produz enquanto possibilidade de criação, construção de novos conhecimentos e de novas amizades, além de combater o estresse; assim, segundo o artesão, após sua aposentadoria, ele pode dedicar-se mais ao artesanato, e sua vida mudou muito no seguinte sentido: *“criei novas amizades, troca de ideias com outras pessoas. Uma ocupação saudável que combate o estresse”* (N. A.).

Ele acredita que o artesanato pode apresentar-se como uma forma de diminuir o estresse das pessoas, além *“de ver o mundo com mais arte e beleza, desenvolvendo a paciência e a concentração”* (N. A.). Ressalto, a partir disso, que:

A beleza, quer de formas poéticas sensuais e expressivas, quer da lógica e consistência interna de uma teoria, nos toca no mais profundo do nosso ser espiritual, como revelação de uma verdade imanente ao próprio viver. Beleza, Harmonia. É o que a mente humana tenta vislumbrar ao tentar compreender-se, na incessante busca de significados. Essa busca é de ordem transcendental, indo sempre além dos limites do dado e do existente, e tentando alcançar, nas realidades do cotidiano, uma realidade maior e mais visionária, novas formas de beleza, contexto para um novo sentido de vida (OSTROWER, 2013, p. 54-55).

Portanto, para o artesão N. A., o artesanato mostra-se como uma alternativa para melhorar a qualidade de vida dos sujeitos, pois se torna necessário *“pela saúde mental, como forma de ocupação. Não podemos ficar só na frente do rádio ou da televisão vendo notícias ruins”* (N. A.). Ele ainda nos diz que: *“preciso me ocupar física e mentalmente”* (N. A.). Assim, um dos benefícios do trabalho artesanal é manter a cabeça arejada, pois isso ajuda muito para manter uma vida mais saudável (N. A.). Contudo, ele considera importante a divulgação do trabalho artesanal *“através de todas as formas possíveis, como jornal, TV local, nos eventos da administração pública, projetos e outros”* (N. A.).

Categorias empíricas

Lucro

A categoria empírica *lucro* surge por representar a relação entre o valor de uma mercadoria, os meios de produção e o valor do trabalho empregado. Assim, segundo Marx (2006b), a origem do lucro não se apresenta, na sociedade vigente, através de uma expropriação direta, como a apropriação da pessoa como trabalhador escravo, ou a cobrança de uma renda feudal, mas na medida em que o próprio salário, considerado justo pelos donos do capital, possui seu valor estabelecido de forma a remunerar os trabalhadores com um valor menor do que o valor total das mercadorias por eles produzidas durante sua jornada de trabalho, “há uma pressão em busca da produção acelerada de lucro” (N. A.).

Assim, a taxa de lucro difere da taxa de mais-valia na medida em que determina a relação entre a mais-valia e a totalidade do capital desembolsado, expressa em percentagem. A taxa de lucro caracteriza a eficiência da utilização do capital, ou seja, a rentabilidade da empresa. A sua amplitude depende essencialmente da mais-valia e da composição orgânica do capital. No entanto, com o crescimento da sociedade do consumo cresce, também, a participação do capital, de forma constante, na composição organizada desse capital, o que provoca uma tendência para a diminuição da taxa de lucro. Para responder e contrariar essa tendência, o capitalismo utiliza várias medidas como, por exemplo, o aumento da exploração dos trabalhadores(as), a diminuição dos salários reais, o agravamento da exploração dos países dependentes, bem como do ambiente: “O capitalismo visa o lucro sempre. O artesão não, pode levar um ano ou mais para vender a peça” (N. A.).

Pergunta de pesquisa

A entrevista com o artesão N. A. soube contemplar questões sobre cultura e educação capazes de gerar novas visões de mundo, visões mais sensíveis, enquanto permite ao sujeito ser e agir de uma forma mais lúdica e para além de uma lógica de mercado. Nele, é possível perceber o trabalho criativo desempenhado pelo artesão em prol de uma melhor qualidade de vida e nas relações socioambientais. Assim, através da atividade criadora e na constante busca por sua liberdade e autonomia, o artesão engaja-se por resgatar formas lúdicas da cultura local a partir da construção de brinquedos de madeira pouco valorizados pela atual sociedade do consumo com o objetivo de promover uma vida plena de significados. Contudo, em relação à questão econômica, N. A. diz não ser ainda possível viver apenas dos seus trabalhos artesanais; no entanto, ele afirma que não pretende trabalhar de forma alienada, exploradora, e muitas vezes precária, dando como exemplo o trabalho no comércio, mas sim persistir na luta por uma melhor valorização do artesanato e seus significados.

Artesã M. D.

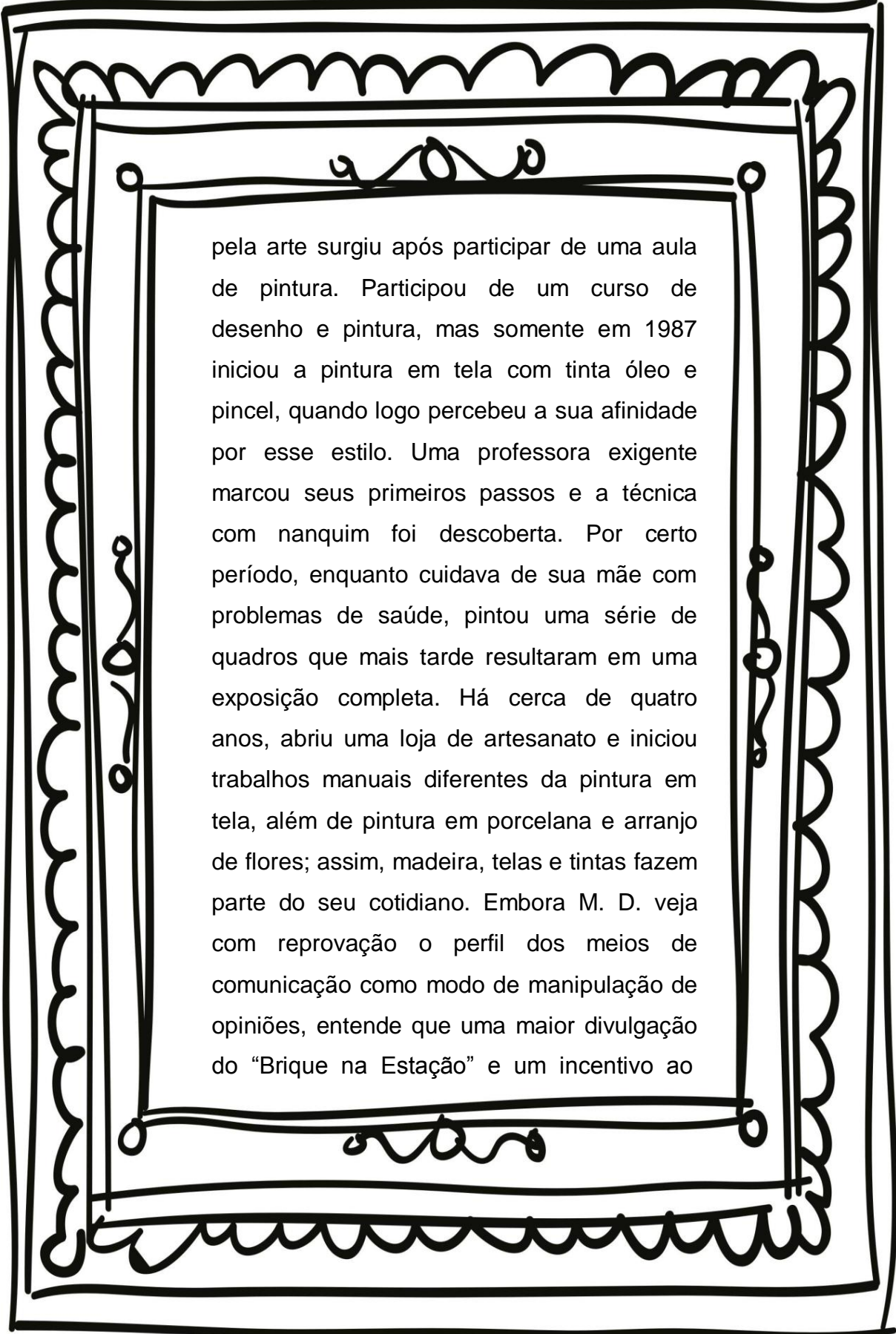
Figura 10 – Artesã M. D, à direita e ao lado da artesã R. R., expondo seu trabalho no “Brique na Estação”, na Estação da Cultura de Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

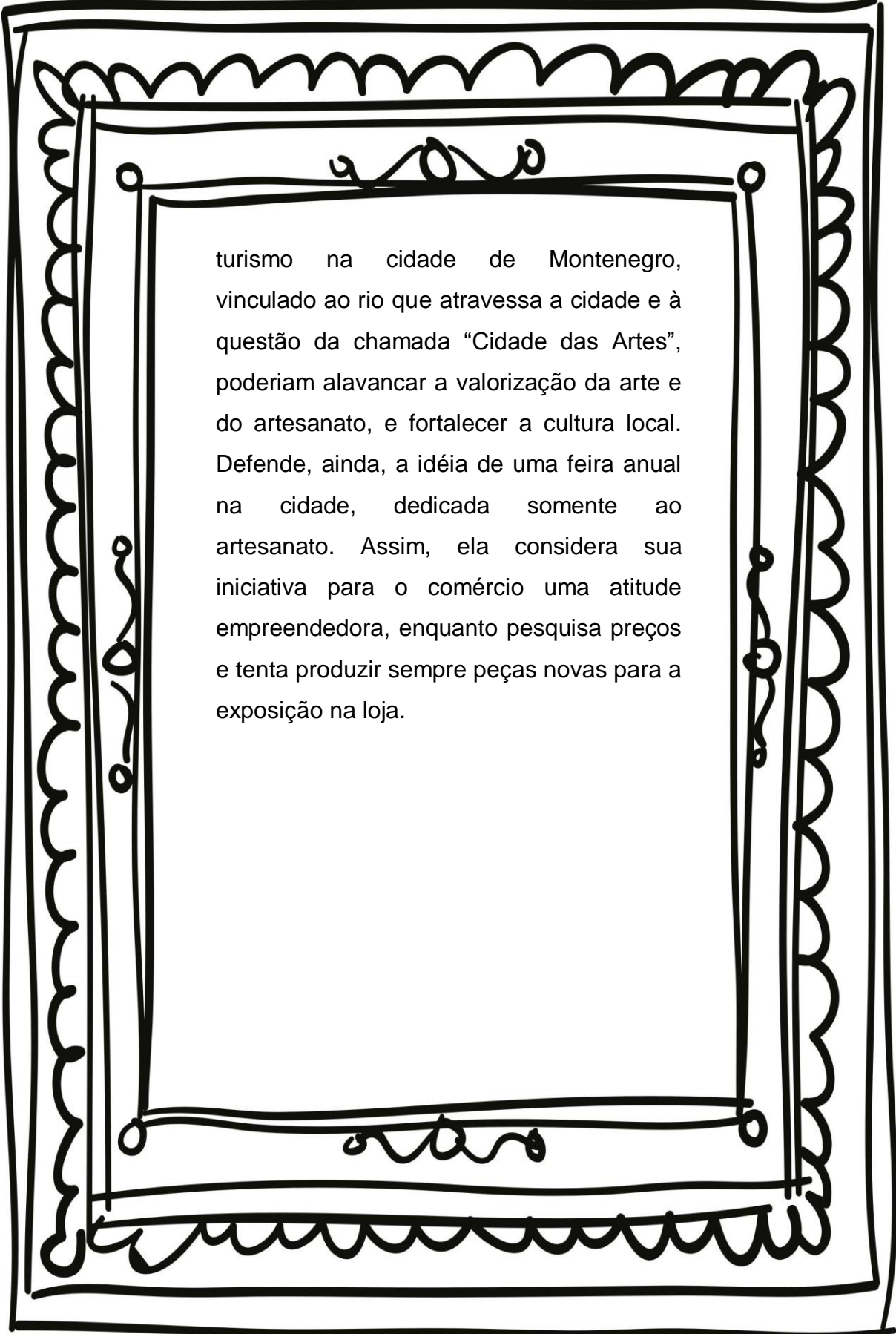
“Se você não tentar, nunca saberá se é capaz.” Artesã M. D.

História de Vida

M.D. está com 73 anos e aposentada do setor de telefonia, numa época em que todas as poucas ligações eram efetuadas de forma manual pelas controladoras de fluxo e através de cabos. Com escolaridade até o Ensino Médio completo, essa artista plástica considerou satisfatório o período em que trabalhou como telefonista, vendo como contribuição social a sua dedicação ao atender as emergências de forma mais rápida e eficiente possível e o fato de ter mantido o sigilo que a ética exigia. Chegou a trabalhar na produção de calçados e de auxiliar de cozinha, mas por pouco tempo. Hoje, se dedica exclusivamente à arte e ao artesanato, bem como na administração de uma loja de artes “Bell’Arts: Artes e Artesanatos”, na qual faz sociedade com mais duas artistas plásticas e, também, artesãs. Seu interesse



pela arte surgiu após participar de uma aula de pintura. Participou de um curso de desenho e pintura, mas somente em 1987 iniciou a pintura em tela com tinta óleo e pincel, quando logo percebeu a sua afinidade por esse estilo. Uma professora exigente marcou seus primeiros passos e a técnica com nanquim foi descoberta. Por certo período, enquanto cuidava de sua mãe com problemas de saúde, pintou uma série de quadros que mais tarde resultaram em uma exposição completa. Há cerca de quatro anos, abriu uma loja de artesanato e iniciou trabalhos manuais diferentes da pintura em tela, além de pintura em porcelana e arranjo de flores; assim, madeira, telas e tintas fazem parte do seu cotidiano. Embora M. D. veja com reprovação o perfil dos meios de comunicação como modo de manipulação de opiniões, entende que uma maior divulgação do “Brique na Estação” e um incentivo ao



turismo na cidade de Montenegro, vinculado ao rio que atravessa a cidade e à questão da chamada “Cidade das Artes”, poderiam alavancar a valorização da arte e do artesanato, e fortalecer a cultura local. Defende, ainda, a idéia de uma feira anual na cidade, dedicada somente ao artesanato. Assim, ela considera sua iniciativa para o comércio uma atitude empreendedora, enquanto pesquisa preços e tenta produzir sempre peças novas para a exposição na loja.

Análise categorial da entrevista com a artesã M. D.

Categorias analíticas

Trabalho alienado

A categoria analítica *trabalho alienado* não se apresenta de forma explícita na entrevista com M. D., mas pela busca por melhores condições e relações de trabalho através, principalmente, do diálogo que, segundo Freire (2005),

Quando tentamos um adentramento no diálogo como fenômeno humano, se nos revela algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a *palavra*. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também, seus elementos constitutivos. Esta busca nos leva a surpreender, nela, duas dimensões: ação e reflexão, de tal forma solidárias, em uma interação tão radical que, sacrificada, ainda que em parte, uma delas, se resente, imediatamente, a outra. Não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí que dizer que a palavra verdadeira seja transformar o mundo (p.89).

Assim, segundo a artesã, “o diálogo sempre ajuda na busca de entendimento e do bom relacionamento” (M. D.), ou seja, “maior valorização do trabalhador, mais diálogo entre patrão e funcionário, e melhores salários” (M. D.). Também “o ambiente de trabalho deve ser o mais prazeroso possível; entre os colegas de trabalho precisa se desenvolver coleguismo e amizade; dessa forma alguns trabalhos mais difíceis, chatos, tornam-se suportáveis, com momentos de satisfação” (M. D.).

Sobre o custo/benefício em relação ao seu trabalho como telefonista, ela considera ter sido muito boa, e que: *“valeu a pena meus esforços. Turnos de 6 horas e nas horas extras eu ganhava um valor bem maior. Realizava plantões noturnos”* (M. D.). Assim, ela acredita ainda que *“todo mundo precisa trabalhar. Na minha época eu não tive escolha. Muitas pessoas, às vezes, não têm escolha, precisa trabalhar, mesmo que seja em um serviço que não goste muito”* (M. D.), ou seja, segundo Marx (2006b),

Afirmar que o operário tem interesse no rápido crescimento do capital significa apenas afirmar que quanto mais depressa o operário aumentar a riqueza alheia, tanto mais gordas serão as migalhas que sobram para ele; quanto mais operários possam ser empregados e se reproduzir, tanto mais se multiplica a massa dos escravos dependentes do capital (p. 58).

Contudo, ressalto que, mesmo a situação sendo mais favorável para o trabalhador, “não suprime a oposição entre seus interesses e os interesse dos burgueses, os interesses do capitalista. Lucro e salário permanecem, tal como antes, na razão inversa um do outro” (MARX, 2006b, p. 58).

Atividade criadora

A categoria analítica *atividade criadora* apresenta-se, nessa entrevista, através da ressignificação vivida e construída pela artesã M. D., na busca por uma vida mais cheia de arte, quando, por volta dos 50 anos, depois de trabalhar como telefonista por mais ou menos 25 anos, experimentou o contato com a arte e percebeu que isso era o que ela queria para sua vida. Ela lembra que alguns mestres repassaram seus saberes a ela através de cursos de pintura e desenho e, em suas palavras, destaca, ainda, que: *“tive professores muito bons que são grandes artistas e isso foi a alavanca para desenvolver minhas habilidades e aptidões”* (M. D.). Assim, o professor pode ser compreendido como um mediador na

construção de conhecimentos do aluno, sempre a partir do respeito à sua realidade (FREIRE, 1996). Também, segundo Freire (1996), é necessário *“saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”* (p. 52).

De outra forma, e como característica de sua atividade criadora, a artesã ressalta que *“a arte promove a liberdade de expressão e as exposições são boas formas de divulgação”* (resposta da entrevistada), ou seja, segundo Ostrower (2013),

O sentido fundamental da arte é ampliar o viver e torná-lo mais intenso, nunca diminuir ou esvaziá-lo. Por isso, as obras de arte nos enriquecem: *elas nos permitem reestruturar a experiência em níveis de consciência sempre mais elevados*, tornando-se nossa compreensão mais abrangente de novas complexidades e intensificando-se, assim, o sentimento de vida (p. 50).

Assim, ela não imagina sua vida sem o artesanato, pois segundo ela *“seria uma vida vazia, sem graça, sem objetivos. Eu não existiria sem a arte”* (M. D.). Ela destaca em sua fala, ainda, que: *“a aposentadoria me ajuda quanto ao apoio financeiro, mas o que me agrada é a satisfação do cliente, os elogios sobre as obras”* (M. D.).

Contudo, ela considera o artesanato *“um trabalho artesanal feito pelas mãos e com contribuição das tuas ideias, com certa liberdade na criação”* (M. D.), e recomenda muito aos outros a prática do artesanato, pois ela ressalta que, *“às vezes, a pessoa não sabe que tem o dom. Foi assim comigo. Após iniciar, você pode descobrir algo incrível que pode completar a sua vida. Todos deveriam ao menos experimentar”* (M. D.). Neste sentido, resalto que:

Nessa busca incessante de si mesmo, o indivíduo como que tateia no escuro. Ensaia e experimentando com diversos materiais e técnicas, segue determinados caminhos – sempre à procura de formas de identificação. Talvez as encontre, e talvez não. Mas é nesse contexto de busca interior, que devemos entender a importância dos acasos significativos e de mensagens de “inspiração” que contêm. Constituem momentos, em que as circunstâncias se interligam de modo surpreendentemente significativo, de maneira irrepetível e tão específica como se fosse uma chave que de súbito abrisse determinada fechadura. A pessoa os vivencia como momentos de maior clareza e poder de decisão – quer seja no campo da arte, ao escolher, digamos, certas cores ou linhas e nelas vislumbrar novas possibilidades de formas expressiva, quer seja no dia a dia, ao dar determinado passo, tomar determinada atitude, estabelecer um procedimento na linha da vida – portanto, sempre realizando algo de concreto em que a pessoa sente que cresceu, em conhecimentos e em sua individualidade (OSTROWER, 2013, p. 28-29).

Contudo, em relação ao valor e à sensibilidade cultural do trabalho artesanal, ela entende que *“a pessoa evolui cada vez mais com o artesanato, como algo diferente, único”* (M. D.). Da mesma forma, como exemplo de liberdade de criação, ela diz que: *“a gente observa o gosto dos clientes e, assim, uso minha liberdade criativa para criar trabalhos diferentes que estejam de acordo com a aceitação do público. Sinto-me livre para criar, sem fronteiras”* (M. D.).

Repercussões socioambientais

A categoria analítica *repercussões socioambientais* aparece a partir de uma importante transformação da realidade da própria artesã, e serve como exemplo concreto para outros sujeitos, pois depois de tantos anos trabalhando como telefonista e sem contato com a arte, ela, então, tem sua primeira experiência com a arte e descobre aquilo que ela sempre desejou fazer, sem antes saber disso, ou seja, ela desvela um outro mundo possível, um mundo que pode ser considerado mais sensível. Segundo Duarte Jr. (2010), o sensível caracteriza-se a partir do *“respeito à sabedoria detida pelo corpo humano e manifesta em situações as mais variadas”* (p. 127). Sendo assim, é possível afirmar que:

Emprestar sentido – ao mundo – depende, sobretudo, de estar atento ao sentido – àquilo que nosso corpo captou e interpretou no seu modo carnal. O sentir – vale dizer, o sentimento – manifesta-se, pois, como o solo de onde brotam as diversas ramificações da existência humana, existência que quer dizer, primordialmente, *“ser com significação”* (DUARTE JR., 2010, p. 130).

A partir disso, a artesã afirma, inicialmente, em relação ao artesanato e à própria arte que desenvolve, que: *“além de representar uma ocupação prazerosa, desenvolvi muitas relações com outras pessoas, tanto clientes como colegas e outros artistas”* (M. D.), pois *“sempre ocorreu troca de conhecimento e ideias. Sou*

tímida e isso me estimulou a desenvolver diálogos e amizades” (M. D.). Assim, ela complementa que: “embora eu seja tímida, fiz exposições para divulgação dos meus trabalhos. A ansiedade foi muito forte, mas superei e hoje só tenho boas lembranças” (M. D.).

Dessa forma, ela ressalta, ainda, que: *“minha saúde anda fragilizada, meus familiares pedem para que eu fique em casa, mas eu prefiro fazer minha arte e seguir com meu trabalho, mas a aposentadoria é o meu grande auxílio financeiro” (M. D.).* Contudo, a artesã afirma que trabalha exclusivamente com artesanato e pinturas (M. D.). Pois, segundo ela: *“eu me distraio, evito pensamentos ruins. Além dos cuidados com minha casa, é minha principal ocupação. Sinto prazer em realizar minhas obras” (M. D.).*

No entanto, em relação a repassar esse saber para os outros, ela considera uma difícil tarefa, ou seja, ela diz que: *“esse é meu problema, eu explico, mas nunca dei aula em curso. Apenas divido algumas dicas com outras pessoas. Gostaria de ensinar mais. Já ensinei os primeiros passos para um colega e hoje ele faz obras incríveis. Eu não tenho coragem de colocar meu pincel no quadro de outra pessoa” (M. D.).*

Contudo, ela complementa, ainda, que: *“as pessoas gostam, admiram, valorizam, mas não é impossível o sustento com o artesanato, principalmente em Montenegro. O poder aquisitivo das pessoas está fraco, não gastam com coisas que não sejam prioridades” (M. D.).* Assim, ela acredita que é importante *“investir no turismo de Montenegro, divulgação, projetos com a prefeitura. Acredito que um evento anual dedicado às artes poderia ser um trabalho positivo. Um turismo especialmente ligado ao rio poderia ser desenvolvido” (M. D.).*

Categorias empíricas

Arte

A categoria analítica *arte* surge por representar a capacidade do sujeito de transformar individual e coletivamente sua realidade, principalmente através da arte. Assim, complemento através de Hamilton Faria, a partir de um artigo publicado no jornal *Le Monde Diplomatique Brasil*, que:

Para a artista plástica Fayga Ostrower, participante e fundadora da Rede Mundial de Artistas: “Todas as formas de arte incorporam conteúdos existenciais. Estes se referem à experiência do viver, a visões de mundo, a estados de ser, desejos, aspirações e sentimentos, e aos valores espirituais da vida. Enfim, são conteúdos gerais da própria consciência humana. Atravessando séculos, sociedades e culturas, tais conteúdos continuam válidos e atuais para cada um de nós. Por isso, a arte tem esse estranho poder de nos comover tão profundamente. Ela fala a nós, sobre nós, sobre o nosso mais íntimo ser” (p. 36).

Segundo Mézáros, a arte “não é uma das especialidades entre as muitas, preservadas para os poucos afortunados, e sim uma dimensão essencial da vida humana em geral” (2006, p. 191). Dessa forma, “a arte e seus processos criativos têm contribuído sobremaneira para uma cultura de paz e direitos” (FARIA, 2010, p. 37). Assim, “as artes são formas universais de expressão e comunicação humana que promovem a diversidade e a identidade espiritual da sociedade” (FARIA, 2010, p. 37).

Contudo, “a criação artística, em circunstâncias adequadas, é considerada por Marx como uma atividade livre, como uma realização adequada do ser humano em toda a sua riqueza (MÉSZÁROS, 2006, p. 191). Assim, as artes “são inseparáveis do ato de viver e contribuem para a formação de comunidades

empáticas e sensíveis, unindo as pessoas pelo afeto e pela solidariedade, abrindo caminhos para a reinvenção do mundo“ (FARIA, 2010, p. 37). Portanto, para Marx, “a humanidade sem arte e ciência seria uma humanidade enormemente empobrecida, se pudesse ser concebida em termos históricos concretos” (MÉSZÁROS, 2006, p. 191).

Transformações socioambientais

A categoria empírica *transformações socioambientais* refere-se às transformações sociais e ambientais pertinentes a uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória. Segundo Loureiro (2004), “o que importa é transformar pela atividade consciente, pela relação teoria-prática, modificando a materialidade e revolucionando a subjetividade das pessoas (p. 118). Ressalto, assim, que:

A transformação da história humana se dá pelos próprios humanos, mas não seres abstratos e sim concretos, definidos pelas relações estabelecidas entre as esferas da vida social (política, cultural, filosófica etc.) entre si e destas com a condição econômica, em um movimento de constituição mútua (LOUREIRO, 2004, p. 115).

São transformações capazes de emancipar, voltadas para uma melhor qualidade de vida para todos os sujeitos envolvidos no processo, e sempre através da problematização da realidade a ser transformada.

Assim, em relação às mudanças que ela enxerga no espaço da Estação da Cultura a partir das exposição dos trabalhos artesanais, ela diz que: *“hoje noto maior movimento de pessoas na Estação da Cultura. O público aprecia o passeio e respeita o local. Antes estava abandonado, sem vida” (M. D.)*.

Com isso, na procura por despertar nos indivíduos a sensibilidade para a cultura e a arte, o artesanato transformou um espaço, que antes era usado para desumanizar, em um espaço aberto para a criação e emancipação dos indivíduos artesãos. Assim, na busca por transformações socioambientais, a artesã nos diz que: *“existem várias pessoas que se dedicam ao artesanato, mas acredito que mais pessoas poderiam participar, ajudando na reciclagem de materiais e estimulando ideias diferentes, trabalhos diferentes”* (M. D.).

Contudo, em relação à escolha da Estação da Cultura de Montenegro para expor suas obras, ela diz que: *“acho o lugar maravilhoso; lá respiramos a cultura, por ser um local de representatividade histórica em meio à natureza”* (M. D.). Assim, *“gosto muito, o público é atencioso, pessoas que admiram o nosso trabalho, mesmo com vendas escassas. Pretendo seguir por muitos anos lá. O artesanato veio abrilhantar o prédio”* (M. D.). Dessa forma, ela considera algumas questões importantes em relação à transformação desse local de exposição como, por exemplo: *“reformar o prédio, aumentar a frequência das exposições para todos os domingos, colocar faixas, cartazes, aumentar a divulgação. Propaganda em rádio é caro, mas pode funcionar”* (M. D.). Por esse viés, e como transformações futuras, ela destaca que: *“fazer mais obras, ensinar, crescer”* (M. D.).

Pergunta de pesquisa

A entrevista com a artesã M. D. apresenta-nos uma forma criativa de ressignificação da realidade a partir, principalmente, da arte e de suas características transformadoras na medida em que a artesã, depois de quase 25 anos de trabalho como telefonista, tentou seu primeiro contato com a arte e sentiu que isso era o que ela sempre desejou fazer. Assim, iniciou a pintar e não parou mais, ocasionando transformações individuais, por representar uma grande mudança no modo de enxergar o mundo, através de um trabalho mais autônomo e

com mais sentido, e transformações coletivas, através de todo processo educativo e cultural promovido por meio das exposições das obras de arte, além de sua atividade na loja “Bell’Arts: Artes e Artesanatos”, onde consegue, ainda, promover, junto com suas duas amigas e colegas de trabalho, a valorização da arte e do artesanato enquanto atividades livres e cheias de significado. Contudo, ressalto, então, que a Educação Ambiental não formal pode apresentar-se através de formas e espaços diferentes ao contemplar características transformadoras e emancipatórias no seu processo de trabalho.

Concluindo o processo empírico

A partir das entrevistas com os artesãos do “Brique na Estação” analisadas, é possível fazer um inventário geral, de forma resumida, das análises categoriais construídas neste capítulo. Assim, através da análise de conteúdo das entrevistas com a artesã M. E., a artesã M. F., a artesã R. R., o artesão N. A. e a artesã M. D., construí uma abordagem qualitativa e não neutra nesta pesquisa, com o objetivo de melhor compreender a realidade a partir de sua problematização e aproximar a conclusão das análises da pergunta de pesquisa, pois segundo Moraes (1999), a análise de conteúdo é uma interpretação pessoal do pesquisador, portanto, não pode existir uma leitura neutra e, sim, uma leitura constituída de uma interpretação.

Por este viés, a questão desta pesquisa pôde ser contemplada de diferentes formas através das entrevistas e de suas análises. As categorias analíticas *trabalho alienado*, *atividade criadora* e *repercussões socioambientais* foram analisadas a partir das entrevistas com os artesãos, na tentativa de responder às inquietações do processo de investigação. Assim, a categoria analítica *trabalho alienado* aparece: de forma explícita na entrevista com o artesão N. A. e com a artesã M. F. enquanto de modo menos explícito, mas impregnado de um objetivo explícito e específico, como a questão da desvalorização de tudo aquilo que não é quantificado como, por exemplo, o artesanato, na entrevista com a artesã M. F., e, pode-se dizer que aparece, ainda, de forma implícita, nas entrevistas com a artesã M. E. e com a artesã R. R. A categoria analítica *atividade criadora* aparece de forma explícita, através do artesanato, de diferentes formas, mas no mesmo contexto, em todas as entrevistas analisadas. Assim, considerei importante encontrar em todas as entrevistas a categoria analítica *repercussões socioambientais*, pois seu desvelar evidencia a própria criticidade e problematização da realidade. Assim, são muitas as repercussões sociais e ambientais que podem ser destacadas em cada uma das entrevistas; entretanto, salientei apenas as que considerei pertinentes para a pesquisa. Ressalto ainda que as categorias consideradas empíricas serviram para

complementar e melhor compreender criticamente o contexto das entrevistas e da realidade dos artesãos como um todo.

Contudo, as categorias empíricas, criadas durante o processo de análise das entrevistas, remetem à possibilidade de um melhor entendimento da realidade e suas relações socioambientais. São elas: *liberdade*; *egoísmo*; *desvalorização do artesanato*; *arte terapia*; *autonomia do trabalhador*; *educação e cultura sustentáveis*; *lucro*; *arte*; *transformações socioambientais*. Assim, as categorias empíricas *arte terapia* e *arte* podem ser satisfatoriamente relacionadas à categoria analítica *atividade criadora*, enquanto valorizam a arte e o imaginário como forma de transformação individual, social e ambiental. Já as categorias *liberdade*, *autonomia do trabalhador*, *educação e cultura sustentáveis* e *transformações socioambientais* podem ser construtivamente pensadas como *repercussões socioambientais*, ou seja, foram criadas para ressaltar as características de uma nova forma de ser e estar no mundo, inclusive a categoria empírica *transformações socioambientais*, pois pode significar o próprio exercício de repercutir novas ideias de uma sociedade. Relacionei a categoria empírica *desvalorização do artesanato* com a categoria analítica *trabalho alienado*, enquanto a alienação é capaz de inundar os valores de uma sociedade. Enfim, a categoria empírica *lucro* pode ser relacionada tanto à categoria analítica *trabalho alienado* quanto à categoria *repercussões socioambientais*, pois nos faz refletir sobre questões históricas da sociedade e do ambiente como consequências, ou repercussões, concretas, de longo prazo, como forma de manter esse poder destrutivo social e ambientalmente vivido e construído.

O “diagnóstico para a solução de problemas” e suas repercussões socioambientais

É possível pensar o processo de “diagnóstico para a solução de problemas” como um meio capaz de promover a problematização da realidade enquanto busca a transformação a partir das próprias relações sociais e ambientais. Assim, acredito ter sido satisfatória minha práxis através desta abordagem junto aos artesãos do “Brique na Estação”, pois trouxe à tona algumas das muitas reivindicações importantes para eles e para a valorização do artesanato. Como exemplos de problemas a serem superados através de uma perspectiva transformadora, trazidos pelos próprios artesãos do Brique, posso ressaltar a pouca divulgação do “Brique na Estação” em mídias locais, o apoio quase que inexistente do governo municipal, a falta de manutenção no prédio da Estação da Cultura de Montenegro/RS, e a ausência de participações do grupo em festas da comunidade, principalmente, no que se refere à arte e à cultura da cidade.

Ao me inserir neste grupo de artesãos como artesã comprometida com a transformação da realidade a partir da atividade criadora, mais especificamente através do artesanato, pude perceber e compreender, durante minha caminhada junto a eles, os anseios e os problemas vividos por eles relacionados à valorização do seu trabalho. Assim, esforcei-me para promover no grupo um diálogo crítico e instigar a construção coletiva do conhecimento na busca por transformações da realidade. Assim, a partir do apoio ao método de “diagnóstico para a solução de problemas”, acredito que pude ajudar o grupo a orientar-se quanto à tentativa de superação dos seus problemas. Desta forma, foi a partir das 13 etapas descritas por Carvalho (1998) que busquei contribuir de forma significativa para com o grupo de artesãos do “Brique na Estação”.

Inicialmente, como 1ª etapa do processo de diagnóstico, foi feito o planejamento junto aos artesãos como forma de promoção e valorização do diálogo enquanto busca-se transformar a realidade. A partir desta minha iniciativa, foi acordado o encontro a cada, aproximadamente, um mês e meio dos artesãos,

membros e presidente da AASEPAHC, no mesmo prédio da Estação da Cultura da cidade. A cada reunião, o grupo tinha a possibilidade de dialogar e construir novas ideias, bem como buscar alternativas de superação dos problemas enfrentados.

Em um segundo momento, como 2ª etapa do processo, a partir das reuniões, foi possível perceber a capacidade de compreensão dos artesãos sobre os problemas e possíveis soluções. Os artesãos, incentivados pela presidente da AASEPAHC, também artesã do Brique, a participar ativamente através da expressão de suas ideias, seus sentimentos, anseios, etc. Assim, foi possível melhor conhecer os artesãos e suas visões da realidade.

Na 3ª etapa, tentei promover uma melhor conscientização sobre a realidade através da problematização de vários assuntos relacionados ao Brique e à Estação da Cultura de Montenegro, bem como a relação destes com o resto do município. Através das discussões, acredito ter sido satisfatória a construção coletiva do conhecimento e, conseqüentemente, uma conscientização dos artesãos. Nesta etapa, cada artesão recebeu um bloco de anotações com o objetivo de refletir sobre os problemas encontrados em outros momentos, para além das reuniões e dos dias de exposição no Brique.

A partir da 4ª etapa foi possível a apresentação dos problemas encontrados, já que os participantes foram encorajados pela presidente e por mim a refletirem sobre problemáticas a serem superadas no âmbito do Brique, bem como suas relações interligadas. Nesta etapa, os participantes não demonstraram interesse em relação ao bloco de anotações, anteriormente construído especialmente para eles como forma de facilitar e incentivar sua reflexão através, também, das escritas durante todo processo e, portanto, praticamente não usaram os blocos. No entanto, conseguiram trazer uma série de problemas encontrados para a discussão no grande grupo.

Como 5ª etapa do processo, foi necessário delimitar alguns critérios de seleção da problemática a ser superada. Assim, através do diálogo, foi revelando-se aos artesãos as principais problemáticas a serem resolvidas.

Na 6ª etapa do processo, ao chegarmos a um denominador comum, a partir do reconhecimento da importância da problemática, foi possível melhor entendê-la.

Assim, a problemática a ser superada assume suas particularidades, e apresenta-se através da vontade dos artesãos em participar de feiras, eventos e dias comemorativos da cidade, enquanto nunca conseguiram participar.

Assim, os artesãos, principalmente a artesã e presidente da AASEPAHC, frente à situação problema, nesta 7ª etapa do processo, buscaram informações, entrevistas e caminhos satisfatórios para melhor entender o contexto da problemática e, então, receberam seu primeiro convite para participar da festa de aniversário da cidade, no início de maio de 2013, no Parque Centenário, em Montenegro/RS, bem como do desfile organizado como fechamento da festa.

Na 8ª e 9ª etapas do processo, foi possível perceber o engajamento dos artesãos em pensar criticamente sobre sua apresentação na festa de aniversário da cidade.

Na 10ª etapa, os artesãos puderam analisar as possíveis soluções para a problemática da inserção do “Brique na Estação” nos eventos socioculturais da cidade, principalmente, no que se refere à organização do grupo para esse evento.

Na 11ª etapa do processo, através da organização do grupo, as soluções para a realização do seu objetivo foram sendo construídas por todos em busca de uma satisfatória exposição do grupo num evento importante da cidade.

Na 12ª etapa, foi possível elaborar um plano de ação, através da divisão de tarefas, ou seja, cada um, ou dois, ficou responsável por uma parte da organização para realizar sua exposição nesse evento da cidade como, por exemplo, a parte da divulgação, a montagem do estande de exposição, a decoração, o transporte dos trabalhos artesanais, etc. e, assim, conseguiram implementar suas ideias através de um diálogo coletivo, onde todos os artesãos presentes participaram do início ao fim deste objetivo, resultando, assim, em uma linda exposição conjunta dos artesãos, na festa de aniversário da cidade de Montenegro, no Parque Centenário da cidade.

A 13ª etapa do processo de diagnóstico refere-se à avaliação dos resultados obtidos; no entanto, não foi possível a avaliação de todo o processo, pois os artesãos, até o final de 2013, devido a alguns fatores de ordem particular da presidente da AASEPAHC, não puderam se reunir e avaliar suas performances.

Contudo, considero satisfatória para a questão de pesquisa minha atuação a partir do processo de “diagnóstico para solução de problemas” enquanto um meio na busca por transformações socioambientais da realidade dos artesãos do “Brique na Estação”. Assim, algumas ilustrações foram adicionadas a esta parte do trabalho como forma de valorização do resultado, que considerei satisfatório, do processo de “diagnóstico para a solução de problemas”:



Figura 11 – A pesquisadora, junto aos artesãos do “Brique na Estação”, participando do desfile em comemoração ao Aniversário da cidade, em Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo da pesquisadora



Figura 12 – Artesãos na Festa de Aniversário da cidade de Montenegro, no Parque Centenário de Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo da pesquisadora



Figura 13 – Artesãos na Festa dos Comerciantes da cidade de Montenegro, no Parque Centenário em Montenegro/RS.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que pensar uma Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória implica pensar uma resignificação das relações sociais e com o ambiente a partir, principalmente, da atividade criadora dos sujeitos comprometidos com a transformação da realidade problematizada. A atividade criadora atrelada à Educação Ambiental traz para o sujeito a possibilidade de construção de novas formas de ser e agir no mundo, formas mais sensíveis e para além de uma lógica do capital.

Anterior ao começo do sistema vigente, o processo de trabalho era diferente do processo que hoje conhecemos. Os sujeitos eram dependentes um dos outros, e essa relação de dependência caracterizava as relações sociais de produção e outras esferas da vida pessoal dos trabalhadores. As relações de trabalho apresentavam-se através de suas peculiaridades e não através de sua generalidade como acontece na produção pós-capitalista. As relações sociais através do trabalho desvelavam-se como as próprias relações pessoais, e não como as relações entre coisas ou mercadorias.

Assim, é possível refletir sobre o processo de trabalho através da atividade criadora dos artesãos do “Brique na Estação” na medida em que suas criações estão impregnadas de significados e detalhadamente impregnadas da relação entre suas subjetividades e de suas relações com o outro e o ambiente através de uma realidade constantemente problematizada, pois nada faria menos sentido, para um artesão, do que reproduzir uma mesma realidade.

Meu caminho para a construção deste trabalho apresentou-se através da esperança por uma melhor valorização da atividade criadora dos sujeitos artesãos

do “Brique na Estação” como meio de superação de formas alienadas de trabalho. Neste processo participativo, me incluo, assim, com o sentimento de esperança enquanto nossas exposições artísticas adquirem sempre novos e plenos significados para nossas vidas e para nossas visões de mundo.

O artesão(a) dos nossos dias pode ser representado através, metaforicamente, de um “apanhador(a) de sonhos”, enquanto seu trabalho criativo apresenta-se, muitas vezes, através das ideias e no diálogo com o outro e o ambiente. Através, muitas vezes, do imaginário, ou sonho, de cada sujeito que prestigia o trabalho artesanal, as criações de artesão estabelecem uma conexão entre ele(a), o outro e o ambiente na medida em que no processo de produção é relacionada, além da própria subjetividade, a subjetividade do outro e a comunhão com o ambiente. A criação do novo pode representar, assim, a criação de um sonho imaginado pelo artesão e através de suas relações socioambientais na busca pela singularidade do produto artesanal e artístico, e por transformações da realidade para além de uma lógica do capital e, principalmente, consumista. Assim, penso que essa metaforização do ambiente reflete de forma satisfatória os artesãos como atores sociais, pois estabelece um diálogo entre o imaginário e a realidade concreta na busca por transformações conscientes das relações socioambientais construídas.

A contribuição de atividades transformadoras como as dos artesãos do “Brique na Estação” nos traz a possibilidade de pensar o comprometimento político com a realidade a partir da atividade criadora dos sujeitos. Através das entrevistas com os artesãos, foi possível perceber a abundância de significados que um trabalho criativo pode nos oferecer, pois ao revelar-se, ele pode ser compreendido de diferentes e infinitos modos, mas sempre a partir do olhar de cada pessoa, seja ela um(a) pesquisador(a) ou um(a) apreciador(a) do trabalho artístico artesanal.

As tensões que encontrei nas entrevistas satisfazem a pesquisa enquanto possibilidade de Educação Ambiental não formal na medida em que contribuem com a criticidade e a problematização da realidade. O desvelamento da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado apresenta-se de forma explícita ou implicitamente em todas as entrevistas analisadas, seja com mais ênfase na questão criadora, em todas as entrevistas, ou na questão da alienação, exposta explicitamente na entrevista com a artesão M. F. e com o artesão N. A.

Portanto, considero que esta tensão esteve sempre presente nas entrevistas, e possibilitou o desvelamento da realidade a partir de sua problematização, principalmente através dos diversos problemas vividos pelos protagonistas das entrevistas, seja na busca por maior divulgação de seu trabalho criativo (caso das entrevistas com todos os artesãos), seja na busca por transformações socioambientais (caso da entrevista com a artesão R. R. e com a artesã M. D.).

A realidade que nos cerca mostra-nos a necessidade de uma transformação coletiva de suas relações, assim como uma mudança paradigmática. A superação dessa crise socioambiental implica em um processo de desconstrução e reconstrução do pensamento enquanto busca-se a problematização da realidade através de suas raízes, do diálogo e das relações sociais e ambientais. A crise ambiental revela a exaustão do modelo atual de sociedade na qual vivemos, e aponta para a necessidade de um novo modelo societal para além da lógica do capital, que traga a possibilidade de uma reconstrução social e cultural do mundo, ou seja, uma realidade transformada e amparada a partir dos princípios de uma Educação Ambiental.

Penso que a Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória traz em sua concepção a qualidade de desmitificar com o objetivo de transformar as relações sociais e com o ambiente, ou seja, promove um desvelamento da realidade para uma melhor compreensão e reconstrução dessas relações por um viés da emancipação. Assim, a partir de um comprometimento político, o artesanato como processo de trabalho criativo tensionado à atividade criadora e aos princípios da Educação Ambiental demanda um novo paradigma, para além de uma racionalidade científica e das concepções pós-capitalistas de relacionamentos entre os sujeitos e seu ambiente.

Busquei meios para que todo processo de escolha e categorização das entrevistas analisadas resultasse em uma análise conclusiva relacionada à questão norteadora desta pesquisa, ou seja, *o desvelamento da tensão entre atividade criadora e trabalho alienado, a partir da realidade dos sujeitos artesãos do “Brique na Estação”, comprometidos com a valorização do artesanato em prol de uma ressignificação das relações socioambientais, para além de uma lógica do capital, como forma de contribuição para uma Educação Ambiental não formal.*

Compreendo que esses sujeitos, comprometidos com sua atividade criadora, podem contribuir de forma satisfatória para a Educação Ambiental não formal, crítica, transformadora e emancipatória (LOUREIRO, 2004) na busca pela superação da alienação. Essa tentativa de superação pode ser uma real contribuição enquanto os processos de trabalho na sociedade do capital podem imprimir visibilidade às relações entre o trabalho alienado e a atividade criadora, assim como sobre outros problemas sociais e ambientais vividos pela sociedade do capital. Assim, é transformador pra nós que os artesãos ajudem a transformar a realidade ao invés de reproduzi-la.

Como procurei refletir, a atividade criadora tensionada em sua relação com o trabalho pode apresentar-se como uma imensa importância do processo de ressignificação da relação entre os sujeitos, seu trabalho e o meio ambiente. Ainda que esta pesquisa não tenha problematizado a relação Educação Ambiental e cultura, é possível considerar o artesanato como atividade criadora analisada nas entrevistas com os artesãos, em sua perspectiva ampla, coletiva, a de política cultural – na qual a arte apresenta-se como ponto de partida para a Educação Ambiental crítica, transformadora e emancipatória, neste caso, não formal.

Busquei, ainda, unir a categoria *trabalho* e sua relevância social, pela sua importância e centralidade na concepção marxista com a atividade criadora (OSTROWER, 2008) como possibilidade de uma educação mais sensível e estética (DUARTE JR., 2010; MEIRA, 2003). Talvez esse possa tornar-se um importante meio de uma atividade criadora: o de contribuir para a desobstrução da nossa sensibilidade, no sentido de percorrer um caminho contrário à anestesia de nossa sensibilidade, tão programada e robotizada pelos atuais processos de trabalho. Existe, no grupo, solidariedade, criação e cooperação, não só a partir de fatores econômicos e políticos, mas estéticos. Qualquer espaço é espaço para a educação da sensibilidade estética, para além do professor de artes.

Este trabalho, portanto, é marcado por muitas lembranças, vivências e aprendizagens através do comprometimento político do artesanato que, em um tempo passado, contribuiu para a constituição do que hoje me apresento. Conheci o contexto do trabalho artesanal através dos artesãos da praia do Cassino, em Rio Grande/RS; entretanto, a experiência da pesquisa a partir da tese permitiu que eu

dialogasse admiradamente, mais uma vez, com esta realidade com o intuito de desvendar e compreender aspectos singulares deste universo. Recomendo, assim, aos leitores e leitoras deste trabalho, a intimidade com qualquer tipo de trabalho artesanal, pois estou certa que isto ajudará a inspirar esta nossa constante busca por transformações nas relações sociais e ambientais, relações estas que permeiam todos os momentos de nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eunice S. de; FLEITH, Denise de S. **Criatividade: múltiplas perspectivas**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

ANTUNES, Celso. **Glossário para educadores(as)**. Petrópolis: Vozes, 2001.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CARVALHO, Isabel C. de M. **Em direção ao mundo da vida: interdisciplinaridade e educação ambiental**. Brasília: IPÊ – Instituto de Pesquisas Ecológicas, 1998.

_____. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2012.

DALLARI, Dalmo de A. **O que é participação política**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DESLANDES, Suely F. **O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual**. In MINAYO (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2010.

DUARTE JR. João F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2010.

FARIA, Hamilton. **Caminhos para uma agenda sustentável**. Le Monde Diplomatique Brasil. São Paulo, v. 3, n. 35, pp. 36-37, Jun. 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GUIMARÃES, Mauro. **Educação Ambiental: no consenso um embate?** São Paulo: Papirus, 2000.

GUIMARÃES, Mauro. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, Carlos F. B.; LAYRARGUES, Philippe P.; CASTRO, Ronaldo S. (Orgs). **Pensamento complexo, dialética e educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 15-29.

HARDT Michael; NEGRI Antonio. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEFF, Enrique (coord.). **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2010.

LOPEZ VELASCO, Sírio. **Ética para o século XXI: rumo ao ecomunitarismo**. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

LOUREIRO, Carlos F. B. **Trajetória e Fundamentos da Educação Ambiental**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **Sustentabilidade e educação: um olhar da ecologia política**. São Paulo: Cortez, 2012.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudo sobre a dialética marxista**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível**. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2006a.

_____. **Trabalho assalariado e capital & salário, preço e lucro.** São Paulo: Expressão Popular, 2006b.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da Criação: reflexões sobre o sentido do sensível.** Porto Alegre: Mediação, 2003.

MÉSZÁROS, István. **A Teoria da Alienação em Marx.** São Paulo: Boitempo, 2006.

_____. **A Educação Para Além do Capital.** São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. **Para Além do Capital: rumo a uma teoria da transição.** São Paulo: Boitempo, 2009.

MINAYO, Maria C. de Souza. **O desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. de Souza (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis: Vozes, 2010.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo.** Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, p. 7-32, 1999.

MORIN, Edgar. **Sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Acasos e criação artística**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2009.

SÁ, Laís M. Pertencimento. In FERRARO JR, Luiz A. (org). **Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, pp. 247-256.

SANTOS, Boaventura de S. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo: Cortez, 2009a.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. São Paulo: Cortez, 2009b.

VYGOTSKY, Lev S. **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ANEXOS

PREVISÃO DO TEMPO

Chuva forte no final do dia

Hoje no Vale do Caí



fonte: SOMAR Meteorologia
www.tempoagora.com.br

FASES DA LUA



SATÉLITE

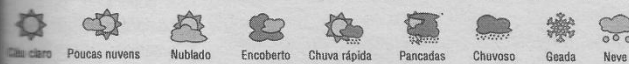


Última imagem de satélite GOES-10 de ontem

O sol aparece em parte desta segunda-feira e favorece mais um dia de calor na região. Porém, no final do dia, a aproximação de uma frente fria volta a provocar pancadas de chuva e há risco para temporais.

PRÓXIMOS DIAS

| | TERÇA | QUARTA | QUINTA |
|-----------------|------------|------------|------------|
| Montenegro | 22° 24° | 17° 26° | 14° 23° |
| Brochier | 22° 25° | 17° 26° | 14° 23° |
| Salvador do Sul | 22° 27° | 17° 28° | 14° 25° |



Brique da Estação inicia o ano com a participação de mais expositores

Diferente do ano passado, que contou com a presença de apenas um briqueiro, o primeiro Brique da Estação, que aconteceu ontem, teve a participação de mais de dez expositores, o que para eles é motivo de muita comemoração. "Nós estamos lutando para continuarmos com o Brique de janeiro a janeiro e nos orgulhamos dessa luta", afirma Rejane Rammé, artista plástica e vice-presidente da Associação de Amigos do Serviço de Patrimônio Histórico e Cultural (Aasepahc), que participa do projeto desde o início.

Apesar do pouco movimento, que toma conta da cidade nessa época, com o Brique, a Estação da Cultura ganha mais movimento e o público, mesmo que tímido, pôde conferir a variedade de produtos expostos. O Brique, que acontece duas vezes por mês, no primeiro e no terceiro domingo, já se prepara para a comemoração do seu aniversário que acontece no dia 17 março e promete muitas atrações.



Mais de dez bancas movimentaram a tarde na Estação da Cultura

Acidente em trilha no Morro Montenegro deixa um ferido

O Corpo de Bombeiros e o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) de Montenegro foram mobilizados, na tarde do último sábado, para socorrer uma pessoa que se feriu durante uma trilha no Morro Montenegro. Acompanhado de dois jovens, Daniel Porto Pereira, 31 anos, sofreu

As equipes de resgate enfrentaram obstáculos para prestar assistência devido ao difícil acesso. Acionados por moradores, os bombeiros foram os primeiros a chegar, mas de imediato acionaram o Samu em razão dos ferimentos de Daniel, que teve corte na cabeça e sentia fortes dores nas

costas e no braço direito. De acordo com o setor de Emergência da instituição, o paciente teve alta na manhã de domingo.

Conforme o comandante do Corpo de Bombeiros local, tenente Jorge Oscar da Silva Soares, o caso serve de alerta para a população em geral. Fazer trilhas nos morros

Dr. Verônica Costa
Advogada
Especialista em Direito Previdenciário

- Aposentadorias, Auxílio-doença e Pensão do INSS
- Revisão da aposentadoria e pensão
- Indeferimento de auxílio-doença
- Encaminhamento de benefícios junto ao INSS
- Cálculo para Aposentadoria

Rua Fernando Ferrari, 1206, salas 1 e 2 - Centro Montenegro/RS - Esquina com João Pessoa
Fone: 3632.9090 ou 9933.5737

FAÇA PARTE DA NOSSA EQUIPE!

PREVISÃO DO TEMPO

Tempo firme em Montenegro-RS

Hoje no Vale do Caí



fonte: SOMAR Meteorologia
www.tempoagora.com.br

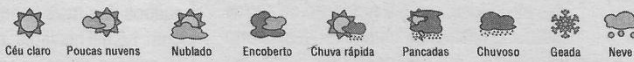
FASES DA LUA



Na maior parte do dia o sol aparece e faz a temperatura subir em Montenegro, e faz calor de tarde. Além disso, de tarde cresce a nebulosidade mas mesmo assim não tem previsão para chuva.

PRÓXIMOS DIAS

| | TERÇA | QUARTA | QUINTA |
|-----------------|------------|------------|------------|
| Montenegro | 16° 31° | 18° 34° | 19° 35° |
| Brochier | 16° 31° | 17° 34° | 18° 35° |
| Salvador do Sul | 14° 29° | 16° 31° | 17° 31° |



Segunda edição do ano do Brique da Estação mobilizou artesãos locais



Thais Pagel expôs pela primeira vez na área da Estação

Desde antes das 15 horas, horário previsto para começar o segundo Brique de Estação de 2013, os artesãos que participam da feira já estavam com suas barrquinhas prontas para receber os visitantes na tarde desse domingo. A atividade, que ocorre na Estação da Cultura, reuniu o talento do artesanato local e atraiu interesse do público. O artesão Nelvito do Amaral, 45 anos, morador do bairro Santo Antônio, trabalha com madeira, e está se aposentando como técnico em química. Porém, decidiu fazer do hobby uma forma de garantir uma renda extra. "Descobri este espaço há dois anos e

o considero uma excelente chance para o artesão". Amaral comercializou produtos que variam de R\$ 10 a R\$ 50 e aceitou encomendas. Adriana Karnal, artesã, 42 anos, moradora do bairro Olaria, produz peças em tricô, bordado e crochê, há mais de 20 anos. Os preços são bem em conta, variam de R\$ 1,00 a R\$ 15,00. A psicopedagoga Thais Pagel, 29 anos, estava na expectativa de realizar as primeiras vendas dos porta-retratos, porta anéis e porta pulseiras que cria em casa. Já a artista plástica Rejane Ramme, expunha telas em óleo sobre tela, acrílica, tecidos e MDF.



Artesã há 20 anos, Adriana Karnal é veterana no brique

Começa hoje curso de inseminação em bovinos no Cetam

Inicia nesta segunda-feira, dia 21, o curso de inseminação de bovinos. As aulas acontecem no Centro de Treinamento de Agricultores de Montenegro (Cetam) e têm o objetivo de capacitar pequenos produtores que tenham interesse nesta temática. O curso será ministrado pelos extensionistas da Emater/RS-Ascar, até o dia 25. Serão repassadas aos

assuntos.

De acordo com Jussara Zamboni, uma das responsáveis pela administração do Centro, a expectativa para este ano é de ultrapassar a marca dos 23 cursos ministrados em

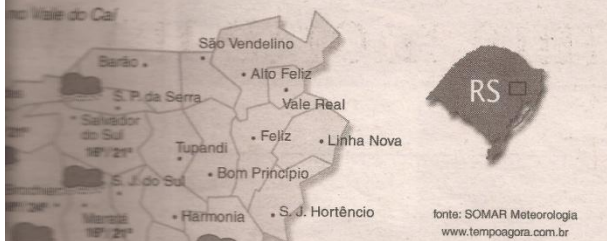
2012, quando mais de 330 agricultores familiares aprimoraram seus conhecimentos. "Só neste mês de janeiro serão ministrados cursos para 66 pessoas, entre técnicos e agricultores familiares", destaca.

REPORTAGEM E MATÉRIAS

Horário de expediente: Segunda a sexta-feira, das 8 horas às 18h30min, e sábados, das 8h30min às 12 horas. Se, por qualquer motivo, você não for bem atendido ou não tiver seu problema resolvido, ligue

EVISÃO DO TEMPO

urva e temperaturas em declínio no Vale



Fonte: SOMAR Meteorologia
www.tempoagora.com.br

FASES DA LUA



fronte fria que se afasta do Estado, há áreas de instabilidade que deixa a parte do dia encoberto e com chuva. A tarde começa com tempo abafado, porém, com a nebulosidade, as temperaturas máximas e as mínimas serão registradas de noite.

PRÓXIMOS DIAS

| | TERÇA | QUARTA | QUINTA |
|-----------------|------------|------------|------------|
| Montenegro | 15° 26° | 12° 29° | 17° 30° |
| Chier | 15° 25° | 12° 29° | 17° 30° |
| Salvador do Sul | 13° 22° | 11° 26° | 16° 26° |



dos comerciários com base no mínimo regional

Na última sexta-feira, o piso dos comerciários de Montenegro e região será de R\$ 805,59. Quem já recebe o novo valor é o Sindicato dos Empregados do Comércio de Montenegro e Região. A importância do piso do comércio é importante para a categoria. Segundo a entidade, o valor do piso do salário regional para a categoria também marca o fim de uma categoria.

um novo acordo coletivo", explica. Ou seja, o salário mínimo regional será a referência de piso para os comerciantes de Montenegro e região até que um novo dissídio seja acertado entre a categoria e os representantes patronais. O piso válido até 28 de fevereiro para os comerciários de Montenegro era de R\$ 795, fechado no Acordo Coletivo de Trabalho em novembro de 2012. A equiparação do piso dos comerciários de Montenegro e região é estabelecida na base II da Lei

No Acordo coletivo fechado no ano passado, ficou estabelecido que a data-base dos comerciários que trabalham em Montenegro e Região seria antecipada de junho para março. As negociações do ano passado duraram cinco meses. "O Ministério Público do Trabalho, em recente nota distribuída aos Sindicatos patronais, manifestou posição no sentido de que as categorias que não tiverem dissídios em vigência deverão receber no mínimo o valor do piso regional, conforme cada base de atividade econômica".

AGENDA

9 horas - Abertura da Semana da Mulher Montenegrina, na Praça Rui Barbosa

20 horas - Posse da diretoria da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) subseção Montenegro, na sede, rua Amauri Daut Lampert, 353

Eventos para publicação neste espaço podem ser enviados para redacao13@jornalibia.com.br, ou divulgados através de contato com a Redação pelo telefone 3649-8600

"Os Sombras" invadiram o Brique



Gina e Everton seguem os movimentos do público

A primeira edição de março do Brique da Estação teve uma agradável e divertida surpresa na tarde deste domingo. Entre as bancas dos artesãos, os artistas do grupo Renascença - Novos Rumos.

Santos explica que Os Sombras iniciou no projeto Viva Bairro do Jornal Ibiá em 2003. A presença no Brique está dentro das cinco ações financiadas pelo Fundo Municipal de

Desenvolvimento da Cultura (Fundesc). A proposta do grupo é da descentralização de suas apresentações, com o projeto Renascença - Novos Rumos.

A presidente da Associação dos Amigos e do Serviço do Patrimônio Histórico e Cultural (Aasepachc) ficou feliz com a presença do atores. Esse clima de festa será a tônica do Brique Festivo pelos 3 anos de existência do projeto na Estação da Cultura. No terceiro domingo de março, dia 17, a tarde terá música, teatro, sorteio de brindes e um bolo. (RE)

Anexo 3: Reportagem sobre o "Brique na Estação" – 4 de março de 2013.

Fonte: Arquivo do Jornal Ibiá.

| local | Montenegro, São

ARTE E CULTURA / EVENTO DO PRÓXIMO DOMINGO MARCA REALIZAÇÃO DE 72 EDIÇÕES



Brique da Estação é realizado em dois principais pontos turísticos de Montenegro

Brique da Estação vai completar três anos

Caetano Cavallarin
cavallarin@pibid.org.br

Um dos eventos mais tradicionais do cenário cultural de Montenegro, o Brique da Estação, está completando três anos de existência. A data vai ser festejada na próxima edição do Brique, que será realizado neste domingo, a partir das 15h. De acordo com uma das organizadoras do evento, Maria Isabel Vargas da Silva, presidente da Associação dos Amigos do Serviço de Patrimônio Histórico e Cultural (Aaspehc) o Brique é realizado desde 20 de março de 2010, com duas edições mensais, no primeiro e no terceiro domingo de cada mês. Assim, o aniversário sempre será comemorado no terceiro domingo de março. "Será uma festa para toda a comunidade montenegrina", afirma Isabel.

Segundo ela, além de reunir as exposições e visitantes, o Brique da Estação também tem como objetivo lutar pela conservação da Estação de Cultura. "O local, cenário do Brique, é apropriado para o desenvolvimento de atividades culturais, envolver a comunidade e movimentar o espaço como um todo", diz. No decorrer dos três anos de atividades o Brique oportunizou manifestações de vários segmentos cujos integrantes tinham o objetivo de mostrar sua arte. Maria Isabel alerta que se trata de um evento popular em que qualquer pessoa pode participar.

A edição especial terá "parabéns à voz" e hoje de aniversário que será comercializado em fatias aos visitantes, como forma de geração de renda para a Aaspehc. Também vai ser realizado sorteio de brindes – desde pelos próprios expositores, entre os compradores do bolo. O Brique da Estação deste domingo vai ter atrações artísticas e culturais, com a presença da banda Blue Fake. Além disso, o microfone do carismático ficará à disposição de quem quiser homenagear o evento com discursos e poesias.

Sempre em busca de novidades

A partir da próxima edição, os visitantes poderão prestigiar a venda de antiguidades, com peças de exposição e venda. Além disso, Maria Isabel convida as colecionadoras da cidade e registo a participarem do evento, como as aficionadas por discos de vinil (os antigos LP's), gibis, moedas, cunetas, ou quaisquer outros objetos.

Eles podem participar com a finalidade de expor, comprar, vender e trocar itens. "Queremos que, cada vez mais, o evento crieça e se torne diversificado", afirma. A organizadora, sugeriu que os expositores coloquem nomes em suas bancas, para que se tornem conhecidas e características do evento.

Encontrar até sábado

A abertura do Encontro Interinstitucional Pibid/Uergs é na manhã de ontem, e Fundação Municipal de Artes de Montenegro (Fundarte), sediada na unidade local da universidade. Paralelamente, o 2º Encontro Interinstitucional Pibid/Uergs e 3º Seminário Arte e Educação. Cerca de 150 acadêmicos participaram e, além de cursos no município

Uergs predo programa

Proporcionar condições acadêmicas é o objetivo institucional do Pibid (Pibid) da Universidade do Sul (Uergs). A meta é desta vez, foi um encontro na cidade.

O primeiro de acesso a oportunidades, afirma a presidente, afirma que o programa bolhas e possui para da Uergs. Para uma bolhas. O primeiro é expando o resultado de dois alunos que Devê observo que ainda é pequena, o que dá e a expansão é as prioridades. Plano de realizar que cursos de Licenciatura em Artes e Música, em Bolhas, sendo 20 pontos parvianos.

Os alunos bolhas A.J. Basso e no Curso Campos, o "Polícia uma intenção na que que encilares", observo cursos da Uergs. Cita acadêmicos que o acadêmicos acompanha o pro

Leonardo Brevetti, por

Anexo 4: Reportagem sobre o "Brique na Estação" – 15 de março de 2013.

Fonte: Arquivo do Jornal Ibiá.

| local | Jornal Ibiá | 5
Montenegro - Segunda-feira, 18 de Março de 2013

COMEMORAÇÃO / BRIQUEIROS, CICLISTAS E ARTISTAS DA CIDADE ESTIVERAM NA ESTAÇÃO DA CULTURA PARA CELEBRAR ANIVERSÁRIO

Brique comemora três anos com festa

Manoela Petry
redacao2@jornalibia.com.br

Já tradicional em Montenegro, o Brique da Estação comemorou três anos na tarde deste domingo com uma grande festa na Estação da Cultura. O evento teve exposição de arte, apresentações artísticas e passeio ciclístico, organizado pelo Grupo Katami em parceria com a Associação Ciclistica de Montenegro (Aciclomont).

De acordo com a presidente do Katami, Fernanda Filla da Fontoura, é a segunda vez que os grupos realizam o passeio ciclístico em prol dos animais atendidos pela Katami. “A inscrição para participar do passeio é um quilo de ração para gato ou cachorro. Em outubro, quando fizemos o primeiro passeio, arrecadamos 75 quilos”, conta. Segundo Fernanda, o passeio ciclístico é feito com o objetivo de arrecadar alimento para os animais e reunir as pessoas para um momento de diversão.

A banca das artesãs Maristela Lassen e Adriana Lassen chamou a atenção da estudante do terceiro ano Ana Beatriz Batista Castro, de 8 anos. “O que eu mais gostei foi desse lápis, que tem um coelhinho de pano na ponta. Amanhã (hoje) vou levar para a escola, para mostrar para todas as minhas amigas”, conta. Para as artesãs, o elogio e a valorização do trabalho por parte do público são os motivos pelos quais elas continuam expondo seus produtos no espaço junto à Estação da Cultura.

De acordo com a presidente da Associação dos Amigos do Serviço do Patrimônio Histórico e Cultural (Aasepach), Maria Izabel Vargas da Silva, o Brique é um local de troca artística que deve ser mantido por muitos anos. “É uma sensação maravilhosa presenciar os três anos desse evento. É a afirmação do efeito na concentração e difusão de todo tipo de produção artística de Montenegro”, destaca.



Passeio ciclístico organizado pelo Grupo Katami, em parceria com a Aciclomont, fez parte da programação de aniversário do brique e percorreu várias ruas

Ferrovário recebe virada cultural

A comunidade da Rua Castro Alves, no bairro Ferrovário, realizou neste final de semana a primeira edição da Rua da Poesia. Além de exposição de arte com espaço dedicado à cultura negra e valorização do trabalho afro no País.

Segundo Maria Izabel Vargas da Silva, organizadora do evento, a proposta comunidade: “Nossa ideia é trazer a rua de volta para o convívio da comunidade. As pessoas acabaram perdendo essa cultura de ficar na rua, nas calçadas



Anexo 5: Reportagem sobre o “Brique na Estação” – 18 de março de 2013.

Fonte: Arquivo do Jornal Ibiá.

local

CULTURA / EXPOSITORES DIVULGAM SEUS PRODUTOS NA SEGUNDA EDIÇÃO DE ABRIL

Artesãos realizam mais um Brique da Estação

Patricia Pacheco de Lima
mpacheco12@gmail.com.br

A temperatura agradável do outono reúne dezenas de pessoas na Estação da Cultura, durante a tarde de domingo, dia 21, para prestigiar o tradicional Brique da Estação, que acontece a cada 15 dias.

A recepcionista Magda Ferreira estava estranhando no evento. Ela expôs em sua banca roupas e acessórios feitos de tricô e crochê. Tudo é feito a mão ou a máquina, os preços variam entre R\$ 18,00 e R\$ 40,00. Magda que gostou da feira pretende expor todos os meses. "É uma oportunidade de conhecer pessoas novas e divulgar meu produto, já que vendo muito pelo boca a boca", diz Magda.

Célia Regina de Oliveira levou para a exposição produtos pouco conhecidos pelo público. Ela cria flores, vestidos e capas para cadernos a base de EVA. "A maioria das peças eu mesma crio, outras ideias eu tiro de revistas ou da internet", explica.

Os irmãos Mara da Rosa e Luis de Brito levaram seus móveis e chaveiros feitos em tecido para o Brique, que dependendo do tamanho pode custar entre R\$ 4,00 e R\$ 40,00. "Faço artesanato desde os 12 anos, gosto do que faço e de expor os produtos aqui na Estação, já que é uma oportunidade para que eles fiquem conhecidos", destaca.

A administradora do Espaço Holístico Phoenix, de Montenegro, Joana Kuser, deixou de participar de algumas edições do Brique, mas retornou nesse domingo para divulgar suas mandalas e sachês perfumados. "As mandalas trazem energia positiva e os sachês oferecem perfume de rosa e lavanda, que servem para colocar no meio das roupas, por exemplo", explica a artesã. Expondo junto com Joana, estava a artista plástica Marilú Feldens, que aplica óleo sob tela desde 1987. "Costumo reproduzir em minhas telas imagens de palhaços, flores, frutas e outros objetos que fazem parte da natureza", conta Marilú.

A próxima edição do Brique da Estação será dia 5, a partir das 15h.



Mara da Rosa e Luis de Brito levaram seus móveis e chaveiros feitos com pano



Marilú (esquerda) é artista plástica há mais de 20 anos



Magda participou pela primeira vez do Brique



Célia cria vestidos e flores em EVA

Anexo 6: Reportagem sobre o "Brique na Estação" – 22 de abril de 2013.

Fonte: Arquivo do Jornal Ibiá.

Jornal Ibiá Terça-feira, 28 de Maio de 2013 **3**

ibiáMais

Gente

Domingo na Estação

O Domingo de sol e temperatura agradável levou muitos montenegrinos aos parques e praças da cidade, seja para tomar um chimarrão ou só jogar conversa fora com amigos e familiares. Na Estação da Cultura, além do já tradicional Brique da Estação, dezenas de pessoas aproveitaram o espaço para passar a tarde. Confira algumas imagens...



Carlos, Cleonice e Maria Luisa Goulart



Solange Bilhar, Guilherme Silva, Lucas Bilhar e Fabiano Bilhar



As primas Regina da Rosa, Ana Boos e Ereni Müller

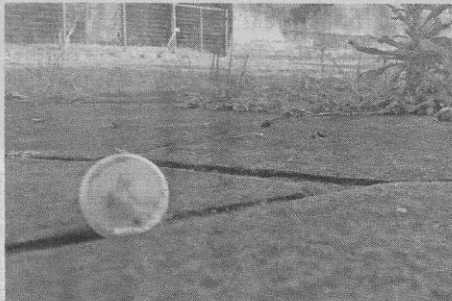


Maria Goreti Schmitt, Mara Helena e Ana Cristina dos Santos

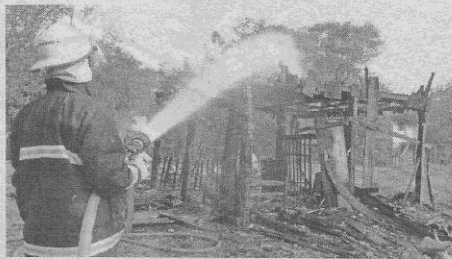
Anexo 7: Reportagem sobre o “Brique na Estação” – 28 de maio de 2013.

Fonte: Arquivo do Jornal Ibiá.

Foto do Colega



DE ANDRÉ R. HERZER Primavera é a estação das flores e cores, período da volta da vida na natureza depois do frio e sóbrio inverno. Essa pequena casca de ovo é um exemplo da natureza que volta a viver em sua plenitude durante a primavera.



Morador precisa de ajuda

Um incêndio destruiu totalmente o casebre onde vivia um catador de papel. O sinistro ocorreu no final da tarde de sexta-feira, na Rua Adelmo Boss, no final do bairro Industrial, e as chamas consumiram rapidamente a construção de madeira com um único cômodo. O homem, que morava sozinho, não estava no local e não pode ser identificado pelos Bombeiros. O melhor caminho para doações é procurar a Assistência Social do Município.

Pelo mundo



Bomba da Segunda Guerra é desativada

Peritos desativaram com sucesso neste domingo, na cidade de Dortmund, na Alemanha, neste domingo, uma bomba aérea de 1,8 toneladas da Segunda Guerra Mundial, em uma operação que obrigou a retirada de 20 mil moradores da região. As equipes de emergência terminaram sem complicações as tarefas de desmontagem da bomba no



NATAL Brique da Estação funcionará três dias por semana a partir do dia

Brique terá horário especial para o Natal

A partir do dia 29 de novembro, o brique da estação terá horários especiais. O "Brique de Natal" vai acontecer sempre nas sextas-feiras, a partir das 18h, e nos sábados e domingos, a partir das 14h.

O local de realização continua sendo a Estação da Cultura. No sábado, 30 de novembro, será realizado um evento de abertura do brique. Além dos já tradicionais artigos presentes na feira, como artesanato,

culinária e produtos da Associação Montenegro de Guardiões das Artes (Amoga), também serão comercializados artigos em geral voltados para o Natal, como enfeites e artigos de decoração.

Prefeitura reduz horários nas segundas e nas sextas-feiras

A partir do dia 1º de dezembro, o funcionalismo da Prefeitura de Montenegro terá modificado seu horário de expediente. Nas segundas-feiras, o trabalho para os funcionários públicos começará às 13h e irá até às 19h. Nas sextas-feiras, o trabalho será das 7h até as 13h. A

modificação da carga horária valerá até o dia 28 de fevereiro de 2014.

Sobre as modificações, o prefeito Paulo Azeredo (PDT) afirmou, através da Assessoria de Comunicação da Prefeitura (Acom), que o novo horário foi analisado e que contempla a vontade dos servi-

dores e também a demanda, usuário da prefeitura porque todos os serviços serão mantidos.

O novo horário nimirá a carga horária servidores, que há sete horas, para as diárias. A prefeitura confirmou se os servidores sofrerão alterações.

Saúde promove conferência no dia

Está confirmada para ocorrer no próximo dia 27 a 10ª Conferência Municipal da Saúde de Montenegro. O evento, que ainda não teve sua programação definida, vai se realizar no Clube do Comércio. A comissão organizadora esteve reunida na manhã de quarta-feira para definir mais detalhes sobre a conferência porém, segundo a secretária



SAÚDE Comissão se reuniu para tratar a comissão não temos os nomes dos. Por enquanto...

Gente

Brique de Natal

Domingo foi dia de encerramento do tradicional Brique de Natal, que fez parte das atividades do Natal Iluminado, reunindo diversos artesãos, sempre às sextas, sábados e domingos, na Estação da Cultura. Para quem curte artesanatos, o Brique da Estação retorna no dia 6 de janeiro. Confira alguns artesãos que fazem parte desse movimento...



As voluntárias da Amoga:
A mãe Inês Maria Sebastiany e a filha
Danielle Sebastiany Schuquel



Elci Franczak e L



Maristela Lassem



Thaís Pagel e Magda Ferreira



Joni Schapuis, Car
Janice Moura



Maria Eliana da Rosa, Maria Luisa Goulart,
Carlos Goulart e Cleonice Goulart



Jussara Sp

Anexo 9: Reportagem sobre o "Brique na Estação" – 24 de dezembro de 2013.

Fonte: Arquivo do Jornal Ibiá.